

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



**A EXPRESSÃO DA DEPRESSÃO E DA PSICOSE NO DESENHO
INFANTIL NA FASE DA LATÊNCIA**

Márcia Isabel Cardoso dos Santos Rosa

Número de aluno

11494

Orientador da Dissertação

Emílio Eduardo Guerra Salgueiro

Coordenador de Seminário

Emílio Eduardo Guerra Salgueiro

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professor Doutor Emílio Salgueiro, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673 / 2006 publicado em Diário da República 2ª série de 23 de Março de 2007.

Gostaria de agradecer ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada e a todos os seus professores, por me terem proporcionado o acesso aos conhecimentos necessários para começar a exercer uma nova profissão.

Em particular, quero agradecer ao Professor Emílio Salgueiro pela sua disponibilidade, pela a ajuda e pela a orientação que me proporcionou.

Também, quero agradecer, ao Professor Jaime Coelho pela sua grande experiência e conhecimento prático que me possibilitou aceder a alguns conhecimentos necessários para poder realizar este trabalho.

Quero agradecer a Clínica da Encarnação, nomeadamente a Dr.ª Manuela Santos e aos pedopsiquiatras responsáveis pelos casos, Dr. Carlos Doblado e Dr. Juan Sanches que me forneceram a amostra necessária para efectuar o meu estudo.

Queria também agradecer a minha família, nomeadamente aos meus pais pelo apoio incondicional que me deram durante a realização deste trabalho.

Queria também agradecer aos amigos, com especial carinho a minha amiga Paula por todo o apoio e incentivo.

A todos um muito obrigada!

O principal objectivo do nosso estudo foi o de analisar se as crianças com diagnóstico de organização depressiva e de organização psicótica manifestariam nos resultados das suas provas projectivas de desenho e, complementarmente, na prova temática infantil, elementos que indiciassem funcionamentos psíquicos diferentes.

Utilizámos uma amostra composta por cinco crianças com diagnóstico prévio de organização depressiva e outras cinco crianças com diagnóstico prévio de organização psicótica.

A cada criança foram administradas as provas de desenho da figura humana, da família e do desenho livre e, as provas temáticas infantis (C.A.T-A/H.), fazendo-se a sua análise e interpretação. Verificou-se a existência de características diferenciadoras de que se destaca, para a organização depressiva, a agressividade reprimida e, para a organização psicótica os dentes, as mãos em flor, garfo ou estrela, a fusão dos membros superiores e inferiores, o desligamento das partes do corpo, a ausência de limites internos e externos, a robotização das figuras e, a inclusão de símbolos irrealis e bizarros.

As organizações depressivas manifestaram menor ambiguidade e maior coesão na percepção corporal, ligação concreta ao real, percebendo-o a sua totalidade. As organizações psicóticas manifestaram distorção corporal, distanciamento ao real, percebendo-o em detalhes e, clivando-o sem o abranger na sua totalidade.

Palavras-Chave: *Provas projectivas de desenho; provas temáticas infantis; Organização depressiva; organização psicótica*

The goal of our study was to analyse if children with depressive or psychotic diagnosis would demonstrate individual differences on their results of drawing projective proofs and Children's Apperception Test (C.A.T.) and, if these individual differences could give indications of different psychological functioning.

We used a sample with five children classified as depressive organization and others five children classified as psychotic organization.

It was administrated to each the child drawing proofs of the human figure, the family and free design and the Children's Apperception Test (C.A.T-A/H.) that was followed by analysis and interpretation. The evidence demonstrated different characteristics between the two types of organization: for depressive organization the most salient was the repressed aggression; for psychotic organization the most salient were, the teeth, the hands with flower, fork or star format, the merge of superior and inferior members, the disconnection between several body pieces, the absence of external and internal bonds, the figures automation and the inclusion of unreal and bizarre symbols.

Depressive organizations manifested less ambiguity and more body perception cohesion, more concrete connection with the reality and a global perception of it. Psychotic organizations manifested body distortion, disconnection with the reality, with partial and detailed perception of reality.

Key words: *Drawing projective proofs; Children's apperception test; Depressive organization; psychotic organization*

ÍNDICE

Introdução.....	1
Desenho Infantil	1
História.....	1
Perspectiva Desenvolvimentista.....	2
Perspectiva Projectiva.....	7
C.A.T.....	9
Fase da Latência na perspectiva da Psicanálise.....	10
Depressão Infantil.....	12
Psicose Infantil.....	16
Tema.....	19
Problema.....	19
Hipótese.....	19
Metodologia.....	21
Participantes.....	21
Instrumentos.....	21

Desenho.....	21
Desenho da Figura Humana.....	21
Desenho da Família.....	23
Desenho livre.....	24
C.A.T.....	25
Procedimentos.....	26
Desenho da Figura Humana.....	26
Desenho da Família.....	26
Desenho Livre.....	27
C.A.T.....	27
Análise dos Resultados:	28
Organização depressiva.....	29
Caso1.....	29
Anamnese.....	29
Síntese do Caso.....	30
Caso2.....	31
Anamnese.....	31
Síntese do Caso.....	32

Caso 3.....	33
Anamnese.....	33
Síntese do Caso.....	34
Caso 4.....	35
Anamnese.....	35
Síntese do Caso.....	36
Caso 5.....	37
Anamnese.....	37
Síntese do Caso.....	38
Organizaçãopsicótica.....	39
Caso 1.....	39
Anamnese.....	39
Síntese do Caso.....	40
Caso 2.....	41
Anamnese.....	41
Síntese do Caso.....	42
Caso 3.....	44
Anamnese.....	44

Síntese do Caso.....	45
Caso 4.....	46
Anamnese.....	46
Síntese do Caso.....	47
Caso 5.....	48
Anamnese.....	48
Síntese do Caso.....	49
Discussão dos Resultados.....	50
Conclusão.....	56
Referências Bibliográficas.....	58
ANEXOS CASOS.....	61
Caso 1 de Organização Depressiva.....	61
Caso 2 de Organização Depressiva.....	70
Caso 3 de Organização Depressiva.....	84
Caso 4 de Organização Depressiva.....	92

Caso 5 de Organização Depressiva	103
Caso 1 de Organização Psicótica.....	114
Caso 2 de Organização Psicótica.....	125
Caso 3 de Organização Psicótica.....	135
Caso 4 de Organização Psicótica.....	145
Caso 5 de Organização de Organização Psicótica	155
ANEXOS DESENHOS.....	165
Caso 1 de Organização Depressiva.....	166
Caso 2 de Organização Depressiva.....	169
Caso 3 de Organização Depressiva.....	172
Caso 4 de Organização Depressiva.....	175
Caso 5 de Organização Depressiva.....	178
Caso 1 de Organização Psicótica.....	181
Caso 2 de Organização Psicótica.....	184

Caso 3 de Organização Psicótica.....	187
Caso 4 de Organização Psicótica.....	190
Caso 5 de Organização Psicótica.....	193

Introdução:**Desenho Infantil:**

O desenho infantil é um instrumento clínico importante no qual a criança, inconscientemente, projecta o seu mundo interno e relacional, mundo que se caracteriza pelas suas vivências pessoais, medos e angústias (Luquet, 1979).

O desenho como um instrumento clínico permite, pela sua natureza de actividade lúdica susceptível de ser partilhada, estabelecer uma relação terapêutica e empática com a criança, permitindo estabelecer um clima de confiança e de segurança e, uma comunicação rápida, fácil e agradável (Di Leo, 1985).

Para além disso, o desenho é também um meio de expressão e de exteriorização: a folha em branco permite à criança exteriorizar os seus conflitos internos, assim como os seus desejos e frustrações (Luquet, 1979). O desenho também permite aceder ao mundo interior da criança e, compreender o funcionamento emocional, relacional e cognitivo: para Piaget (cit. por Thomas & Silk, 1990), o desenvolvimento do desenho aproxima-se do desenvolvimento intelectual, já que este se encontra entre o jogo simbólico e as imagens mentais, servindo de objecto de análise da forma como a criança desenvolve as representações do mundo (Thomas & Silk, 1990).

História:

Surgindo apenas no século XIX (Coelho, 1993), o interesse pelo desenho teve como primeira referência um estudo publicado por Adolf Siret, em 1876, sobre diversas gravuras feitas a partir de paisagens pintadas por uma criança na fase da latência (Frederico Van de Kerkhove). A partir daí, diversos autores se interessaram pelo desenho, seguindo essencialmente duas perspectivas, ambas baseadas nos aspectos evolutivos: (1) a primeira, perspectiva desenvolvimentista, fundamenta-se na evolução do desenho, com base nas características e nas idades; (2) na segunda, perspectiva projectiva, o desenho é visto como a manifestação da dinâmica da personalidade. É esta a mais relevante para o nosso estudo, o qual se efectuou em contexto clínico.

Perspectiva Desenvolvimentista:

De entre os autores que estudaram a importância do desenho, Kerchensteiner (1905) estudou desenhos de crianças alemãs, definindo três importantes etapas de desenvolvimento: a) desenhos esquemáticos; (b) desenhos em conformidade com a aparência visual; (c) desenhos que representam três dimensões espaciais. Outro autor foi Rouma (1913) que, ao estudar desenhos de crianças na Bélgica, descreveu dez estádios no desenvolvimento da figura humana. No entanto, foi Luquet (1979) que mais se destacou, dada a importância dos seus estudos para a análise do desenvolvimento do desenho.

Com base nos desenhos feitos pela sua filha definiu as seguintes fases do desenvolvimento: a) dos 0 aos 18 meses de idade – rabiscos; b) dos 18 meses aos 2 anos – intenção nos traços; c) dos 2 aos 5 anos – realismo falhado; d) dos 5 anos aos 7 anos – realismo intelectual; e) dos 8 anos aos 12 anos – realismo visual.

Dos 0 aos 18 meses – Rabiscos iniciais (garatujas) instintivos, descontrolados, desprovidos de significado e, sem intenção de representar seja o que for. “A princípio para a criança, o desenho não é um traçado executado para fazer uma imagem, mas um traçado executado simplesmente para fazer linhas” (Luquet, 1979 pp. 136). Estes rabiscos são interpretados por alguns autores como exercício e jogo. Não sendo ainda representações, podem ser vistos como apresentações, nas quais os impulsos motores são fortemente dominantes (Thomas & Shilk, 1990).

Dos 18 meses aos 2 anos – A criança começa por se interessar pelo traçado do objecto com intenção de imitar os adultos, principalmente os seus pais. ” Imita, não para fazer aquilo que faz outra pessoa, mas para fazer como essa pessoa; a imitação não é um meio, mas um fim” (Luquet, 1979, pp. 137). No entanto, esta imitação é ainda um processo falhado, já que não basta imitar para se conseguir executar o traçado. A criança, após algumas tentativas falhadas, pode acertar de forma acidental, sendo esta pequena vitória, no entanto, ainda inserida numa produção ainda muito fortuita do traçado.

Numa primeira fase, a criança continua durante mais ou menos tempo a fazer traços sem interpretação figurativa e sem intenção representativa. Porém, os rabiscos executados reflectem movimentos com objectivos de coordenação, dado que nesta faixa

etária, as crianças demonstram conhecimento de um modelo crescente de coordenação viso-motora (Thomas, 1990).

Numa segunda fase, a criança começa a ter um maior controlo. Passa a utilizar a espiral e o círculo incompleto, o modelo visual mais simples, que é designado de círculo primordial (Arnheim, cit. por Thomas & Silk, 1990): este é aberto de um dos lados, servindo de base para a representação da maior parte dos objectos conhecidos da criança, levando-a a descobrir semelhanças entre o seu traço e o objecto que se propõe desenhar. A criança, através deste símbolo, manifesta para além de uma preferência visual, a sua grande necessidade de experimentar. O seu prazer motor deriva da capacidade de continuar a desenhar até que por fim, os seus desenhos são reconhecidos como representações. Os traçados começam a repetir-se com alguma frequência e as semelhanças acidentais fazem com que a criança comece a fazer as suas próprias interpretações, emergindo a passagem da produção de imagens involuntárias para imagens que são voluntárias e, que se verifica, através de desenhos que em parte são involuntários e que por outro lado são voluntários (Luquet, 1979).

Segundo Luquet (1979), as semelhanças fortuitas na execução de figuras passa por dois momentos: (1) semelhança involuntária em que a figura desenhada ainda não é um desenho no seu conjunto, já que a criança ainda não atribui nem significado, nem intenção ao que é representado: (2) a criança percebe que é capaz de tentar reproduzir voluntariamente, sendo os sucessos nestas tentativas favorecidos tanto pelas circunstâncias como pelo automatismo gráfico, levando a criança a tomar consciência da sua faculdade gráfica. “Consciente da sua faculdade gráfica, a criança exercita-a voluntariamente; de facto, a partir deste momento anuncia frequentemente o desenho que vai fazer, antes de o executar.” (Luquet, 1979, pp. 143).

Dos 2 aos 5 anos (Realismo Falhado) – O desenvolvimento do desenho na criança passa por várias etapas do realismo, não se mantendo num padrão fixo, mas sim num modelo de constante renovação e de novas integrações para níveis superiores. À medida que desenha, a criança vai dando interpretações diferentes relativamente à intenção original aquando do início do traçado: o objecto exterior serve apenas de ideia para a criança desenhar, já que, na realidade, o que a criança desenha é o seu modelo interno do objecto. O desenvolvimento destas fases do realismo coincide com o desenvolvimento da representação mental, que se verifica a partir da aquisição lenta de pormenores relativos ao objecto e que, através de modificações, estes se acomodam em níveis superiores de integração.

A intenção realista caracteriza-se essencialmente, na fase do realismo falhado, pela imperfeição na execução do traçado. Paradoxalmente, surgem duas vertentes que se opõem ao realismo: o esquematismo e o idealismo. O esquematismo refere-se à simplificação e redução do número de pormenores do objecto representado, de forma involuntária: “...uma simplificação do objecto representado, que se traduz por uma redução do número dos pormenores reproduzidos e uma execução sumária dos pormenores conservados” (Luquet, 1979, pp.131). O idealismo caracteriza-se pela capacidade que a criança tem de atribuir voluntariamente características estranhas ao objecto desenhado: “...quer acrescentando ao desenho traços supérfluos, quer modificando a forma dos traços correspondentes a elementos reais ou ainda, pelo emprego a que chamamos colorido decorativo” (Luquet, 1979, pp.133). Ambas as vertentes desaparecem, sendo apenas relevantes para esta fase.

Na fase de realismo falhado, a criança começa a aperfeiçoar os esquemas básicos do seu traçado, surgindo linhas nas suas mais variadas formas, primeiro, verticais, depois horizontais e paralelas, sendo estas aquisições ainda muito precoces. No entanto, já existe uma melhoria no seu grafismo, um traçado progressivamente mais firme, em que as linhas descontínuas se tornam uniformes, emergindo o desenho pré-intencional em que, entre a intenção e as capacidades gráficas, ainda existem lacunas a resolver.

A criança começa a ver os desenhos como representação de algo, declarando a sua intenção antes de desenhar e referindo o seu significado depois da realização (Thomas, 1990).

À intenção de reproduzir com realismo, surgem obstáculos de ordem física, na dificuldade da criança orientar os seus movimentos gráficos no sentido daquilo que quer desenhar, de ordem psíquica, pela atenção limitada, levando a criança a desenhar apenas os pormenores principais do objecto, o que não significa ter esquecido os restantes, já que a criança vai enunciando verbalmente os elementos de um objecto real antes de começar a desenhar. Compreendendo a sua existência, apenas não os reproduz no papel. Atribui uma certa ordem aos elementos do desenho de modo que apenas os elementos com importância são desenhados.

A atenção da criança vai enfraquecendo à medida que desenha e quando a atenção está a um nível muito baixo, considera mesmo o desenho incompleto como terminado. Os desenhos apresentam defeitos dado que a criança está tão preocupada em concentrar toda a sua atenção num desses pormenores e muito empenhada em o desenhar, esquecendo aquilo que já desenhou. Mesmo conhecendo a relação entre os

elementos do desenho, não existe ainda uma percepção visual global do objecto, sendo atribuído a estes elementos uma representação muito descontínua (Luquet, 1979).

A incapacidade sintética que resulta destas dificuldades está na origem da imperfeição global do desenho e é uma das características mais importantes desta fase.

O desenho é composto pela representação das diversas partes de um objecto que não estão ajustadas entre si (sincretismo) (Coelho, 1993). Consiste em: (1) não ter em conta as proporções dos elementos, o que resulta do facto de que, quando a criança desenha um novo traçado, não consegue dar atenção aos outros que já desenhou, perdendo assim a noção das proporções dos traçados, (e.g. desenhar os cabelos mais compridos do que as pernas); o exagero das dimensões atribuídas a uma parte do desenho poderá relacionar-se com a sua importância para a criança; (2) espaço disponível na folha: se existe muito espaço disponível, a criança tende a aumentar o seu traçado de modo a ocupar o espaço, mas se o espaço for reduzido, a criança tende a encurtar os traços; (3) dificuldades em estabelecer as relações gerais entre os elementos do objecto (e.g. casas com a porta entre as janelas e a chaminé, bonecos com a boca por cima do nariz ou mesmo dos olhos, bonecos com pernas implantadas na cabeça); (4) dificuldades nas relações de tangencia (e.g. um guarda-chuva ao lado do corpo, um cachimbo fora da boca, um chapéu no ar sobre a cabeça) ou de inclusão (e.g. bonecos cujos olhos se encontram fora do contorno do rosto, botões da roupa fora do corpo) (Luquet, 1913). “Nesta etapa, a criança desenha o que conhece, o que sabe existir e não aquilo que vê e como o vê” (Coelho, 1993, pág. 9).

No entanto, a incapacidade sintética vai diminuindo à medida que a criança mantém o pensamento tanto no pormenor que está a desenhar como nos que já desenhou, passando por um período de oscilação, que poderá ser observável nalguns desenhos e não noutros. A passagem para a fase de realismo intelectual verifica-se entre os 5 e os 7 anos, quando a criança começa a integrar as várias partes do objecto como um todo, no que se refere às suas posições recíprocas, através da capacidade sintética.

Dos 5 aos 7 anos (Realismo Intelectual) – A criança adquire o simbolismo na sua representação, capacidade da criança inventar espontaneamente os seus processos de criação, dando-se a passagem do modelo estático para um modelo mais dinâmico.

Entre os 3 e os 6/7 anos, a criança adquire ao seu próprio ritmo esquemas gráficos como: a linha sinuosa, o círculo, a cruz, o quadrado, o triângulo e o losango, o que lhe permite a representação intencional do mundo interno (Coelho, 1993). Mas,

nesta etapa, surgem características específicas: transparência; planificação e rebatimento; mudança do ponto e vista e, por último, a narrativa gráfica.

Na transparência, são desenhados pormenores que deveriam estar escondidos (e.g. umbigo sob a roupa, cabeça visível sob o chapéu. Esta característica começa a desaparecer entre os 8 e os 9 anos, deixando de existir aos 12 anos.

Outro processo que emerge nesta fase é a planificação que consiste em representar o objecto em projecção no solo, como se fosse percebido em linha recta, visível quando a criança desenha o interior da casa, representando o mobiliário em altura para as peças sobressaírem. Com o processo de rebatimento, a criança preocupa-se em desenhar tudo o que conhece, podendo mesmo representar partes que certamente ficariam invisíveis, como por exemplo: “...num carro as rodas aparecem deitadas ao lado do corpo central; uma mesa tem os pés no prolongamento do tampo” (Coelho, 1993, pp. 10). Este modo de representação tem como objectivo representar não só as bases dos objectos, tais como os pés dos móveis ou as rodas dos carros (Luquet, 1979), mas também as partes verticais, como se pode observar na utilização do rebatimento nos desenhos planificados: “Por exemplo, no desenho de um berço, (fig.113), o corpo do bebé e o folho do berço são planificados, os pés colocados de cada lado, e a haste com as cortinas e, um laço na borda do berço, são rebatidos perpendicularmente aos pés.” (Luquet, 1979 pp.173).

A mudança de ponto de vista manifesta-se quando a criança tem em conta parte de um ângulo do objecto e parte de outro, podendo resultar em situações em que existem dois olhos num rosto de perfil, ou pés de perfil num corpo desenhado de frente (Coelho, 1993). No entanto, para Luquet (1979), o processo de rebatimento já é em si mesmo o processo de mudança de ponto de vista.

Quanto ao processo de narrativa gráfica, este identifica-se quando a criança, ao desenhar, resume vários elementos numa única imagem que simboliza a totalidade de uma história. Estes elementos são representados no mesmo momento da história e só podem ser percebidos simultaneamente (tipo simbólico) (Coelho, 1993). Com este tipo de narrativa, a criança adquire capacidade dinâmica na representação das narrativas no desenho, sendo este processo de narrativa o que mais se adequa ao realismo visual puro, próxima fase do desenvolvimento do desenho.

No entanto, a criança, nesta fase utiliza outros processos de narrativa que são: a) narrativa do tipo Epinal (imagens em quadrados ou rectângulos, divididos por linhas horizontais ou verticais, podendo por vezes ser acompanhadas por uma legenda ou, por uma ordem numérica, com o objectivo de representar um conjunto de imagens, em que cada uma caracteriza um momento diferente da história): b) narrativa do tipo sucessivo (tal como na narrativa gráfica ou simbólica, é composta por uma única imagem, reunindo elementos que apenas podem ser vistos de forma sucessiva, repetindo ou não o personagem principal ou outros elementos na sequência ou mesmo o cenário de fundo com intenção de tornar clara a continuidade ou descontinuidade dos acontecimentos) (Luquet, 1979).

Dos 8 aos 12 anos (Realismo Visual) – Nesta fase, a criança desenha os objectos tal como são percebidos e não como são conhecidos, sendo apenas aos 12 anos que adquire a totalidade desta nova capacidade. Ao passar para esta fase, a criança adquiriu totalmente a capacidade de síntese, conseguindo reunir num único desenho os elementos pertencentes ao objecto que representa, permitindo ultrapassar o realismo intelectual e entrar no realismo visual, o realismo do adulto: ao desenhar apenas um olho num rosto de perfil, a criança explica que o outro não se vê (Luquet, 1979).

Os processos de representação inseridos no realismo intelectual acabam por desaparecer, a transparência dá lugar à opacidade, suprimindo-se os pormenores que são invisíveis, o rebatimento e a mudança do ponto de vista são substituídos pela percepção visual orientada a partir do realismo visual, utilizando-se simultaneamente a perspectiva visual do objecto real e o campo simbólico.

Perspectiva Projectiva:

A perspectiva projectiva é a que mais contribui para o Psicologia Clínica, usando-se o desenho como instrumento que, compondo-se por uma faceta lúdica e por outra projectiva, permite aceder ao mundo relacional e afectivo da criança. O conceito de projecção refere-se a qualquer teste projectivo e define-se como um modo de resposta do sujeito face aos estímulos visuais, em função do seu estado psíquico, com a finalidade de revelar os traços essenciais da sua personalidade (Coelho, 1993).

A exploração do desenho como técnica projectiva surgiu nos anos 30 com o objectivo de compreender a criança na sua dinâmica interna, complementando assim a informação acerca do seu mundo interno e dos seus processos psíquicos.

Esta técnica foi iniciada por Goodnough (cit.por Campos, 2003) que, com base no número de detalhes do desenho da figura humana pretendia criar uma escala para medir a inteligência, mas verificou que este tipo de desenho também permitia analisar os factores de personalidade. A partir do teste da figura humana de Goodnough, diversos psicólogos clínicos começaram a considerar o desenho como fonte segura de diagnóstico e de exploração dos traços de personalidade e de avaliação da inteligência infantil. No entanto, a validade interna desta técnica projectiva de interpretação do desenho depende da presença de elementos complementares de apoio: informação a respeito da pessoa; a associação livre; a interpretação dos símbolos para posterior análise e por último a comparação com outras técnicas projectivas, (Rorschach e TAT) (Campos, 2003).

A interpretação baseia-se nos seguintes elementos: a) uso dos significados dos símbolos considerados provenientes dos mecanismos do inconsciente; b) experiência clínica com os mecanismos de defesa, apenas compreensíveis a partir da estrutura do simbolismo; c) associações do paciente, que dependem da liberdade do simbólico; d) evidência empírica fornecida pelo estudo de caso; e) abundância de simbolização inconsciente existente no desenho; f) correlação entre as projecções do desenho manifestas em diversas fases do tratamento e o respectivo quadro clínico na mesma altura da produção do desenho; g) consistência com outras provas projectivas, bem como com os dados da consulta e da história do caso clínico; h) fundamento em estudos experimentais (Campos, 2003).

Dada a sua natureza não verbal, áreas em que se aplica incluem: crianças muito pequenas; crianças sem escolaridade; crianças com deficiência mental, estrangeiros, mudos; crianças tímidas; crianças de meio social desfavorecido. A estas áreas, L. Bender (cit.por Campos, 2003) acrescenta ainda indivíduos com dificuldades na leitura e crianças com perturbações emocionais que as impedem de expressar a partir de outros testes projectivos (Rorschach e TAT).

“O emprego do Desenho como Técnica Projectiva levou a descobrir que os conflitos mais profundos, frequentemente, se reflectem mais prontamente no papel” (Campos, 2003, pp., 23).

Nas teorias de Freud, a expressão dos desejos e medos inconscientes da criança manifestam-se a um nível simbólico ou de forma disfarçada no desenho. Para a teoria psicanalítica, os sentimentos inconscientes reflectem-se de forma latente no desenho e servem como válvula de salvação, ao providenciar uma descarga que, de outra forma,

ficaria acumulada, servindo assim de catarse para as emoções reprimidas (Thomas & Silk, 1990).

Como técnica projectiva, o desenho diferencia-se em dois tipos: temático e livre. No primeiro a criança são orientados sob o convite para fazer um desenho sobre uma determinada temática (e.g. figura humana; desenho da família). No desenho livre (não temático), perante a ausência de um tema definido, a criança desenha espontaneamente aquilo que quer, obtendo-se uma maior riqueza a nível simbólico, já que a criança pode projectar todo o estado emocional.

Segundo Coelho (1993), Françoise Dolto expandiu o conceito de projecção no desenho tanto ao nível do conteúdo, como ao nível de projecção. No conteúdo, a criança não exprime só os seus sentimentos nem ideias, mas também a imagem total de si, o seu próprio *self*, que é representado pelos investimentos libidinais em diferentes partes do corpo, “ cada criança tem portanto uma imagem dinâmica do seu corpo, resultante dos diversos investimentos libidinais feitos nas diferentes partes do corpo”, (Coelho, 1993, pp.23). Este *self* representado por uma imagem corporal pode ser projectado de muitos modos, ou seja, numa casa, num objecto, num animal e não, apenas como representação humana. As projecções da imagem corporal no período do Édipo tanto podem ser representações humanas, como também desenhos não figurativos, “somente após o Édipo, a imagem do corpo é projectável na representação humana completa”, (Coelho, 1993, pp.24).

C.A.T.:

O C.A.T. conhecido pela designação (Children's Apperception Test, Bellack, & Bellack, 1949) foi inicialmente utilizado como técnica projectiva de avaliação da personalidade para avaliar crianças dos três aos dez anos. O T.A.T. (teste de a percepção temática para Adultos, Murray, 1951) teve a sua última revisão em 1942 e foi esta que serviu de suporte para a concepção do C.A.T. Murray (1951), na sua construção do teste T. A. T., introduziu o uso de pranchas que retratavam cenas com conteúdos ambíguos e instrução livre, permitindo que o sujeito projectasse os seus conteúdos pessoais nas respostas dadas às pranchas, a partir das histórias que era solicitado a elaborar. No entanto, esta nova técnica projectiva, só podia ser usada em adolescentes e adultos. Por isso, os autores do C. A. T. (Bellack & Bellack, 1949) tiveram também a preocupação de perceber os aspectos projectivos das crianças a partir de

pranchas, utilizando um teste que segue o mesmo modelo do T.A.T. De acordo com várias discussões teóricas, Bellack (1949) e outros autores conceberam animais em situações antropomórficas para os conteúdos das pranchas pois, ao usar estas pranchas, a criança teria mais facilidade em se identificar com estas figuras, projectando assim os seus conteúdos pessoais de ordem emocional e vivencial. O autor Bellack (1954) utilizou estas pranchas com representações de animais em cenas que se assemelhavam à vida quotidiana da criança, dando-lhe a possibilidade de se identificar ao material apresentado.

Fase da Latência na perspectiva da Psicanálise:

O conceito de latência emerge com a concepção psicanalítica Freudiana, na sua obra: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905). Nesta obra, Freud distinguiu duas fases importantes de evolução na sexualidade humana: a primeira, encontra-se na infância, entre os 0 e os 6 anos e é a fase em que a criança escolhe o objecto sexual infantil, escolha essa que apenas é percebida a partir dos 2 ou 3 anos. Na segunda fase, puberdade, surge a segunda escolha do objecto, após a renúncia ao primeiro objecto de amor, edipiano, sendo esta mudança de objecto a marca da sexualidade adulta.

Entre estas duas fases, Freud refere também no seu artigo de (1905), que decorre o período da latência, período em que as tendências sexuais são desviadas para fins diferentes, através do processo da sublimação. “Mantém-se, no entanto, a produção da excitação sexual, nunca interrompida, fornecendo um «reservatório de energia» em grande parte desviada para fins não sexuais (de sublimação) ou recalcada e expressa em formações reactivas, (vergonha, moralidade, etc.) ou absorvida nos traços de carácter” (1990, cit. pag 74).

Existem duas sub-fases na latência: uma dos 6 aos 8 e, outra mais tardia, a partir dos 12. No decorrer destas fases, o desenvolvimento implica um esforço de consolidação do eu infantil, uma luta pela maturidade, bem como a consolidação coerente do mundo interior. A aquisição de uma maior maturidade depende também do seu passado afectivo, ou seja, de um desenvolvimento afectivo e intelectual saudável e normal, que permita ter competências para este novo estágio de maturidade. A curiosidade tem também um papel central nesta fase, já que a criança se desloca para fora do espaço da casa e da família, procurando avidamente conhecer outras coisas e, adquirindo competências a partir das experiências do espaço exterior que a rodeia (Ferreira, 1993).

A latência é um período no qual existe uma reorganização dos conflitos, dos mecanismos de defesa e, uma mudança nas relações de objecto. No desenvolvimento normal, verifica-se um desinvestimento dos pais reais, com posterior investimento nas imagens já interiorizadas pela criança, o que faz com que o conflito passe a ser elaborado internamente (Vidigal, 1990), “...evolução da relação objectal e das imagens narcísicas do EU para objectivos mais realistas” (Jacobson, 1964).

Segundo Ferreira (1993), o acesso à compreensão dos conflitos internos da criança faz-se através da relação, das actividades lúdicas e do desenho, dada a ainda ausente máscara dos mecanismos de defesa. Numa latência tardia, os conflitos internos já se escondem por detrás dos mecanismos de defesa, sendo por isso, mais difícil atingir o foco conflitual da criança. Progressivamente, o diálogo perde a espontaneidade e, a abertura ao diálogo, desencadeia-se apenas em temas que não implicam os afectos.

Nesta faixa etária, nomeadamente aos 6 anos, teoricamente, o aparelho psíquico, é constituído por diferenciações internas: o *id*, ou seja a parte pulsional, o *ego*, e o *super-ego*, instância que se liga à interiorização das regras, das interdições e da censura das figuras parentais e que vai ser interiorizada pela criança neste período.

Na primeira fase da latência, entre os 6 e os 8 anos, verifica-se a renúncia edipiana e dá-se a organização do Super – Eu na criança. Os pais são os mediadores do Super Eu, o que significa que as interdições das figuras parentais face aos impulsos internos e desejos incestuosos criem na criança sentimentos de desagrado e de frustração, levando à renúncia edipiana. Esta liga-se à mudança do objecto de amor, para novos objectos de investimento fora do espaço familiar. Para além disso, os conflitos pré genitais e genitais vão ser recalçados, tornando-se inconscientes para a criança e, provocando o fenómeno de amnésia infantil.

A entrada para a escola e a motivação em novos interesses e conhecimentos, faz com que, nesta fase, se verifique uma abstinência parcial ou total da actividade sexual infantil, pois a instância super-egóica controla e recalca os impulsos sexuais através da moralidade e da censura. Sendo a família o primeiro organizador do eu, é a escola que tem, no período da latência, um papel essencial de reparação e de reconstrução, dado que contribui para a aquisição de novas experiências, as quais tanto poderão facilitar a coesão e a maturidade da criança levando-a a viver experiências de gratificação, como poderão dificultar o seu desenvolvimento, reforçando as vivências de frustração (Ferreira, 1993).

Nesta fase, surge também, segundo Ferreira (1993), o sentimento de ter uma identidade própria, e de se identificar com o grupo etário a que pertence, ou seja, surge o sentimento de identificação com outras crianças, reforçando a identidade pessoal. A auto-estima é outro aspecto importante que depende da aceitação por parte dos outros. Desta forma, a rejeição é sentida pela criança como vergonha, humilhação, e inferioridade e, a valorização, é vivida com orgulho e superioridade (Ferreira, 1993).

Depressão Infantil:

A depressão caracteriza-se pela negação do sentimento de perda da pessoa amada (objecto de amor) e, sem aceitação nem elaboração da perda, o luto não se realiza (Matos, 1982): não há uma perda do objecto, pois este continua a ser idealizado e alimentado pelo sujeito no espaço da sua representação inconsciente, forma que este encontrou para não sentir o seu abandono afectivo.

Assim, a perda objectal nos indivíduos deprimidos não é vivida como uma verdadeira perda, já que esta é negada para evitar o ferimento narcísico, ou seja, a lesão no auto estima do indivíduo. São, portanto, indivíduos predominantemente inseguros, cujas acentuadas falhas narcísicas se devem à concentração de toda a sua energia no investimento ao objecto idealizado.

Segundo Matos (1984), existem três aspectos essenciais que definem a estrutura da depressão: (1) a dependência oral – anaclítica; (2) a insuficiência da compleição narcísica; (3) a severidade do Super – Eu.

Na dependência oral –anaclítica, o indivíduo necessita de estar dependente de um objecto protector que, por um lado, proporcione elementos de gratificação (objecto oral) e, por outro, lhe dê apoio e segurança, como se tratasse de um Eu auxiliar. Esta necessidade pode manifestar-se a partir da infância, altura de enorme dependência do bebé aos seus pais, podendo manter-se ao longo da vida do indivíduo, caso este não consiga desenvolver uma personalidade forte capaz de combater a fragilidade do self.

A insuficiência oral anaclítica caracteriza-se por uma baixa auto-estima, uma auto – imagem desvalorizada e um auto conceito diminuído. A severidade do Super Eu, na depressão, é exercida por um Super Eu de natureza materna, construído na relação com o objecto primário, que é cruel para o sujeito, trazendo-lhe limitações que impedem o desenvolvimento narcísico adequado e satisfatório.

A relação inconsciente com o objecto amado é utilizada como uma compensação narcísica nestes indivíduos. A culpabilidade e a agressividade são problemáticas características a ter em conta. Quando a culpa é atribuída ao sujeito por ele próprio e não ao outro, este inflecte a agressividade para si mesmo (inflexão interna da agressividade) com vista a desculpabilizar a outra pessoa, podendo tornar-se auto-destrutiva (Matos, 1984).

Numa primeira fase, a criança passa por um período de desidealização narcísica, na qual a onnipotência infantil e a inflação do eu é condicionada pela experiência do real, projectando a idealização e a onnipotência nos seus objectos de amor, os pais, através da relação objectal que deve ser securizante, para não ser traumatizante para a criança. A segunda fase de vulnerabilidade à depressão, a entrada na latência, implica tanto o recalçamento da sexualidade infantil como a inibição do impulso agressivo, levando a uma desvalorização da auto-imagem acompanhada de sentimentos depressivos, caso não recorra a mecanismos de sublimação suficientemente fortes que direccionem a criança para as actividades escolares (Matos, 1982).

No artigo, “ *Etiologia das Feridas Narcísicas na Depressão*”, (1997) a autora definiu a depressão como uma doença do eu que pode ser gerada em diversas fases do desenvolvimento: (1) nos primeiros tempos de vida, na relação entre a mãe e o bebé, quando a mãe não se deixa envolver através do olhar numa relação de sintonia com o bebé, fornecendo conteúdos imprecisos e respostas desadequadas á necessidade do bebé, o que provoca neste o irrepresentável materno, ou seja, o nada, o vazio. Neste caso a criança espelha-se neste incapacidade de se representar a si própria, denegrindo a sua auto-imagem narcísica, tornando-se dependente e bloqueada afectivamente. “ A mãe da Série Branca não pode ser representada como ausente nem como má. Seriam mães que se ausentam da função materna absorvidas pelo um luto não elaborado. A criança desta mãe sofre de uma carência invisível, uma incapacidade de viver afectos” (Green, 1992, pp. 84). Não se verifica a perda real do objecto já que a criança pode deprimir perante uma mãe presente fisicamente, mas ausente em termos psíquicos. Verifica-se na sequência da perda do amor do objecto (Ferreira, 1991); (2) na fase do desenvolvimento anal, a criança descobre a confirmação narcísica pela descoberta do controlo fecal que é para ela símbolo de poder e onnipotência. A criança usa este poder fecal para se autonomizar da mãe, mas para se sentir poderoso precisa da confirmação materna. Não a tendo, a experiência pode ser traumática quer pela desvalorização, quer pela exigência excessiva de submissão às regras impostas pela figura significativa. Neste caso, a criança

sente-se destituída deste poder perante uma mãe poderosa, fálica e castradora, levando à renúncia narcísica, ou seja, ao uso deste poder. (3) na fase de desenvolvimento fálico-edipiana, que é marcada pela descoberta da criança da diferença anatômica dos sexos, isto é, na identificação da sua imagem a uma identidade sexo. “A ausência de valorização é vivida como falha ou castração” (Ferreira, 1997, p. 89). Os pais devem ter o importante papel de reconhecer e valorizar o sexo da criança, permitindo que a criança construa o narcisismo fálico de modo a contribuir para uma organização elaborada de uma sexualidade futura no masculino ou no feminino. A falha ou desvalorização nesta fase crucial do desenvolvimento, equivale a uma regressão por parte da criança, podendo esta ficar retirada num sentimento de inferioridade, incapaz de amar, comprometendo os relacionamentos futuros amorosos e, questionando a sua própria sexualidade. A passagem pelas constantes situações traumáticas, contribui para uma evolução depressiva na latência e na adolescência (Ferreira, 1997).

A depressão caracteriza-se por perturbação na organização do sentimento de auto-estima: a criança até ao final da latência constrói a sua auto-estima a partir do narcisismo materno, isto é do amor que a mãe investe nela construindo assim uma personalidade forte e segura e uma autonomia adequada. Normalmente, a depressão na criança é o reflexo da depressão na mãe. Aqui a relação é frustrada, já que não há uma mãe que sirva de espelho e que dê à criança uma imagem favorável de si própria. O olhar destas mães é vazio e ausente, sem disponibilidade psíquica para acolher criança, sem funcionar de forma securizante nem contentora, mas sim como algo que se torna pouco acolhedor e inatingível pela criança (Ferreira, 1991).

Também em todos os casos de depressão na criança encontramos uma patologia familiar, ou seja, um núcleo depressivo em um ou em ambos os pais, ou então situações de pais separados, separações precoces á figura materna e até mesmo relação dos pais do tipo Sado masoquista.

Outra circunstância que poderá estar na origem da depressão infantil é a decepção narcísica da mãe: “O nascimento é para a mãe um momento de confronto do Bebé imaginário com o Bebé real, um ponto de confirmação narcísica” (Ferreira, 1991, p. 76), ou seja existe uma correspondência clara entre a depressão da criança e a decepção narcísica da mãe, no caso em que a criança real não corresponde à idealização da mãe, sendo esta mãe incapaz de superar o bebé imaginário que criou para sua própria gratificação narcísica” (Ferreira, 1991, p. 76).

Os sintomas da depressão na criança podem manifestar-se sem passar necessariamente pela tristeza: instabilidade, perda de apetite, queixas somáticas, gaguez, tiques, encoprese, enurese e insucesso escolar na fase da latência (Ferreira, 1991). No entanto, para Santos (João????) a depressão infantil caracteriza-se tanto por inibições, como a gaguez, como por compensações, como o furto ou conversão histórica (e.g. enurese), mas por vezes também se revela através da tristeza ou problemas de conduta.

Para Ferreira (1997), existem algumas características, são sinais que indiciam a depressão na criança: (1) a avidez do olhar, ao procurar o seu objecto securizante, podendo esta avidez estar também ligada a uma insatisfação oral, traduzida por um lado por uma ansiedade insaciável, com fantasias de comer ou, por outro, por uma inibição dos impulsos orais; (2) o vazio que é reflexo da expressão de angústia de perda, ou de ausência de ligações afectivas significativas; (3) a solidão, incapacidade de comunicar afectivamente com o outro; (4) a falha na construção da identidade; (5) a fragilidade do eu, caracterizada por uma auto imagem fraca e sem recursos; (6) a dependência, quando a criança precisa do outro como suporte, fixando-se ao nível das relações, a personagens funcionais.

Para Voelker (2003), a partir dos 6 anos, os sintomas das organizações depressivas podem incluir tristeza, apatia e baixo nível de energia. Outros sintomas que poderão ser frequentes são: dores abdominais, agressividade, dificuldades em estabelecer relações com os pares ou diminuição das capacidades escolares, (Fortinash & Holoday-Worret, 2002; Murphy, 2004; NIMH). Para além disso, estes mesmos sintomas, tal como tristeza e a baixa auto-estima, afectam por sua vez a cognição da criança, contribuindo para a distorção dos pensamentos, assim como para os distúrbios nas funções do corpo. A fadiga e a perda de apetite também estão presentes nesta sintomatologia depressiva (American Psychiatric Association (APA), 2000; Fourtinash & Holoday-Worret, 2002).

Segundo Koppitz, (1968) quanto maior for o número de indicadores emocionais que a criança apresenta no desenho da figura humana, maior a probabilidade de, através do desenho, perceber as características inerentes à depressão e à ansiedade da criança. Os indicadores apresentados pelo autor foram: a) as figuras de tamanho reduzido, que reflectem a tristeza, insegurança, timidez, inadequação, e um ego frágil; b) a omissão da boca, que significa tristeza, timidez e dificuldade de comunicar; c) o corte ou redução das mãos que está associada à infelicidade, inadequação, agressividade e culpa, d) grande assimetria das pernas, que aponta para uma pobre coordenação e

impulsividade; e) braços longos, o que remete para a agressividade como reacção ao ambiente, ou ao desejo de afecto; f) mãos com um tamanho grande, o que remete para a agressividade e passagem ao acto. Existem também outros indicadores qualitativos importantes no desenho da figura humana, tais como: a inclinação da figura, a sombra na cara, nas mãos e no pescoço (Koppitz, 1968).

Psicose Infantil:

Segundo Bion (1990), as primeiras experiências do bebé são muito confusas, dado que está exposto aos estímulos sensoriais sem ter ainda capacidade de os compreender. O bebé projecta estas experiências emocionais incompreensíveis, necessitando de uma mãe que seja capaz de conter e transformar estes elementos, atribuindo-lhes significado e, devolvendo-o à criança. Ao diminuir a angústia catastrófica do bebé, a mãe contribui para o desenvolvimento de uma personalidade não psicótica, sendo esta função reparadora designada pelo autor como função alfa. Quando a mãe não consegue diminuir a angústia do bebé, este fica dividido, sentindo-se confuso, podendo levar a uma clivagem sobre o objecto interno e à construção de uma personalidade psicótica.

As psicoses infantis caracterizam-se por não estruturação da personalidade ou estruturação desarmónica da personalidade: não podem ser definidas apenas numa perspectiva de desorganização ou de regressão, mas em função das próprias organizações e distorções da personalidade que se exprimem ao longo do movimento de estruturação do aparelho psíquico, a partir das relações primárias (Lebovici, 1978; Misés, 1990).

Ao atingir o psiquismo que ainda se está a desenvolver, a psicose infantil afecta não só o que já foi psicologicamente adquirido pela criança, como também aquilo que a criança irá ser.

Os estados psicóticos podem-se definir em dois níveis: (1) estado pré-psicótico – processos secundários com desenvolvimento suficiente para que o indivíduo actue adequadamente durante certos períodos de tempo de acordo com as circunstâncias do meio, sendo, no entanto, facilmente invadidos pelos processos primários, com falhas na integração das fantasias mais primitivas; (2) estado psicótico – funcionamento mental marcado por falência dos processos secundários, angústia exacerbada e defesas inadequadas. Na organização pré-psicótica, existem determinados aspectos polimórficos que a caracterizam: aspectos pseudo neuróticos, pseudo caracteriais, bizarras de

comportamento (resultam de uma insuficiente ligação com o objecto primário e consequente défice na construção do objecto interno) (Lebovici, 1978).

No período da latência, os estados psicóticos têm a sua origem em estados patológicos anteriores, no início da 1ª e 2ª infância. Nestas idades muito precoces existem 2 síndromas importantes: (1) o autismo infantil primário (orgânico) – forte ligação fusional com a mãe, designada de “simbiose patológica” por Mahler (cit. por Tustin, 1972, 1986), com fraca consciência da separação corporal, identidade corporal insuficiente e sem coesão, não usam a linguagem como forma de comunicação (Vidigal, 1990), utilizando objectos transicionais duros; (2) pré-esquizofrenia – problemas de dificuldades respiratórias, metabólicas e digestivas, forma de contacto invasora, dificuldades em focalizar o olhar, caracterizam-se por ter fantasias primitivas e, usam objectos transicionais aos quais se mantêm ligados durante muito tempo (Tustin, 1972, 1986).

Entre os 6 a os 11 anos, a presença de perturbações psicóticas impede o desenvolvimento de processos normais da fase da latência, manifestando-se grande dependência relativamente às figuras significativas, intolerância á frustração, medos incontroláveis, ambivalência, intensa angústia, inadaptação à vida escolar e aos companheiros. Segundo Vidigal (1990), das psicoses mais conhecidas, o autismo infantil (secundário à separação da mãe) leva as crianças na fase da latência a apresentarem reacções hiperactivas ou apáticas, adaptações pobres e, relações instáveis, mas a variedade de perturbações psicóticas depende do modo como a criança organiza o seu objecto psicótico de acordo com a sua experiencia vivencial e com as respostas do meio.

Existem aspectos psicóticos que podem invadir a personalidade no seu geral ou limitar-se apenas a aspectos relacionais ou intelectuais.

As perturbações mais importantes que caracterizam os estados psicóticos na fase da latência são: (1) perturbações do comportamento – estados de ansiedade intensa que se manifestam através de agitação e estereotípias gestuais de expressão do pânico da criança, o que leva a classificar o comportamento como bizarro, estranho e incompreensível para as outras pessoas, podendo ser do tipo expansivo, tais como a agressividade, (hetero, quando dirigida aos outros e auto, quando dirigida ao próprio), a cólera, que poderá levar o indivíduo a destruir os objectos significativos e, a agitação; do tipo restritivo - isolamento ou mesmo negativismo, recusa na realização de actividades (não é muito vulgar surgir a catatonia em crianças); (2) perturbações da linguagem; (3) perturbações de adaptação social, caracterizadas por atitudes e gestos limitados,

impulsivos e inadequados ao meio social, fraca autonomia e, adaptação pobre e sem grande sucesso; 4) perturbações do comportamento instintivo - grande diversidade de perturbações, com possibilidade de recusa selectiva a uma categoria de alimentos ou de todos os alimentos líquidos e semi-líquidos, ou bulimia; 5) perturbações esfínterianas tais como a enurese e a encoprese; 6) perturbações de sono - dificuldades em adormecer devido a uma ansiedade excessiva, terrores nocturnos e pesadelos, com visível actividade fantasmática viva, rituais de adormecimento e necessidade, por parte da criança, de uma presença constante, (7) perturbações da imagem do corpo, que traduzem uma imagem corporal marcada pela ausência de individuação e de integridade física, já que a criança não compreende o corpo como um todo unificado, mas sim fragmentado; (8) perturbações intelectuais - dificuldades acrescidas no desempenho das actividades intelectuais, e no pensamento conceptual, na aprendizagem dos símbolos e nas actividades psicomotoras; (9) perturbações ao nível das actividades fantasmática, reflectindo uma vida imaginária intensa, onde não há distinção entre a vida real e a vida imaginária – a criança vive encerrada no seu mundo de fantasia. As alucinações psíquicas e auditivas são raras antes dos 8 a 10 anos, pois ainda não há uma elaboração da actividade delirante (Lebovici, 1978)

Segundo Aubin (1967), o desenho da criança na fase da excitação psicótica é caracterizado por uma figura humana grande, agressiva, violenta e caricatural e, o desenho em si é burlesco e mal feito. Na fase da depressão, a figura desenhada é de tamanho reduzido, com traço fraco e, no desenho livre, o ambiente é triste, dado que as árvores se apresentam sem folhas, por vezes com sombras escuras representando o mundo interno obscuro cheio de fantasmas e medos (Wallon, 1990).

Segundo Wallon (1990) quando se usa o geometrismo na representação da figura humana remete-se para uma organização psicótica: quando a criança psicótica apresenta problemas de paranóia, bem como uma acentuada agressividade, com tendência para um delírio de perseguição e ideias megalomaniacas, surgem elementos significativos verificáveis a partir da análise do desenho: uma testa grande, uma super valorização dos olhos (caracterizados pela sua presença, tamanho e sombra bem como, pela desconfiança que se reflecte a partir da forma como os olhos estão representados).

O surgimento das orelhas remete para a existência de alucinações auditivas. No desenho típico da criança psicótica, a figura não expressa dinamismo, apresentando-se sem pescoço, sem pés, sem tronco, sendo caracterizado por um corpo desproporcionado, exibindo por vezes a fusão dos membros superiores e inferiores. Por vezes o corpo tem

um formato ovóide, com uma testa enorme e uns olhos exorbitantes. Também é frequente o uso das mãos em flor ou em estrela acrescentando-se, para além disso, personagens desenhadas com um formato estereotipado. O desenho é marcado por repetição de esquemas, rigidez e ausência de dinamismo, com alguns traços faciais distorcidos.

Nestas crianças, o desenho livre a partir dos sete anos, caracteriza-se pela sua desorganização e pelas formas irrealistas provocadas pela invasão fantasmática, podendo haver ausência total de cor, mas também o uso aberrante do espaço e das cores.

Tema:

O tema do trabalho tem a designação: “*A Expressão da Depressão e da Psicose no desenho Infantil na Fase de Latência*”. O design do estudo vai ser qualitativo, baseado na comparação dos desenhos e do (C. A. T – A/H), provas projectivas que servem como instrumentos principais a esta pesquisa. O estudo comparativo terá em conta cinco casos de crianças com uma organização depressiva e cinco com uma organização psicótica.

Este estudo tem como principal objectivo analisar as semelhanças e as diferenças entre a organização depressiva e a organização psicótica através de um estudo comparativo a partir das provas apresentadas. O uso da anamnese, irá possibilitar o acesso aos dados pessoais como forma complementar de estudo e análise dos desenhos, permitindo a contextualização dos desenhos de cada criança às suas experiências vivenciais.

Problema:

Será que as crianças com diagnóstico de organização depressiva e organização psicótica manifestam nos seus resultados das provas projectivas (desenho da figura humana, desenho da família, desenho livre e a prova temática infantil – C.A.T.), funcionamentos psíquicos diferentes?

Hipótese:

Se as crianças tiverem um diagnóstico de organização depressiva, então os desenhos e a prova temática infantil (C.A.T – A/H), apresentam algumas características

específicas que são diferenciadoras relativamente ao diagnóstico das crianças com organização psicótica.

Metodologia:**Participantes:**

Participaram neste estudo 10 crianças, cinco com diagnóstico de organização depressiva, dos quais 1 é do género masculino e 4 do género feminino, com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos e, cinco com diagnóstico de organização psicótica, dos quais 4 do género masculino e 1 do género feminino, com idades compreendidas entre os 6 e os 9 que frequentam uma Unidade de Pedopsiquiatria na Clínica da Encarnação que pertence ao Hospital Dona Estefânia, no Concelho de Lisboa.

Instrumentos:**Desenho:**

O desenho é um meio de expressão e de exteriorização, uma forma de estabelecer uma ligação rápida, fácil e agradável com a criança (Di Leo, 1985), permitindo estabelecer um clima de confiança e de segurança e, um meio em que a criança, num acto espontâneo, projecta o seu mundo interno e relacional caracterizado pelas suas vivências pessoais, medos e angústias.

Desenho da Figura Humana:

Utilizou-se a versão dos autores, tais como: do Di Leu, (1985) que considera a figura humana como uma unidade, ou seja uma figura que represente um todo integrado, mesmo quando a figura está ainda sobre a forma de girino, representa uma pessoa completa, pois as partes apresentadas são percebidas como uma representação essencial da pessoa. Ainda segundo este autor o fracasso na integração da figura poderá remeter para projecções associadas a desordens da personalidade. Um outro autor importante para este estudo foi Manchover, (1949), que considera a figura desenhada, ou seja a projecção do corpo como um meio de expressão do self, ou seja, segundo ele, o desenho da pessoa remete para a projecção da imagem corporal, como um veículo de expressão das necessidades e conflitos do corpo. Outro autor apresentado foi Campos, (2003) que considera o desenho como uma técnica projectiva que representa uma “ Gestalt” organizada, o desenho da figura humana é assim percebido como a projecção da personalidade do sujeito.

No desenho da figura humana, a criança projecta a sua imagem corporal e as vivências internas que tem a respeito do seu corpo, permitindo detectar não só os distúrbios na identidade género da criança, mas também, algumas fragilidades emocionais e cognitivas, através da análise aprofundada das várias partes do corpo. Permite também verificar a coesão corporal ou a desintegração dos elementos do corpo no caso de uma patologia, mais severa como é o caso da psicose.

Evolução:

Segundo a autora Marthe Bernson, (1966) existem três momentos evolutivos: o 1º) vegetativo-motor: neste a criança por volta dos 15 meses começa por fazer um traçado na tentativa de imitar algum familiar, ou seja o prazer centra-se no movimento das mãos, os traços ainda são impulsivos e descoordenados, muitas vezes com tendência a transbordar a folha de papel, a criança não levanta o lápis enquanto desenha; 2º) é o momento representativo: este surge aos 2 anos, neste já existe um maior controlo da motricidade, tentando configurar a realidade que a rodeia, nomeando-a, existe uma maior coordenação e combinação de traçados, e formas geométricas rudimentares, representadas isoladamente no papel; 3º) é o momento comunicativo este surge entre os três ou quatro anos, nesta fase, é notória uma evolução na coordenação motora e no controlo de traços circulares, construindo por combinação os traços que já conhece dando origem ao aparecimento da primeira pré-configuração da figura humana, o boneco girino.

Segundo a Autora Aguiar, (2004) no final dos três anos a criança tem uma postura muito egocêntrica desenhando o boneco girino com frequência, preocupando-se em retratar as partes que mais lhe interessam, ou seja, a cabeça com boca e olhos e as extremidades com as quais se move. A partir desta idade até aos 5 anos a criança, começa a participar mais no seu mundo envolvente e social o que permite o aparecimento de figuras com antenas ou pernas muito compridas, assim como o domínio dos olhos e da boca, revelando o desejo de comunicação com os outros, a figura aparece solta na folha, pode aparecer também a transparência. A partir dos cinco anos a criança começa a agrupar os elementos do desenho, surge a linha do solo, e os tamanhos da figura tende a diminuir. Aos seis anos no desenho surge os primeiros movimentos mediante a representação dos braços e pernas e dos pés no sentido de movimento, nesta altura surge também o pescoço. A partir dos 7 a criança começa a

fazer a figura humana cada vez mais diferenciada sexualmente, pode surgir também acessórios. Aos 8 anos surgem figuras humanas mais direccionadas para a actividade profissional. Por volta dos 10 anos a criança utiliza no seu desenho as diferenças etárias. A partir dos 10 a criança começa a desenhar seres reais, como ídolos, denotando-se no desenho uma maior preocupação no detalhe das partes do corpo, por exemplo a inclusão de músculos na figura desenhada. A partir dos 12 a criança com a entrada na puberdade surgem modificações sua imagem corporal reflectindo-se no esquema corporal figurado.

Desenho da Família:

Utilizou-se a versão dos autores Hammer, (1958); Hulse, (1951), Koppitz, (1968) que basearam o seu trabalho no estudo tradicional sobre o teste do desenho na família, (FDT), o qual é pedido a criança para desenhar uma imagem da sua família, escolhendo livremente quem quer representar no seu desenho da família sem restrições. Este teste permite observar as pequenas variações, especialmente as omissões de certas partes do corpo, assim como pessoas ou a inclusão de membros não familiares, (Koppitz, 1983). Este teste permite visualizar também as relações e interacções familiares, mas estas relações não são observadas numa perspectiva dinâmica como acontece no “ Kinetic Family Drawing” desenvolvido por Burns e Kaufman, (1970) no qual é pedido a criança para desenhar a sua família a desempenhar algum tipo de acção, isto permite observar as relações dinâmicas dos membros da família e as respostas adaptativas e defensivas na actividade desempenhada pela família.

No desenho da família, convida-se a criança a projectar para a folha de papel os conflitos relacionais dentro do seio familiar. O tamanho e a ordem com que cada uma das figuras desenhadas pela criança se apresenta, levam a concluir qual a figura que tem maior destaque para a criança, interpretando-se, segundo Hulse que a primeira é a figura de maior relevo, positivo ou negativo (cit.por Campos, 2003). Permite conhecer a situação da criança dentro da família, consoante o tipo de plano (inferior ou superior) e, a ordem que a criança se desenha a si mesma (primeiro, segundo...ou último lugar) ou mesmo quando não se desenha de forma alguma, forma evidente de se sentir rejeitada. A verbalização utilizada pela criança durante a realização do desenho fornece também informações importantes sobre a família em que está inserida.

Para a análise das relações da criança com os elementos da família (Hulse, cit. por Campos, 2003) as características mais importantes são: a) figuras desenhadas a negro, podendo significar conflito com os familiares; b) a figura riscada que pode significar problemas em relação a essa figura; c) a família desenhada num quadrado, podendo demonstrar o desejo por parte da criança de se libertar da família em que está inserida; d) a figura dentro de um conjunto circular, o que poderá significar a vontade inconsciente que a criança tem de eliminar esta pessoa ou, ao contrário, de pôr em relevo uma pessoa que representa grande importância para esta; e) a figura riscada após desenhada, que poderá ser representativo do desejo de afastar essa pessoa; f) a representação do próprio em primeiro lugar, podendo ser considerado um mecanismo de compensação, mas também de egocentrismo.

Desenho Livre:

No desenho livre, a criança desenha espontaneamente aquilo que quer, fazendo emergir a sua riqueza ao nível simbólico, as projecções da sua experiência emocional e, a riqueza do seu mundo imaginário. Este tipo de desenho apoia-se nas concepções dinâmicas da psicologia e da psicanálise, nomeadamente na sua noção de símbolo e, nos mecanismos de defesa (Coelho, 1993). O simbolismo das cores é também um factor importante para a compreensão do desenho livre da criança.

Segundo a autora Aguiar, (2004), o uso das cores no desenho infantil deve ser contextualizado de acordo com as diferenças e histórias individuais de cada criança. Na interpretação das cores devemos ter em conta como a criança a utiliza, onde coloca na folha, a quantidade e a intensidade que dá, e quais as figuras e objectos que foram coloridos ou deixados sem cor. O simbolismo do espaço segundo, a autora Aguiar, (2004) é também é um aspecto importante a ter em conta no desenho livre, mas este tal como a cor deve ser contextualizado com a história da criança. O cenário gráfico é também um factor importante no desenho livre e revela aspectos da vida da criança e como esta se sente inserida no seu contexto social e afectivo, como por exemplo a casa, a fumaça da chaminé., assim como do animais e aspectos ligados a natureza como o sol, a as nuvens, as flores e a árvore, assim como animais.

Segundo Widlocher, (1971) o desenho livre, exprime reacções emocionais do momento e atitudes afectivas perante determinadas situações.

C.A.T:

O C.A.T. foi publicado em (1949) por Leopold Bellack e Sonia Sorel Bellack, como uma técnica projectiva de avaliação da personalidade. Constituído por pranchas, estas contêm estímulos suficientemente ambíguos, que desencadeiam a elaboração de histórias que evocam respostas projectivas por parte das crianças: nestas projecções as crianças retratam as suas emoções e os seus conteúdos pessoais. Como principal objectivo, capta-se o mundo vivencial e a estrutura afectiva da criança. É um método simultaneamente projectivo e perceptivo, de investigação da estrutura da personalidade, do processo emocional e, de caracterização de capacidades perceptivas.

O C.A.T-A (Bellak, & Bellak, 1949) consiste em 10 pranchas (formato 26 cm x 22 cm) que representam animais em várias situações do quotidiano. Para cada situação, estão desenhadas figuras mais ou menos esbatidas a preto e branco, representando animais familiares e selvagens, variando-se a espécie a que pertencem consoante a prancha. Este teste pode ser usado em crianças de ambos os sexos e para as idades compreendidas entre os 3 e os 10 anos.

No C.A.T.-H (Bellak, & Bellak, 1992), teste que serviu o presente estudo, as figuras animais foram substituídas por figuras humanas, porque este novo conteúdo é mais estimulante e mais sugestivo para determinadas crianças, nomeadamente as crianças entre os 7 e os 10 anos com um índice cognitivo elevado, crianças com idade superior a 10 anos ou mesmo como estímulo de acesso a organizações depressivas e psicóticas.

O C.A.T. como prova temática permite observar e compreender: a) as relações da criança com as figuras significativas, (mãe e pai); b) problemas com génese na fase oral; c) rivalidade fraterna; d) esclarecer atitudes perante as figuras parentais; e) compreender a forma como as figuras são percebidas pela criança, bem como o relacionamento das crianças com os seus pais numa unidade triangular; f) analisar, em algumas pranchas o complexo de Édipo e, a sua culminação na cena primária, como por exemplo a fantasia que as crianças criam quando vêem os pais na cama juntos.

Reflectido através das pranchas, aparecem também outras temáticas ligadas à agressividade e à castração; à depressão ligada ao sentimento abandonico: aos comportamentos higiénicos e ao nível de responsabilidade dos pais sobre estes.

Procedimentos:

Os participantes foram indicados pelos pedopsiquiatras mediante os diagnósticos de organização depressiva e de organização psicótica.

A estagiária encaminhou os casos para o presente estudo, seguindo-se a execução da avaliação psicológica, caso a caso, com base nos instrumentos acima descritos.

A criança foi convidada a entrar num sala com privacidade onde a estagiária procedeu à aplicação dos instrumentos:

Desenho da Figura Humana:

Não existe controlo de tempo.

Pede-se à criança para desenhar um rapaz ou uma rapariga à sua escolha, utilizando como material uma folha A4, colocada na posição horizontal e lápis, sem possibilidades de utilizar borracha.

As perguntas mais utilizadas perante este desenho são: “Quem é esta figura?”, “qual o nome que lhe dás?”, “o que é que ela está a fazer?”, “que idade tem?”, “o que gostavas de ser quando fosses grande?”. Todas estas perguntas servem como complemento ao desenho já realizado pela criança.

Desenho da Família:

Não existe controlo de tempo.

Pede-se à criança para desenhar uma família imaginária ou, a sua própria família, utilizando como material uma folha A4, colocada na posição horizontal e lápis de carvão, sem possibilidades de utilizar borracha.

Após a execução do desenho, registaram-se informações pedidas à criança mediante a ordem com que esta foi desenhando os elementos da sua família, tais como: “Quem é o mais simpático?”; “E o menos simpático?”; “Quem é o mais triste?”; “Quem é o mais feliz?”, “quem é que gostas mais?”, “quem é que gostas menos?”, (Por vezes, acrescentam-se a seguintes questão: se fossem todos passear de carro e não houvesse lugar para um deles quem é que ficava em casa e não ia passear?” esta questão é colocado quando pretendemos perceber a importância da criança na família.

Desenho Livre:

Não existe controlo de tempo.

Pede-se à criança para fazer um desenho à sua escolha, utilizando como material uma folha A4, colocada na posição horizontal, canetas ou lápis de cor /cera ou, ambos, sem possibilidades de utilizar borracha.

Após a elaboração do desenho, pediu-se á criança para contar a história deste desenho. Caso a criança não responda espontaneamente, não se forçam as respostas.

C.A.T:

O critério de aplicação entre os dois C.A.T. (A/H) foi aleatório, conforme as necessidades sentidas pela Psicóloga Clínica.

Após estabelecer uma boa e adequada relação com a criança, podem-se apresentar os cartões.

A aplicação do C.A.T impõe como regra essencial apresentar a totalidade dos cartões, um a um, por uma ordem fixa, do primeiro ao décimo cartão, tentando realizar toda a prova numa única sessão. Esta disposição do material permite respeitar a ordem das implicações latentes que a criança introduz através das suas narrativas. A duração da prova é em média a de 30 minutos, mas deve ser mais reduzida quando aplicada a crianças pouco motivadas para a expressão das suas narrativas, bem como em crianças mais pequenas.

Não se deve aplicar o teste num modo *standard*, mas sim personalizado a cada criança, a fim de favorecer a melhoria da sua expressão verbal, já que o teste é apresentado individualmente, devendo ser aplicado tendo em conta um quadro relacional entre o terapeuta e a criança.

A aplicação inicia-se mostrando os cartões pela sua ordem correcta e dando a seguinte instrução: “*A partir de cada uma das imagens que te vou apresentar, gostaria que me contasses uma história sobre elas, pode ser?*”. No entanto, em crianças imaturas ou pouco familiarizadas com as histórias, deve-se modificar a formulação do pedido para que a criança perceba o sentido daquilo que lhe está a ser solicitado pelo clínico, podendo utilizar-se expressões como: «dizer o que se passa»; «o que acontece», ou noutros casos, «dar o nome aos animais», ou mesmo “era uma vez”: formas estas que despertam o interesse da criança durante a aplicação do teste.

Durante a aplicação, poderá haver algumas intervenções de vários tipos: encorajamento, incentivos ou perguntas. As perguntas aplicam-se mais a crianças mais velhas com o objectivo de fazer emergir afectos e sentimentos que estejam latentes na criança, permitindo ligar a narrativa a uma representação feita pela criança através do material proposto no teste. Para além disso, quando surgem confusões na linguagem, o clínico não deve tentar modificar o discurso, pois este precisa de representar as emergências projectivas da criança de um modo espontâneo e não de forma trabalhada.

Análise dos Resultados:

Foi executada a análise e interpretação dos desenhos e da prova temática infantil (C.A.T.-A /H.), após a sua administração às crianças, com base na fundamentação teórica de Campos (2003), Di Leo (1985), Machover (1949) e Aguiar (2004) no que se refere às provas de desenho e de Boekholt (2000) no que se refere à prova temática infantil (C.A.T.-A. /H.). Nas provas de desenho, a análise e interpretação foram contextualizadas de acordo com a anamnese.

Para cada caso, tanto para a organização depressiva como para a organização psicótica, apresenta-se a descrição da anamnese e da síntese da análise de resultados. As análises individuais de cada uma das provas, bem com as respostas das crianças à prova temática infantil (C.A.T.-A. /H.) estão em anexo.

Organização depressiva:**Caso 1:****Anamnese:**

A (C.A.) é uma menina com um aspecto saudável e rechonchudo, com 9 anos de idade. Vive com a avó, mãe, padrasto e, uma irmã Lúcia, de seis anos que tem a mesma mãe, mas é filha do padrasto. Recentemente nasceu outra menina desta mesma relação, a qual dura há seis anos. O pai da (C.A.) abandonou-a quando esta tinha 6 anos de idade, telefonando-lhe de vez em quando e dizendo-lhe que aparece, não cumprindo nunca esta promessa. A (C.A.) tem dificuldades de aprendizagem, principalmente na leitura e escrita, troca um pouco as palavras quando fala e, segundo a avó, não consegue manter uma conversa do princípio ao fim. Na escola, repetiu a 1ª classe.

Na primeira entrevista e única com a presença de um adulto familiar, participaram a (C.A.) e a sua avó.

Tendo em conta o relato da avó, esta menina de vez em quando entra no seu mundo imaginário prejudicando o seu desempenho nas tarefas escolares. Nos recreios, brinca muito pouco tempo com as outras crianças, pelo que a professora vai dar com ela sistematicamente a brincar num cantinho com os brinquedos. Não gosta de ir brincar para a rua. Isola-se em casa no seu sítio preferido, a sala de jantar e, envolve-se nas suas fantasias, no seu mundo imaginário, entretendo-se a jogar computador e *playstation* e, passando grande parte das tardes sozinha. Tem uma relação muito boa com avó chamando-a de mãe, enquanto que à própria mãe chama de mãe Patrícia (nunca foi ouvido à C. A. tratar a mãe por mãe e a mãe trata-a por C.A.).

A avó diz que a mãe também fala com a (C.A.) de modo diferente do que com a Lúcia, a sua irmã de seis anos. Houve uma vez que a avó esteve fora e a (C.A.) teve um episódio de enurese nocturna. Dorme sempre com a avó, na sua cama. A avó que a (C.A.) é a sua companheira, e que quando a (C.A.) era pequenina costumava levá-la para a cama quando esta chorava. Através do contacto com a (C.A.) confirma-se que a avó a habituou a esta rotina, embora a avó afirme que sempre quis que a neta fosse para a sua própria cama, mas esta sempre recusou ir. É o padrasto que, por vezes, a obriga a ir para a sua cama.

Enquanto vivendo com a sua mãe e o seu pai biológico, a avó e o avô também habitavam a mesma casa, mas o avô faleceu há 11 meses atrás. Embora a avó afirma que queria que a neta saísse com a mãe, a (C.A.) só se sente bem perto da avó, segundo a opinião desta.

A avó diz que após o nascimento da irmã de seis anos, a Lúcia, a mãe começou a dar mais atenção ao bebé, conseqüentemente, a (C.A.) começou a isolar-se no mundo dela. A mãe teve recentemente outra menina, a Ana Rita.

Também segundo a avó, a relação com esta irmã, a Lúcia, é uma relação um pouco atribulada porque a (C.A.) sente ciúmes e quer mais atenção por parte da mãe. Agravando-se a situação com o nascimento da irmã Ana Rita, a (C.A.) tem mostrado vontade de ser o bebezinho da família e não a irmã mais velha.

Síntese do Caso:

Atendendo a análise dos desenhos e da prova projectiva (C.A.T-A), podemos concluir que pelo tamanho das imagens dos desenhos apresentados pela menina que esta recorre a fantasia como mecanismo de compensação as suas necessidades afectivas, actuando mais a nível dos impulsos. Para além disso, a menina nos desenhos, principalmente no desenho da figura humana e da família representa através da forma como estão desenhados os elementos de ligação, (braços e mãos) um contacto superficial na interacção com os outros, tendo em conta outros aspectos demonstra também uma insegurança geral em caminhar no seu meio envolvente, para além disso, outros elementos apresentam-se significativos, como os sentimentos de inferioridade, insegurança, desvalorização pessoal, assim como, uma grande imaturidade afectiva psicosexual e dependência as figuras significativas mãe e avó, é também visível uma agressividade reprimida pela forma como desenha os troncos e pelo tamanho das mãos.

Existem outros factores também importantes que podem levar a estruturar uma organização depressiva na C.A, um dos aspectos é o desejo que a C.A manifesta em identificar-se com a figura materna e não conseguir alcançar na mãe uma base de apoio e de securização, procurando na avó a segurança que necessita. No desenho da família desenha-se em último lugar caracterizando-se como a mais triste, representando-se no seio familiar como a figura que apresenta o tamanho mais reduzido revelando desta forma, uma baixa auto estima o que poderá indicar que se sente um pouco a parte no seio familiar, levando a sentir-se rejeitada e pouco acolhida neste meio.

Devido a falha na relação com a figura materna, esta menina apresenta sintomas psicossomáticos e regressivos, como a enurese nocturna. No desenho livre, o facto de desenhar um animal que representa um gata ferida pode simbolizar a personificação de si própria ferida narcisicamente, por um pai biológico que a frustra emocionalmente e por uma irmã que a subjuga aos seus caprichos, as cores utilizadas podem ser um indicador de sinais de depressão, pois a menina coordena o castanho e o roxo entre si.

Na prova projectiva temática (C.A.T-A) foi nítido o desejo de aprovação por parte da mãe, a (C.A.) parece ter um papel de prestadora de cuidados, e de contenção, em vez de ser ela a receber os cuidados que precisa, revelando necessidade de protecção e contenção. Além disso, também evidencia dificuldades em gerir a solidão mostrando uma grande dependência a figura materna. Contudo em algumas pranchas a menina demonstra uma ambivalência entre a dependência e a autonomia o que pode ser um factor de crescimento.

Podemos assim, concluir que a C.A. poderá ter uma organização depressiva, devido a uma família disfuncional e pouco securizante o que contribui para uma instabilidade afectiva, e para elementos de fraca valorização pessoal e de marcada carência afectiva, proveniente de uma procura incessante de afecto que não consegue encontrar no contexto em que vive.

Caso 2:

Anamnese:

Na primeira observação psicológica a (P.A.) veio acompanhada pela mãe, durante toda a sessão a mãe dialoga com a Dr.^a Manuela Santos contando a história de vida da filha, a menina permaneceu calada, tinha um aspecto cuidado.

A (P.A.) tem 9 anos e está a frequentar o 3º ano de escolaridade, nunca repetiu de ano e entrou com 7 anos para a escola devido a sua data de nascimento.

A mãe afirma que a (P.A.) é uma boa aluna, mas que piorou desde há 6/7 meses para cá, principalmente em matemática. Segundo a mãe, a (P.A.) está na escola desde as 9h até as 15:30 e depois das 16h às 17h vai para o centro de estudos. A mãe referiu que a professora já a tinha chamado a atenção para o facto da (P.A.) ser muito parada, quieta

e inibida, mas que foi no centro de estudo que a alertaram com mais ênfase para este problema.

A mãe refere também que a menina anda triste e não fala com ninguém refugiando-se em casa, diz também que a (P.A.) sempre foi um bocado assim, mas que agora piorou, segundo a mãe esta nunca gostou de brincar, gosta é de estar deitada a ver televisão, a mãe diz que ela foge e não quer brincar com os amigos.

De acordo com o discurso da mãe, esta diz que a (P.A.) é muito responsável e pensa muito na vida, diz também que a filha é uma criança sensível, pois quando lhe dizem qualquer coisa chora logo. A mãe da menina refere que a irmã da P.A de 7 anos está a ser seguida pela Dr.^a Filomena (Chefe de equipa do departamento de pedopsiquiatria no bairro da Encarnação), segundo as palavras da mãe esta é o oposto da (P.A.), pois é muito mexida, por isso está medicada para andar calminha, porque não pára um segundo.

A (P.A.) tem irmãs, uma com 7 e outra com 4 anos, a mãe está divorciada do pai das meninas há 7 anos, este é camionista e ausenta-se com frequência só quando regressa, isto acontece uma vez por mês é que vai ver as filhas, este também já tem um novo relacionamento. Actualmente, a mãe da (P.A.) diz dar-se muito bem com o homem com quem vive, este tem 35 anos e é padeiro, a mãe tem 36 e trabalha numa porcuária, segundo a mãe a (P.A.) chama pai a este homem.

Esta menina dos 4 meses a um 1 ano de idade esteve com uma ama a partir desta idade até aos 4 anos, esteve com a avó materna, porque a mãe trabalhava de noite

Segundo a mãe, esta disse que sempre teve casa própria, mas como trabalhava de noite, ia para casa da sua mãe para ter apoio.

.

Síntese do Caso:

Tendo em conta os desenhos, assim como a prova temática, (C.A.T-A) a menina evidencia aspectos que indicam uma possível organização depressiva entre os quais o recurso a fantasia como mecanismo de compensação para as suas carências afectivas, insegurança, uma expressão facial de tristeza como é visível na figura do desenho livre, imaturidade afectiva, uma interacção pobre e superficial com os outros, uma insegurança em caminhar no seu meio envolvente, como se pode ver a partir do formato

dos pés, assim como aspectos associados a ansiedade devido a utilização do sombreamento no desenho, nomeadamente no cabelo.

No desenho da família a menina desenha-se em último lugar, o que poderá ser um indicador de uma baixa auto-estima, mas também, de um sentimento de rejeição, falta de afecto e sentimento de não pertença num seio familiar disfuncional. O facto desenhar em todas as figuras os braços abertos pode indicar carência afectiva e sentimento de abandono.

No desenho livre a ausência de cor poderá remeter para um imaginário empobrecido e triste e sem expressão, onde prevalece o sentimento de desprotecção. A problemática sexual parece estar presente, remetendo para os temores de castração e para a confusão na identidade sexual individual. No geral o traço forte visível nos desenhos também remete para o medo, tensão, mas também para a agressividade, para além disto parece que a menina se encontra em conflito consigo mesma, contribuindo para sentimentos de extrema angústia e confusão.

A partir da prova temática infantil (C.A.T-A), a relação com a figura materna parece ser insuficiente, esta menina utiliza muitas vezes na sua prancha a obediência a uma mãe que parece ser castradora e controladora, frustrando a menina narcisicamente. É visível nas pranchas também, o sentimento de solidão e de abandono que esta menina sente na relação com as figuras significativas.

Desta forma, podemos concluir que esta menina pelos factores acima apresentados apresenta uma organização depressiva.

Caso 3:

Anamnese:

O (A) é uma criança de 7 anos e está no 2º de escolaridade, foi enviado pelo médico de família e pela escola.

A irmã é que o traz a consulta, esta diz que desde a morte do pai que ele faz xixi na cama e se distrai na escola, não consegue concentrar-se tem que estar sempre acompanhado pela professora.

Quando o pai faleceu o menino tinha quase 6 anos. O pai tinha 46 anos, adoeceu não se sabe bem com o quê, ele ficou logo internado no Hospital com sintomas de falta de ar nos Cuidados Intensivos ligado a uma máquina e um dia telefonaram á mãe a

dizer que ele tinha falecido, este era trabalhados de construção civil. A mãe tem actualmente 46 anos e é empregada de limpeza. Em casa vive com a mãe mais três irmãos. A irmã que o traz a consulta tem 22 anos, vive em casa própria, tem um filho de 2 anos, vive perto da casa da mãe, esta também tem problemas de saúde, por isso esta irmã faz o que pode para ajudar a criar os irmãos. Actualmente esta encontra-se desempregada, esta trabalhava no Continente, vive sozinha com o filho. Esta irmã vai muitas vezes a casa da mãe, passando o dia com ela e a noite é que vai para sua casa,

O (A) não viu o pai no Hospital, nem depois de morto, mas ele já foi ao cemitério com a mãe e esta tentou lhe explicar que o pai morreu, mas ele não aceita, quando vê uma ambulância diz que o pai vai lá dentro, outras vezes diz a mãe para ir ao Hospital buscar o pai, as vezes parece aceitar a morte do pai, mas outras vezes não. O irmão mais velho também teve dificuldades em aceitar a morte do pai, o (A) era muito chegado ao pai, este teve um tempo desempregado e ficou a tomar conta dele e ia levá-lo e buscá-lo a escola.

Até aos 3/ 4 anos ficou com a mãe depois foi para o Infantário. O resto da família vive longe, só tem uma pessoa de família mais chegada uma tia. Tem poucos amigos, pois estes foram-se afastando depois da morte do pai. Ele partilha o quarto com o irmão de 10 anos, dormem na mesma cama, porque não gostam de dormir sozinhos.

Ele faz xixi, acorda muda de roupa e põe uma toalha de banho em cima do molhado, isto porque mudar a cama todos as noites da muito trabalho.

Na casa da irmã não faz, fica a dormir sozinho. Adormece a brincar com o filho da irmã, esta depois pega no filho e põe-no na cama dele e o (A) adormece sozinho.

Síntese do Caso:

Tendo em conta os desenhos e a prova temática (C.A.T-A), podemos dizer que existem vários elementos que indicam uma estrutura depressiva, isto porque, podemos observar que as figuras são de tamanho reduzido, o que pode indicar uma baixa auto estima, sentimentos de inferioridade e de desvalorização pessoal, para além disso, existem temores associados a sentimentos de castração, devido a ausência de todos os membros.

Os elementos de ligação, (mãos e braços) parecem ser quase inexistentes, o que poderá indicar uma fraca interacção com os outros e com o meio social envolvente, esta

criança parece também evidenciar insegurança e receio em se movimentar no contexto em que se insere devido a ausência das pernas e pés.

O menino em questão, parece mostrar não se sentir incluído no seu seio familiar desenhando-se em último lugar. A solidão também é um dos elementos importantes, pois o (A) desenha-se na rua a brincar sozinho, com os braços abertos e sem mãos o que evidencia uma carência afectiva e sentimentos de abandono, pois desde a morte do pai que o (A) tem perdido os amigos, talvez devido ao seu próprio isolamento.

As cores utilizadas no desenho livre também evidenciam sinais de depressão, pois o menino utiliza como cores coordenadas entre si, o castanho, o roxo e o azul.

Numa perspectiva geral, na prova temática (C.A.T-A) o menino consegue dar sentido às pranchas e perceber a realidade, todavia demonstra grandes dificuldades em elaborar as narrativas, prendendo-se ao conteúdo manifesto. O menino demonstra também um isolamento afectivo, assim como, dificuldades em relacionar as personagens e os conteúdos da história, só conseguindo fazer quando é apoiado, usando essencialmente mecanismos primários, (enumeração/clivagem),

Desta forma, podemos concluir que este menino apresenta uma organização depressiva, provavelmente sendo este reflexo do que acontece com a figura materna.

Caso 4:

Anamnese:

A anamnese é realizada na primeira entrevista, através das informações dadas pela madrinha, (avó) sobre a história de vida da menina.

A (L.S) é uma menina tem 8 anos, é uma criança que tem excesso de peso e uma expressão facial de tristeza, está no segundo ano, frequenta a escola de Alvalade, para o próximo ano vai mudar de escola para ficar mais perto da casa dos avós. Vive com os padrinhos a quem trata por avós, a madrinha é a mãe adoptiva da mãe da (L.S.), esta senhora foi buscá-la a casa da misericórdia. A mãe da menina vive sozinha num quarto. A mãe vai buscá-la a escola, posteriormente os padrinhos vão ao sítio onde a mãe vive e levam-na para casa. A menina diz: “ o pai é um desgraçado”, ela diz isto, porque o pai não trabalha e não dá nenhum tipo de ajuda financeira para a educação, nem para as necessidades básicas da filha, o caso está em tribunal, para além disso promete a Luísa aparecer e nunca aparece.

Na casa dos padrinhos tem quarto próprio, tem amigos, brinca com estes no jardim em frente a casa dos padrinhos, o avó como ela chama o padrinho senta-se a espera enquanto ela brinca com os amigos que moram perto, segundo a madrinha, (avó).A avó diz que ela é muito nervosa e que começa a gritar e tem crises nervosas.

Quando a avó sai da sala a (L.S) começa a chorar pára um pouco e depois recomeça, (angustia de separação e abandono).

A menina tem um histórico de birras na escola, quando a contrariam atira-se para o chão e começa arranhar-se com as mãos, o que pode significar intolerância a frustração, dorme com chucha, o facto de ter tirado as fraldas só aos 6 anos, poderá revelar imaturidade afectiva e tendência a regressão.

Síntese do Caso:

Tendo em conta o conjunto dos desenhos analisados e da prova temática, (C.A.T-A), existem elementos que apontam para uma possível organização depressiva, pois a menina, desenha as figuras enviesadas o que demonstra um desequilíbrio do self. No desenho da figura humana o tamanho da cabeça da figura parece indicar a utilização da fantasia como mecanismo de compensação para as suas necessidades, assim como parece orientar-se mais a partir dos impulsos corporais, do que pelas emoções. O rosto nos desenhos são inexpressivos emocionalmente, o que significa que esta menina poderá ter dificuldade em revelar os seus afectos, ou então, recusa a enfrentar a realidade refugiando-se em si mesma como mecanismo de fuga para os sentimentos de solidão e de falta de contenção emocional.

Esta menina apresenta sinais regressivos, e parece ter dificuldades em estabelecer laços de afectividade com os outros. No desenho da família não se desenha, por isso, pode-se dizer que se sente rejeitada dentro do seu familiar, isto é que não recebe o afecto que necessita, tendo como consequência uma desorganização emocional contribuindo para sentimentos de baixa auto-estima e desvalorização pessoal. Parece também haver uma problemática a nível da sexualidade pela omissão do nariz, associada ao temor de castração. Também se verifica, principalmente no desenho livre os sentimentos de insegurança em caminhar no contexto familiar e social em que está inserida. O desenho revela pelas cores utilizadas alguns sinais de depressão, pois a menina utiliza o verde que poderá indicar, segundo Campos (2003), uma estrutura emocionalmente frágil, pois não tem suporte afectivo, mas também segundo a autora Aguiar (2004) o contacto com a

realidade e o relacionamento afectivo-social com as outras pessoas, mas também por ser uma cor dominante no desenho poderá apontar para a inibição. Além disso, o facto de desenhar o círculo da cara a lilás, pode ser um indicativo de tristeza e depressão, o castanho pode indicar também o mesmo.

Na prova temática, (C.A.T-A) a relação com as figuras significativas, nomeadamente com a figura materna parece ser quase inexistente, insuficiente, superficial e desprovida de afectos, tendo como consequência uma vivência emocional vazia e abandonada. Aparece uma descrição colada aos conteúdos manifestos da prancha, mostrando dificuldades em expressar os sentimentos.

A menina demonstra também sentimentos de desprotecção, perante um pai que se apresenta como uma figura esmagadora e assustadora e não como uma figura significativa de suporte.

Como conclusão, tendo em conta todos os factores apresentados podemos apontar que esta menina tem uma organização depressiva.

Caso 5:

Anamnese:

A primeira entrevista, é realizada a partir das informações dadas pela mãe. A (R.V.) é uma menina tem 12 anos, segundo a mãe a menina tem dificuldades em se relacionar, é esquecida, fala abebezado e chorava principalmente quando tinha que ir para a escola, onde, normalmente era gozada pelos colegas, por ser mariquinhas e por apanhar tiques. Na escola, segundo a mãe ficava doente e fazia febres, ia para casa e passava-lhe o mal-estar, andava sempre em médicos, no ano passado. Este ano melhorou o rendimento escolar, tem apoio na escola e também tem explicador, apesar de tudo só ficou retida na quarta classe.

O agregado familiar é composto pelos seguintes elementos: mãe que é jardineira e tem 41 anos, o pai que é tesoureiro de ventilação e tem 44 anos, e os irmãos, o rapaz tem 20 e já trabalha e a rapariga tem 23 anos é mãe solteira de uma menina de três anos, trabalha na área de hotelaria e serve as mesas.

Inicialmente os irmãos dormiam no mesmo quarto, mas agora não, já tem um quarto próprio só para ela, ficaram sem sala para lhe fazerem o quarto, mas tem uma

cozinha grande, segundo as palavras da mãe. Esta diz que a filha é muito imatura, além disso faz xixi na cama de vez em quando, (enurese nocturna primária esporádica)

Síntese do caso:

De acordo com os desenhos e com a prova temática (C.A.T-H), podemos dizer que existem vários elementos que apontam para uma organização depressiva entre os quais o enviesamento das figuras desenhadas pela menina, apresentando também sentimentos de insegurança, agressividade reprimida, inferioridade, imaturidade afectiva, também representada através do uso da transparência, sinais regressivos, assim como imaturidade para lidar e resolver os seus problemas, indicando sinais de dependência.

No desenho da família representa todos os elementos familiares com amputações nos membros, o que remete para o medo relacionado com o sentimento de castração, mas também para as dificuldades de interacção e de afectividade em contexto familiar, o que remete para a carência afectiva, para além disso, desenha-se em último lugar como a figura de tamanho mais reduzido, o que indica uma baixa auto-estima. Outro factor relevante a ter em conta é que a menina inicialmente esqueceu-se de se representar no desenho, o que poderá indicar um sentimento de rejeição no seio familiar em que está inserida, assim como, ausência de afecto que necessita. Além disso, é nítida uma instabilidade afectiva caracterizada pela ambivalência dos comportamentos e pelo desajuste entre a fantasia e a capacidade de realização, parecendo orientar-se mais através dos impulsos.

No desenho livre, a menina usa cores que também podem ser elementos que indicam uma desordem emocional na linha da depressão, parece que esta menina também se sente excluída do seu contexto social, contribuindo para feridas narcísicas que tem como consequência uma desvalorização pessoal.

Nas prova temática (C.A.T-H) a menina, demonstra ter dificuldades nas relações e nas demonstrações afectivas, colando-se ao conteúdo manifesto, manifesta também dificuldades em gerir a solidão, assim como medos.

Podemos assim concluir mediante estes factores que a menina encontra-se provavelmente inserida dentro de uma organização depressiva.

Organização psicótica:**Caso 1:****Anamnese:**

Este menino tem 9 anos e anda na 2ª classe, (aluno repetente), tem um irmão com 8 meses e uma irmã com 12 anos. Este menino andava a ser seguido na Santa casa, mas depois os pais foram trabalhar para os Açores para a ilha do Corvo, tiveram lá dois meses, a mãe trabalhava como cozinheira e o pai como construtor civil, mas depois voltaram para Portugal, porque segundo a mãe era um sítio muito isolado, não tinha nada e tinha que levar o (L.G.) para o trabalho, porque não tinha quem ficasse com ele e foram viver para casa dos avós maternos. A mãe tem 28 e o pai 31, esta teve o primeiro filho aos 15 anos, a filha de 12 anos que era de um outro parceiro que na altura era seu namorado. A menina tinha um ano de idade quando a mãe se juntou ao pai do (L.G.) e estão juntos a 11 anos, no entanto quando o (L.G.) nasceu tinha a mãe 18 anos, houve um período de separação entre os pais que durou entre 7 a 8 meses devido ao pai ter conhecido outra mulher. Neste período de separação era o (L.G.) bebé a mãe foi se muito abaixo, ainda foi ao médico que a mandou fazer análises, mas ela não fez. Mais tarde com a reconciliação nasceu o irmão que tem agora 8 meses.

Este menino e os irmãos vivem em casa dos avós maternos, o avô é alcoólico, as crianças assistem por isso a discussões e a desavenças, já tiveram que sair de casa e ir viver noutra casa devido ao ambiente, mas depois voltaram, nesta casa vive também o tio do (L.G.) eu tem 18 anos. Actualmente o avô deixou de beber, porque já teve três AVC, não há apoio por parte dos avós paternos, porque não se dão bem.

Segundo a mãe em bebé o menino era impecável, não dava trabalho nenhum, começou a andar aos 2 anos, depois dos 3 anos tudo se alterou, era muito irrequieto, não dormia bem, aos 4 anos não dormia, não conseguia dormir, actualmente deambula pela casa para se entreter durante a noite, não come, por vezes, não quer almoçar nem jantar. Teve sempre em casa com mãe, não frequentou o jardim-de-infância, teve com a mãe até aos 6, depois é que foi para a escola. O pai trabalha perto do Aeroporto em cargas e descargas.

O (L.G.) não obedece aos pais, foge, em casa diz que se atira da janela abaixo. A mãe diz que este se chateia com os primos, porque estes estão a ganhar os jogos, batelhes e vai buscar facas e anda atrás deles.

Na escola não pára, não consegue aprender, está na 2ª classe, anda por cima das mesas e das cadeiras, bate nos colegas. Tem apoio escolar, mas não sabe ler nem escrever, quando está nervoso bate-se a ele próprio, pega em facas e diz que se vai matar aos gritos. Segundo o pedopsiquiatra responsável pelo seu seguimento, este diz que o menino tem um contacto distante com a realidade confundindo-a com a fantasia, além disso, é agressivo e intolerante.

Tem pesadelos nocturnos, pois só sonha coisas de terror, mortos-vivos, por isso recusa-se a dormir, sonha com mortos com a cara desfigurada a escorrer sangue, que fazem partidas, depois acorda sobressaltado, lava a cara com agua fria deita-se adormece e volta a sonhar, por vezes também sonha com fantasmas que queriam assustar as pessoas e casas assombradas. Devido a estes sonhos segundo a mãe, dorme pouco, alerta-se com tudo e acorda cedo.

Síntese do Caso:

Tendo em conta os desenhos e a prova temática infantil, (C.A.T-H), podemos dizer que este menino terá uma possível organização psicótica, pois apresenta várias características que indicam este tipo de organização patológica.

No desenho da figura humana destaca-se primeiramente como marca evidente a proporção da cabeça, pois esta tem um tamanho exagerado, assim como o tamanho do figura poderá indicar possivelmente a predominância da fantasia sobre a capacidade de realização que tem como consequência um distanciamento do contacto com a realidade.

Para além disso, a presença visível das orelhas com o uso de transparência, poderá remeter para alucinações auditivas. O desenho no seu conjunto expressa grandes sinais de agressividade social, como se pode ver pela representação do cabelo com um formato em escova, tipo “punk”, pelo o uso dos “piercings” nas orelhas, os olhos também manifestam agressividade e revolta na interacção com os outros no seu meio social, o formato do tronco também é um indicativo dessa agressividade, tal como as bochechas, e o nariz, que também pode indicar fantasias no campo sexual, por outro lado a agressividade mais arcaica, a oral é percebida através da existência de dentes na boca, esta também é visível no desenho da família e no desenho livre. O pescoço curto e grosso representado nas figuras evidencia impulsividade, o uso de forças instintivas que se sobrepõem ao controle intelectual, ou seja os impulsos corporais prevalecem, podendo existir a passagem ao acto. Nas figuras desenhadas as mãos em flor, assim

como, a fusão dos membros superiores e inferiores são características observadas no desenho em crianças psicóticas, e indica uma perturbação da imagem corporal, com falhas na coerência identitária, pois esta não foi consolidada na sua totalidade, mas também, a inexistência de contacto afectivo na interacção social com os outros, manifestando um contacto superficial e instável, expressa também uma grande insegurança em caminhar no espaço envolvente e comportamentos ambivalentes pelo formato dos pés.

O facto da criança desenhar a família na parte de cima da folha indica desajuste e um fraco contacto com a realidade, com a procura de satisfação na fantasia. A família apresenta-se disfuncional, com marcas de grande agressividade, a ausência de afecto é notória, assim como as interacções no seio familiar. Os olhos de alguns elementos da família são desenhados com um quadrado dentro o que poderá remeter para a percepção da realidade parcelada e não percebida na sua totalidade, este aspecto também é visível no desenho livre, assim como, o afastamento da linha representativa do solo é um factor indicativo de fuga á realidade e a absorção na fantasia, a ausência de cor poderá sinalizar a privação dos afectos e a ausência de expressão emocional. Na prova temática infantil (C.A.T-H) o uso de mecanismos primários, como a regressão, negação e anulação e uma intensa invasão fantasmática desorganizante relacionada com medos marcados por uma intensa angustia também poderá remeter para uma organização psicótica.

Por todos os aspectos em cima indicados podemos dizer que esta criança poderá ter como hipótese uma possível organização psicótica.

Caso 2:

Anamnese:

As informações da história da criança são dadas, através da mãe, na primeira observação psicológica, após o encaminhamento feito pelo pedopsiquiatra. A mãe tem 32 anos e encontra-se desempregada há 5 meses, era empregada doméstica, o pai também tem 32 anos e é serralheiro.

Há 6 anos vieram para Portugal, viviam em Angola, primeiro veio o pai, a mãe veio ter com ele para passar três meses, mas como engravidou da (L.M.) e já tinha um outro filho com três anos acabou por ficar em Portugal. O parto foi normal, de termo. Com um ano e dois meses queimou-se como uma chávena de chá ficando com o peito e cara queimada, mas só ficou com marcas no peito., não foi preciso ser internada.

Actualmente o filho mais velho tem 8 anos e a menina tem 6 anos. Andam os dois na mesma escola, ela está na primeira classe e ele na terceira classe. A professora enviou a menina em questão para a consulta, por ser muito agitada, trocar as conversas, desde que foi medicada pelo Dr. Juan já consegue aprender as coisas e já tem um discurso mais organizado. Esta menina manifesta a sua agressividade quando é contrariada batendo na mãe. Em casa segundo a mãe brinca bem, mas mexe nos brinquedos do irmão. A mãe diz também que a filha nunca teve doente, só varicela, para além disso, diz que a menina come bem e que gosta muito de coisas doces.

Vivem numa casa com dois quartos, um para os pais, outro para os filhos, dormem em cama separadas. Segundo a mãe a casa tem um quintal que dá para eles brincarem a vontade. De acordo com o que a mãe diz a família da parte do marido encontra-se em Portugal, a da parte da mãe é que está em Angola. O marido permanecia muitas vezes ausente da família, pois divertia-se com os amigos, mas desde que começou a trabalhar na escola na secção dos tempos livres tornou-se mais sossegado e está um pouco mais presente na família.

Segundo o pedopsiquiatra responsável pelo seu seguimento, a menina mostra uma grande inquietude, o discurso é confuso, com muitas histórias misturadas, perdendo um pouco de lógica no discurso que está a ter, demonstrando um pensamento desorganizado. É muito fantasiosa, revoltada e tensa, tem também fabulações, ou seja fuga de ideias, legorreja e humor distímico, grita e fala alto e por vezes, alheia-se da relação. Para além disso verbaliza medos, tem medo do palhaço e do monstro que está

Síntese do Caso:

Tendo em conta os desenhos e a prova temática infantil (C.A.T-A) realizada pela menina, podemos dizer que estamos perante uma possível organização psicótica, pelas características observadas nos desenhos e no C.A.T-A.

No desenho da figura humana é visível o tamanho exagerado da cabeça em relação ao resto do corpo, o que significa a predominância da fantasia sobre a

capacidade de realização, dificuldade no contacto com a realidade. Outro aspecto importante e que se reflecte no distanciamento do real, é o facto dos desenhos estarem feitos na parte de cima da folha, pois este é um indicador de desajuste, que tem como consequência a fuga e procura de satisfação na fantasia e não na realidade, isto é visível no desenho da figura humana e no desenho da família. Nestes dois tipos de desenhos também são visíveis a perturbação da imagem corporal, pois o corpo não é percebido na sua totalidade, existem falhas a nível da coesão identitária, um dos sinais que apontam para isso para além da perturbação do esquema corporal, tem a ver com o uso da identificação projectiva no desenho da figura humana, que aponta para falhas na construção de uma identidade pessoal consolidada e para a ausência de limites internos e limites externos. Para além disso, o facto de as personagens desenhadas pela menina não terem pescoço, pode ser um indicador da prevalência dos impulsos corporais e de um fraco controlo intelectual. O formato dos braços e das mãos, marcadas por um formato impreciso, assim como a tendência em desenhar a mão com um feitio em “estrela” remete para uma característica visível nos desenhos das crianças psicóticas, isto indica dificuldades relacionais, marcadas pela instabilidade, incapacidade e recusa em relacionar-se com os outros no seu contexto envolvente, devido a privação e ausência dos afectos, a realização dos pés em formato reduzido ou a sua ausência remetem para a mesma problemática na relação com os outros.

No desenho livre, encontramos também aspectos importantes da projecção fantasmática, dos seus medos e angústia.

A prova temática (C.A.T-A) também é um factor indicativo da desorganização psíquica da criança, isto porque, a menina utiliza mecanismos primários na descrição da sua narrativa, tais com a regressão, a agressividade oral primária e a negação.

A distorção cognitiva, mostra uma percepção da realidade parcelada e não visualizada na sua totalidade. É também visível uma intensa angústia e ansiedade na menina ao longo da prova.

No conjunto de todos aspectos descritos anteriormente, podemos dizer colocando como hipótese que estamos perante uma organização psicótica.

Caso 3:**Anamnese:**

A informação sobre a história de vida é recolhida na primeira observação, através de um elemento familiar. O agregado familiar é constituído pelos pais, a mãe tem 28 anos e chama-se Juliana, o pai tem 33 anos e chama-se Marcelo, a irmã tem 9 meses e chama-se Marcela e pelo menino em questão que tem 7 anos. Os Pais do menino casaram no Brasil e são naturais de Minas Gerais, mas depois vieram para Lisboa onde vivem a 8 anos.

Quando a Juliana engravidou do (A.F) foi de novo para o Brasil, o menino nasceu lá, no primeiro mês era um bebé que chorava muito, mas depois tornou-se num bebé muito calmo. Aos 8 meses ficou com a avó materna, e a mãe voltou novamente para Lisboa, o menino começou a dar os primeiros passos aos 9 meses, passado 12 meses é que o foi buscar ao Brasil. Segundo o familiar, o menino após tão prolongada ausência das figuras parentais, nem o pai nem a mãe quando os reencontrou. Aos 14 meses começou a dizer as primeiras palavras, quando tinha 18 meses, os pais regressaram com ele para Portugal, e ficou entregue aos cuidados de uma ama até aos 4 anos, já era notório um marcado atraso da linguagem e uma intensa agitação motora. Dos 4 aos 6 frequenta uma escola particular e nesta que surge os primeiros sinais de alerta, ou seja, muitas dificuldades de aprendizagem. É com a entrada na Primária que o menino demonstra também problemas na escola, pois revela-se muito agressivo para com os colegas, brinca sempre sozinho, isola-se e começa a chorar. Não conseguiu adquirir a capacidade de realizar as tarefas básicas como se vestir e calçar. Para além disso, segundo o elemento familiar, parece que por vezes entra noutra dimensão e fala coisas sem sentido.

Segundo o Pedopsiquiatra que o seguiu, esta é uma criança imatura, com dificuldades de interacção, manifestando o evitamento do olhar e dificuldades em perceber as actividades propostas, para além disso, olha para as coisas a sua volta de forma dispersa, tem um discurso e um pensamento desorganizado e dificuldades espaço-temporal e sofre também de perturbações de sono, pois tem um sono muito irrequieto e acorda a chorar. Tem um raciocínio prático baixo, não distingue conceitos elementares como “manhã” e “tarde”, não respeita regras nem limites, e tem muitas dificuldades nos conceitos numéricos.

Síntese do Caso:

Tendo em conta os desenhos e a prova temática infantil, (C.A.T-A) podemos apontar para características que evidenciam uma possível organização psicótica.

No desenho da figura humana a cabeça é a parte do corpo que se destaca pelo seu tamanho desproporcional em relação ao corpo, isto poderá indicar a predominância da fantasia sobre a capacidade de realização o que por sua vez, aponta para dificuldades no contacto com a realidade. As personagens desenhadas pelo menino indicam perturbações no esquema e na imagem corporal, pois o corpo apresenta-se com traços estereotipados, com base em linhas, por vezes desconectadas que apontam para a fragilidade da identidade e coesão corporal. Os olhos vazios remetem para a ausência da expressão emocional e também para a recusa em confrontar a realidade. A interacção com os outros parece também ser frágil, devido a ausência das mãos, braços e pés em algumas personagens desenhadas pelo menino o que indica incapacidade de se relacionar com os outros, devido a privação afectiva. A ausência de relação com o meio e a imaturidade na comunicação com os outros também é visível, no desenho da família, pois o menino desenha o rosto da mãe vazio o que aponta também para a ausência de afecto e de uma referência identitária consolidada.

No desenho livre também existe uma intensa projecção fantasmática dos medos e angustias, mas também dos seus fantasmas de devoração, personificados pelos monstros associados a agressividade oral primária, o facto de a cabeça do monstro ter um formato geométrico, (quadrado) remete para um problema psicótico, a ausência de cor assinala inibição afectiva.

Na prova temática infantil (C.A.T-A) surgem mecanismos primitivos como a regressão, a agressividade oral primária, negação, identificação projectiva. Para além disso, existe uma invasão fantasmática muito forte que leva a falhas no processo de identidade do menino e uma confusão da fantasia com a realidade. A distorção perceptiva também esta presente e remete também para uma visão parcelada da realidade, pois esta não é visualizada na sua totalidade. Também são visível uma intensa angústia e ansiedade no menino ao longo da prova.

No conjunto, podemos colocar como hipótese que este menino tem uma organização psicótica.

Caso 4:**Anamnese:**

Por falta de dados da história de vida da criança, fez-se a recolha de informações baseadas nos dados clínicos obtidos através do pedopsiquiatra responsável pelo seu seguimento.

Segundo estas informações, este menino de 10 anos, tem um nítido evitamento do contacto, através do olhar, escondendo a cara dentro da camisola, evita as perguntas e procura distanciar – se do contacto com os outros evitando as relações.

Este menino sofreu uma separação brusca na relação com a figura materna quando ainda era bebé, pois a mãe teve que ir trabalhar para o estrangeiro, regressando passado dois anos, o menino ficou entregue ao pai que lhe dava muito pouca atenção, este por sua vez, também devido a razões relacionadas com trabalho entregou-o a avó paterna.

Segundo o pedopsiquiatra desde a separação, que o menino tem perturbações de sono acordando durante a noite a chorar.

Actualmente, o menino vive com os pais e a avó, mas as figuras parentais não estão presentes na vida da criança, porque trabalham até muito tarde, chegando só a noite, quando o menino já está a dormir.

Na escola, mostra dificuldades na aprendizagem, devido a falta de concentração, irrequietude motora, agressividade para com os colegas e desorganização do pensamento, pois por vezes fica parado com os olhos fixos como estivesse noutra mundo, por vezes é preciso abaná-lo para este reagir.

Tem também medos e angústias relacionados com a solidão e com o abandono. O menino por vezes é invadido por medo de monstros que o vão comer, sonhando muitas vezes com isso, (fantasmas de devoração.). Para além disso, mostra uma personalidade frágil caracterizada por alguns aspectos de inibição e marcado bloqueio emocional, provavelmente devido a falhas na relação precoce. O menino caracteriza-se também por uma intensa rigidez do pensamento e ataques de ansiedade em situações que surgem como obstáculos e que não consegue confrontar.

Síntese do Caso:

Tendo em conta os desenhos e a prova temática infantil (C.A.T-H) podemos dizer que perante as características observadas o menino em questão apresenta uma possível organização psicótica. No desenho da figura humana o (C.C.) demonstra uma ambivalência na escolha do género sexual, o que poderá remeter para perturbações na identidade género, pois no desenho da família o menino apesar de identificar o pai e a mãe graficamente não apresenta capacidades de diferenciação entre elas. As figuras representadas no desenho são pequenas, instáveis e estereotipadas o que indica perturbações ao nível do esquema corporal, pois existem elementos corporais imprecisos e desconexos, (cabeça) o que apontam para uma identidade corporal pouco consolidada, pois esta não é percebida na sua totalidade. A ausência do pescoço, indica uma predominância dos impulsos corporais e um fraco controlo intelectual. Na figura humana, as pernas em movimento, poderá remeter para um desajuste entre a fantasia e a capacidade de realização, contribuindo para o distanciamento da realidade e para a fuga no seu mundo fantasmático. A característica marcadamente psicótica é representada pelo formato das mãos em “ garfo”, o que indica dificuldades e incapacidade no contacto e na interacção com os outros, com um notório evitamento da relação, o formato impreciso dos pés ou mesma a sua ausência remete para a mesma problemática acima descrita.

A privação afectiva e o bloqueio emocional são nítidos pela ausência do afecto no relacionamento com os outros, nomeadamente com os elementos familiares, pois a criança omite a sua representação gráfica no desenho da família, esta falta de contenção e apoio tem como consequências falhas na coesão identitária. No desenho livre o menino representa uma casa esta pode ser uma personificação do seu próprio self, o que poderá remeter para uma personalidade frágil, pouco estruturada sem limites internos e externos. A casa pode expressar também o vazio emocional que tem como consequência uma instabilidade interna desorganizante.

Na prova temática (C.T.A-H) o uso de mecanismos primários, como a regressão, a agressividade oral primária, o deslocamento do medo para a figura significativa, a enumeração, também aponta para uma organização primária. Existem também outros indicadores importantes, como a ausência das relações entre as personagens, a distorção perceptiva que poderá remeter para a percepção da realidade parcelada e não

visualizada na sua totalidade, assim como um discurso caracterizado pela rigidez de pensamento e pela privação afectiva.

No conjunto, todos os aspectos apresentados parecem apontar como hipótese para uma possível organização psicótica.

Caso 5:

Anamnese:

A informação da história da vida da criança e dada pela mãe, na primeira observação psicológica. O menino tem 6 anos e anda no primeiro ano de escolaridade, vem a consulta acompanhado pela escola, com um pedido de observação psicológica, por alterações de comportamento. O menino vive com os pais a mãe tem 37 anos e é escriturária o pai 38 e é coordenador de equipa de gestão. E com um irmão mais velho de 19 anos que está a tirar um curso e só vem ao fim de semana a casa, este irmão é filho de um primeiro casamento da mãe. A gravidez correu bem, o parto foi normal, até aos 4 anos ficou com os avós paternos, depois é que foi para o jardim-de-infância. De acordo com a mãe, até aos 4 anos era uma criança muito calma e saía com a mãe, de acordo com as palavras da mãe, “eu até achava que ele aceitava tudo muito bem.”

Segundo a mãe, o (D.F), comporta-se muito bem em casa, são muito de regras, de acordo com as palavras da mãe, “ nós definimos as regras ele sabe que é assim que funciona”. Este menino quando é contrariado pela mãe ou pelos avós reage mal, manifestando comportamentos desajustados, pois atira-se para o chão, é malcriado, foge e diz asneiras, a avó diz que ele está possuído, é muito impulsivo.

Este ano entrou para a escola, segundo a mãe é mais complicado, pois na escola ele não respeita os colegas nem os professores e é muito agressivo.

De acordo, com a mãe existem outras situações que já a levaram a pensar levar o menino ao psicólogo, pois a mãe diz ao filho “ eu gosto muito de ti.” e o filho respondia, “ eu também gosto muito, muito de ti, já gostava antes de nascer, eu escolhi-te”. A mãe diz, que as vezes até se ajusta de ele ser tão inteligente e curioso. Outra situação que preocupa a mãe é que, segundo esta, o menino é muito ciumento na relação com as crianças mais pequenas, principalmente com bebés, e se tiver oportunidade bate-lhes e tortura-os, nomeadamente aos bebés. Ele tem dois primos gémeos pequeninos e também os agride.

A mãe fica também preocupada, pois o menino também já ameaçou que se atirava da janela abaixo na sequência de uma zanga, passaram a ter medo e a fechar bem as janelas. Segundo a mãe, o filho mais velho também era problemático e rebelde, por a mãe se ter separado do primeiro marido, tinha este filho 3 anos.

Segundo o pedopsiquiatra responsável pelo seguimento do menino, afirma que o menino quando fica impulsivo desorganiza-se, com passagem ao acto, com tendência a perder o contacto com a realidade e a entrar no mundo de fantasia.

Síntese do caso:

Tendo em conta os desenhos e a prova temática Infantil, (C.A.T-A) podemos assinalar características que remetem para uma possível organização psicótica.

No desenho da figura humana o facto do menino fazer o desenho no canto esquerdo da folha indica desajuste e fuga ao meio envolvente, assim como o uso de comportamentos impulsivos com tendência a passar ao acto, isto verifica-se também pela omissão do pescoço, indicando um maior descontrolo. Ainda neste desenho a identificação que o menino faz a um peluche remete para a desvitalização do self, o que aponta uma perturbação do esquema e da imagem corporal, pois o menino desenha a figura com um formato robotizado, tal como se observa no desenho da família e no desenho livre, o que contribui para falhas na coesão identitária, pois esta não é percebida na sua totalidade, pois o menino demonstra aspectos associados a distorção corporal. A ausência das mãos e pés nas figuras desenhadas pelo menino remete para a dificuldade e a incapacidade de interagir e de estabelecer relações com as outras pessoas, devido a privação afectiva. No desenho da figura humana também é notório as pernas longas o que poderá reforçar a ideia de desajuste e de fuga ao meio circundante.

No desenho livre o facto do menino utilizar o traço “peludo” a proporção da figura pode ser uma acção super compensatória como também, expressar a fantasia. O uso do traço “peludo” remete para uma personalidade primitiva que age por instinto, ou seja, através dos impulsos, manifestando um maior descontrolo intelectual. A ausência de rosto remete para a ausência de relação com o meio, distanciamento da realidade, falhas na comunicação e fuga na fantasia. O uso do preto no desenho e da prevalência do traço forte poderá indicar tensão, mas também sentimentos de morte, (desvitalização corporal), negativismo, medos e tristeza.

Na prova temática infantil (C.A.T-A), verificamos o uso de mecanismos como a regressão, anulação, repressão e o deslocamento de ideias. Para além, disso surge ao longo do discurso narrativo a distorção perceptiva que remete para a dificuldade de perceber a realidade na sua totalidade, invasão fantasmática e confusão da fantasia com a realidade.

No conjunto, todos os aspectos descritos anteriormente remetem colocando como hipótese para uma organização psicótica.

Discussão dos Resultados:

Com base no estudo comparativo dos desenhos entre as crianças com uma possível organização depressiva e outra psicótica podemos observar que existem diferenças, mas também semelhanças entre os dois tipos de organização.

As semelhanças gerais comuns nos desenhos entre os dois grupos são: a) o medo e a insegurança marcado pelo o uso de um traço forte; b) o medo da castração associada a problemática sexual devido à ausência ou presença do nariz com um formato impreciso ou incompleto; c) a omissão de partes do corpo tais como os pés, os braços e as mãos que remete para uma instabilidade social e afectiva; d) as perturbações do esquema corporal que reflectem um desinvestimento do corpo como imagem do self; e) a dependência afectiva, devido ao formato côncavo da boca; f) a regressão na maturidade afectiva, percebida através do formato dos olhos representados apenas por um ponto; g) a predominância dos impulsos corporais com um fraco controlo intelectual, assinalada pela ausência ou representação do pescoço com um formato curto e grosso ou, em linha; h) a perturbação da identidade de género, a qual se percebe pela representação de figuras do sexo oposto ao seu, quando se refere a si próprio; i) o formato do tronco como representação da agressividade (formato em quadrado ou rectângulo); j) a insegurança ou dificuldades em estar no meio envolvente, pela ausência ou presença dos pés com um formato impreciso; k) a ambivalência comportamental representada pela posição dos pés (um para um lado e outro para o outro lado); l) o recurso à fantasia. Esta última característica é evidente tanto num grupo como noutro: alguns desenhos encontram-se na parte de cima da folha ou são representados com dimensões exageradas (na organização depressiva, nos desenhos o recurso à fantasia serve de mecanismo de compensação para as necessidades afectivas, enquanto que nos desenhos na organização psicótica, a fantasia é o recurso utilizado como fuga à realidade); j) em alguns casos as

figuras são estereotipadas e sem dinamismo. Outro aspecto possível de observar no desenho tanto num grupo como noutro, é o facto de algumas figuras estarem representadas na folha em baixo, no centro ou, no lado esquerdo, o que indica por um lado desajuste, por outro inibição e sentimentos depressivos.

Tendo em conta as diferenças entre os dois tipos de organização, podemos dizer que, nos desenhos das crianças com organização depressiva, as figuras têm uma configuração corporal mais estruturada e coesa, assim como um maior ajustamento ao real, mas com visíveis perturbações do esquema corporal. Os desenhos das crianças com organização psicótica apresentam, a partir da representação das figuras desenhadas, uma organização corporal insuficiente, observando-se a fusão de certas partes do corpo ou partes do corpo desconectadas, o que significa que o corpo não é percebido na sua totalidade.

Outro aspecto que marca a diferença, tem a ver com o facto de que em alguns desenhos das crianças com organização depressiva, os braços e as mãos serem representados graficamente como estando abertos, expressando a necessidade de afecto e contenção, (1º e 2º caso de organização depressiva), mas também em alguns casos são representados para baixo, junto ao corpo, expressando impotência e medo de enfrentar a realidade, (caso 4º no desenho da família, na figura que representa o avô e, no 5º caso da organização depressiva). Já nos desenhos das crianças com uma organização psicótica esta característica não aparece, pois os braços e as mãos possuem um formato robotizado ou, são representados por uma linha, ou são desenhados para baixo, ou são desenhados para trás, mas não junto ao corpo. Acrescenta-se como características psicóticas específicas, segundo Wallon (1990), as mãos em “flor”, (1º caso de organização psicótica); as mãos em “estrela” (2º caso de organização psicótica), e, segundo Campos (2003), as mãos em “garfo” (4º caso de organização psicótica).

O rosto é também um importante aspecto diferenciador, pois nos desenhos das crianças com uma organização depressiva, existe sempre o rosto, enquanto que nos desenhos das crianças com uma organização psicótica, existe em alguns desenhos, um contorno do rosto sem os seus elementos constituintes, (olhos, boca e nariz), o que significa, segundo Campos (2003), a ausência da relação com o meio envolvente.

Também no desenho da família, nas crianças que apresentam uma organização depressiva verifica-se em alguns desenhos a prevalência da figura materna ou pela sua posição no desenho, ocupando o 1º lugar na ordem dada pela criança ou, pelo seu tamanho ou, na conjugação de ambos os aspectos. Como excepção a esta situação pode-

se referir o 1º caso de organização depressiva, pois a figura que se evidencia mais é a avó, omitindo a figura da irmã de seis anos, desenhando-se a si mesma em último lugar e, no 4º caso desta mesma organização, desenhando a mãe em último lugar, omitindo-se a si própria no desenho, assim como a figura paterna. Já nas crianças com uma organização psicótica, no desenho da família a figura materna ou paterna não são representados em primeiro lugar, sendo maioritariamente representadas em último lugar, o que demonstra falhas nas referências e processos da coesão identitária. Como excepção a esta característica comum, pode-se observar o 4º caso desta organização, no qual o menino apenas representa as figuras de referência, omitindo-se a si próprio, o que reflecte um desajuste associada à rejeição em contexto familiar.

Ainda por referência à organização psicótica, no desenho da família surge, a maior parte das vezes, a figura do próprio, desenhada em primeiro lugar, sendo apenas excepção no nosso estudo, um caso de organização psicótica, em que o próprio se desenha em último lugar e que é o 5º caso desta mesma organização.

Nos casos de organização depressiva, no desenho da família, o próprio nunca aparece desenhado em primeiro lugar, pois a criança desenha-se a si própria quase sempre em último lugar, com excepção do 4º caso em que existe a omissão do próprio no desenho, o que demonstra um sentimento de desvalorização e de rejeição dentro do seio familiar. Na maior parte dos desenhos das crianças na organização psicótica, não se notam diferenças no desenho da família na proporção da primeira figura em relação às outras. Outra característica importante, é que, no desenho da família, as crianças com uma organização depressiva, não representam a família inserida dentro de um objecto, o que não acontece nas crianças com uma organização psicótica neste tipo de desenho, pois a família poderá encontrar-se dentro de um objecto, como é observável no 3º caso, no qual o menino desenha a família dentro de um prédio ou, no 5º caso, no qual a família se encontra dentro de um autocarro. A colocação das figuras dentro de objectos remete para o encapsulamento dos elementos familiares e para a falta de comunicação

Nos dois tipos de organização patológica, encontramos diferenças no desenho livre, pois nas organizações depressivas existem elementos como o sol, as nuvens, a casa com a chaminé a deitar fumo, (2º e 4º caso). Segundo Campos (2003), a presença deste elemento é um indicador de conflitos psicosexuais, principalmente quando aparece o fumo em novelo, como se pode observar no 4º caso da organização depressiva. As flores, os animais, as pessoas fazem parte de um cenário gráfico que reflectem elementos e símbolos que pertencem ao munda criança (Aguiar, 2004) o que poderá remeter para

uma ligação à realidade e ao concreto. Ao contrário, na organização psicótica, os desenhos representam uma intensa projecção fantasmática que pode ser reflexo de uma instabilidade e agressividade oral (1º caso de organização psicótica); ou uma intensa angustia, medos, ansiedade e, privação afectiva (2º e 4º caso de organização psicótica), assim como a representação dos fantasmas de devoração associados a uma regressão oral (3º caso de organização psicótica).

A cor também é um factor diferenciador importante no desenho livre, pois nos desenhos das crianças com uma organização depressiva existe o uso de cores distintas em alguns casos, assim como narrativas acerca do desenho, o que aponta para um nível simbólico mais estruturado, enquanto que nos desenhos das crianças com uma organização psicótica, o uso de uma só cor ou de duas muito similares, ou mesmo a ausência de cor, a que se pode acrescentar a eventual recusa em contar a história, remete para uma pobreza simbólica e incapacidade em expressar através da narrativa o conflito interno.

Em ambas as organizações, em certos casos, existem aspectos específicos nos desenhos das crianças com uma organização depressiva e psicótica: Como primeiro exemplo, o 1º caso de organização depressiva, é o único caso em que surge no desenho a representação de um animal que poderá representar ao nível simbólico a própria menina. Para além disso, nas figuras desenhadas é notório a representação de olhos oblíquos, o que poderá indicar depressão, agressividade e austeridade. Como segundo exemplo, temos o 4º caso de organização depressiva que apresenta, nos desenhos da figura humana e da família, os olhos vazios e, no desenho livre, a representação dos olhos a negrito, o que poderá significar fuga e medo de enfrentar o real. No 5º e último caso da organização depressiva, existe nos desenhos, nomeadamente no da família e no desenho livre, uma diferenciação nítida na representação das figuras femininas, e das figuras masculinas, pois as femininas são representadas de frente, com cabeças redondas e, as masculinas, a cabeça está de perfil, com um formato de cabeça geométrico, mas o tronco está de frente o que, segundo Campos (2003), remete para um aspecto psicótico: o olhar de uma figura masculina é direccionado para o outro, em espelho.

Na organização psicótica também é notório nos desenhos, no 1º caso, a representação de uma figura exageradamente grande de aparência agressiva, o que, segundo Aubin (1967), remete para as manifestações psicóticas de problemas de humor associadas ao período de excitação. Segundo, o facto de existir uma representação visível das orelhas, poderá remeter, segundo Wallon (1990), para alucinações auditivas. Para

além disso, ainda dentro do mesmo caso, nos desenhos da família e livre, a representação de um quadrado dentro do olho em algumas figuras, poderá simbolizar uma realidade percebida a partir de detalhes e não visualizada na sua totalidade.

Outro aspecto importante, surge no 2º caso de organização psicótica, no qual a menina, no desenho da família, apenas representa a figura materna desenhando a cabeça. Esta situação poderá indicar censura ao esquema corporal ou, incapacidade de perceber a imagem do corpo na sua totalidade. Ainda em referência a este caso aparece a representação da boca com um formato côncavo, embora desenhada para baixo e expressando tristeza.

Noutros casos, o rosto vazio representado no desenho também poderá apontar, segundo Campos (2003), para a ausência de contacto com o meio envolvente. A ausência de rosto aparece no 3º caso de organização psicótica, no desenho da família e na figura paterna; no 5º caso de organização psicótica, no desenho livre, ou até mesmo da família. Ainda dentro deste caso, surge no desenho livre o designado traço peludo que, segundo Campos (2003), remete para uma personalidade primitiva que age mais pelos impulsos do que pela razão.

Nos desenhos das crianças com organizações depressivas, a única característica não presente nos desenhos das outras crianças, na amostra do nosso estudo, é a agressividade reprimida, representada, como já referido nas análises, pelo formato das mãos ou até mesma pela sua omissão. Aspectos exclusivos dos desenhos das crianças de organização psicótica são: a agressividade oral, através dos dentes; incapacidade de se relacionar emocionalmente com os outros, através das mãos em flor, garfo ou estrela; ausência da estrutura corporal, através da fusão dos membros superiores e inferiores e das partes do corpo desligadas ou representadas de forma incorrecta; fusão interna e externa através da ausência entre os limites internos e externos dos objectos e figuras; a desvitalização da imagem corporal através da robotização das figuras; a invasão de projecções fantasmáticas através da inclusão de símbolos irrealis e bizarros.

Comparando as provas temáticas infantis (C.A.T-A/H) como um teste complementar ao estudo dos desenhos a fim de garantir a fiabilidade e a validade da análise realizada no nosso estudo, podemos concluir que existem aspectos comuns, mas também diferenciadoras entre elas.

Assim, os aspectos comuns nas provas temáticas infantis (C.A.T-A/H) referentes ao tipo de organização depressiva e ao tipo de organização psicótica são: 1) o uso de mecanismos primários associados à enumeração - por vezes as crianças no início ou no

meio da sua narrativa enumeram os objectos ou as figuras presentes na prancha; 2) a distorção perceptiva – observa-se quando a criança troca um elemento da prancha por outro semelhante, mas ausente no original, como por exemplo: na primeira prancha, quando a criança se refere a “passarinhos” em vez de “pintainhos”; 3) a formação reactiva, (embora seja mais visível nas crianças com uma organização depressiva) - aparece quando existe na narrativa elaborada pela criança um excesso de bondade ou limpeza, assim como, obediência as regras impostas pela figura materna como forma de agradar a progenitora; 4) a fuga e evitamento ao conflito (proposto na prancha) - muitas vezes as crianças tanto de uma organização como de outra, tendem a fugir ao tema proposto de forma a evitar o conflito interno e a emergência de emoções; 5) na descrição do conteúdo manifesto - a criança utiliza a descrição do conteúdo visível para evitar o conteúdo latente proporcionado pelas imagens de prancha.

Para além disso, são também visíveis dificuldades relacionadas com a figura materna no contexto da oralidade, o que por sua vez contribui para falhas identitárias e, insuficiência nas referências identitárias significativas, devido a falhas na relação de triangulação ao nível do Édipo. Observa-se a incapacidade de fantasiar a cena primitiva bem como falhas na elaboração depressiva, ou seja, na capacidade de gerir a solidão.

As diferenças têm a ver com o facto de, nas organizações depressivas, existir um discurso narrativo mais organizado, com um maior contacto directo ao conteúdo da prancha remetendo para uma contextualização ao real. Já na psicose, o discurso narrativo é predominantemente desorganizado, com intensas projecções fantasmáticas, que reflectem um afastamento da realidade e, a absorção na fantasia. No grupo da organização depressiva, na maior parte dos casos, não surgem mecanismos primários, com excepção da enumeração, enquanto no grupo das crianças psicóticas, surgem os seguintes mecanismos primários: 1) mecanismos associados à regressão, sendo visível quando uma criança remete na sua narrativa para elementos regressivos, utilizando palavras como “bebé”, “papá”, “berço”, “água” ou, quando introduz muito afecto numa história ou desejo de obter esse afecto, nomeadamente na relação com a figura materna, ou também quando faz uma referência pessoal; 2) a negação, ou seja quando a criança nega uma determinada acção ou situação; 3) a anulação, emergindo quando a criança anula uma acção ou uma situação substituindo-a por outra do seu agrado; 4) a clivagem, que surge quando a criança não percepção a prancha na sua totalidade ou quando existe uma fuga de ideias em que a criança se desorganiza clivando o conteúdo

da prancha com outro pertencente ao seu mundo imaginário; 5) grande confusão entre a fantasia e a realidade.

A prova temática infantil permite-nos assim perceber, no geral, a estrutura da personalidade e, neste caso, tendo em conta os diferentes tipos de organização, o nível do funcionamento psíquico em cada grupo.

Conclusão:

O nosso trabalho baseou-se na análise comparativa dos desenhos de crianças com uma organização depressiva e com uma organização psicótica, assim como na prova temática infantil com imagens de animais e imagens humanas, teste complementar do nosso estudo. De acordo com o problema proposto, que implica analisar se as crianças com diagnóstico de organização depressiva e com organização psicótica manifestam nos seus resultados das provas projectivas (desenho da figura humana, desenho da família, desenho livre e, a prova temática infantil - C.A.T.), funcionamentos psíquicos diferentes.

Relativamente às provas projectivas constituídas pelos desenhos, existem, ao nível do funcionamento psíquico destas crianças, aspectos significativos e diferenciadores: 1) Em crianças com organização depressiva observa-se - uma percepção corporal menos ambígua e com um maior nível de coesão, apesar de ser visível algumas perturbações ao nível da imagem corporal; uma ligação concreta com a real percebida na sua totalidade, na maioria dos casos; 2) Em crianças com organização psicótica observa-se - uma percepção corporal distorcida e percebida por partes e não na sua globalidade; uma invasão fantasmática, com os seus movimentos regressivos; o distanciamento do contacto com a realidade; percepção da realidade a partir de detalhes como se houvesse uma clivagem e não uma abrangência total do real.

Relativamente às provas projectivas constituídas pela prova temática infantil, (C.A.T-A/H), verificaram-se de igual forma nítidas diferenças, sobretudo na organização estruturação mental, entre as crianças com organização depressiva e as crianças com organização psicótica. 1) Em crianças com organização depressiva observa-se - uma maior capacidade de organizar as narrativas, de as estruturar e, de dar sentido lógico às histórias; 2) Em crianças com organização psicótica observa-se -

uma incapacidade de organizar narrativas de forma coerente e lógica, pois existe uma fuga à realidade e uma intensa invasão fantasmática.

Podemos assim concluir mediante as provas apresentadas, nomeadamente o desenho, que estas ajudam a distinguir estes diferentes níveis de funcionamento psíquico, ou seja, por um lado as crianças com uma organização depressiva têm um funcionamento psíquico mais equilibrado e uma personalidade com um maior nível de estruturação, por outro lado, as crianças que apresentam uma organização psicótica tem um funcionamento psíquico deficitário e uma personalidade mal estruturada e frágil.

Referências Bibliográficas:

Aguiar, E. (2004). *Desenho livre infantil*. Rio de Janeiro: E-papers

Boekholt, M. (2000). *Provas temáticas na clínica infantil*. Lisboa: Climepsi Editores.

Campos, D. (2003). *O Teste do Desenho como Instrumento de Diagnóstico de Personalidade*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Coelho, J. C. (1993). *Mecanismos de defesa do desenho infantil*. Dissertação de Mestrado não publicada, I.S.P.A. Lisboa, Portugal.

Di Leo, J. H. (1985). *Interpretação do desenho infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Ferreira, T. (1993). O período da latência na criança, *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 5, 73-91.

Ferreira, T. (1997). Etiologia das feridas narcísicas na depressão, *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 13, 83-93.

Flanagan, R., Motta, R. W. (2007). Figure drawings: a popular method. *Psychology in the Schools*, 44 (3), 257-270.

Handler, L., & Habenicht, D. (1994). The kinetic family drawing technique: a review of the literature. *Journal of Personality Assessment*, 62 (3), 440-464.

Lebovici, S. (1978). Evolução e prognóstico das psicoses da criança – psicoses infantis. In C. Koupernik, S. Lebovici, D. Widlöcher (Eds.), *As psicoses infantis (pp. 90-103)*. Lisboa: Veja (pp. 135-149)

Lebovici, S. (1978). Evolução e prognóstico das psicoses da criança – psicoses infantis. In C. Koupernik, S. Lebovici, D. Widlöcher (Eds.), *As psicoses infantis (pp. 135-149)*. Lisboa: Veja

Luquet, G. H. (1979). *O desenho infantil*. Porto: Barcelos

Karen.M. (1949). *Projeccion de la personalidad en el dibujo de la figura humana*. Trad. Gutiérrez, J.M.Cultural, S.A.,Habana, Cuba.

Kazdin, A. E. (1988). Childhood depression. In J. C. Witt, S. N. Elliot, & F. M., Gresham (Eds.), *Handbook of Behavior Therapy in Education* (pp. 739-772). New York: Plenum Press.

Koppitz, E. M. (1966). Emotional indicators on human figure drawings of shy and aggressive children. *Journal of Clinical Psychology*, 22 (4), 466-469.

Machover, K. (1949). *Projección de la personalidad en el dibujo de la figura humana*. Havana: Cultural, S. A.

Matos (1982). *O desespero*. Lisboa: Climepsi Editores

Matos (2001). *A depressão*. Lisboa: Climpsi Editores

Matos (1984). Depressão: estrutura e funcionamento. Conferência efectuada no I Simpósio de Dinâmica da Depressão – Lisboa, 14 de Dezembro de 1984.

McPhee, J. P., & Wegner, K. W. (1976). Kinetic-Family-Drawings styles and emotionality disturbed childhood behaviour. *Journal of Personality Assessment*, 40 (5), 487-491.

Reznikoff, M., & Reznikoff, H. R. (1956). The family drawing test: a comparative study of children's drawings. *Journal of Clinical Psychology*, 12 (2), 167-169.

Stein, M. T. (2001). Challenging case: family relationships and issues. The use of family drawings by children in pediatric practice. *Pediatrics*, 107 (4), 855-860.

Vidigal, M. (1990). Psicoses na II Infância, *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 1, 22-35.

Tielsch, A. H., & Allen, P. J. (2005). Listen to them draw: screening children in primary care through the use of human figure drawings. *Pediatric Nursing*, 31(4), 320-327.

Thomas, G. V., & Silk, A. M. J. (1990). *An introduction to the psychology of children's drawings*. London: Harvester Wheatsheaf.

Ulloa, R. E., Apiquian, R., Fresan, A., & de la Peña, F. (2000). Child and adolescent psychosis: a review of characteristics and treatment. *Salud Mental*, 23 (4), 1-9.

Wallon, P., Cambier, A., & Engelhart, D. (1990). *Le dessin de l'enfant*. Paris: Presses Universitaires de France.

Wright, J. H., & McIntyre (1982). The family drawing depression scale, *Journal of Clinical Psychology*, 1982, 38 (4), 853-861.

Montagna, M.(1989).*Análise e Interpretação do CAT: teste de apercepção temática Infantil*.

Ferreira Teresa, (2002/2003). *Ensaio Sobre a depressão Infantil*. Caderno nº 4 Psicopatologia da Criança e do Adolescente

ANEXOS CASOS:

ANEXO – CASO 1 de Organização Depressiva

Análise dos desenhos:

Desenho da Figura Humana:

No desenho da figura humana a (C. A.), é notório o desejo imediato de identificação com a figura materna, pois foi esta a figura que foi projectada no seu desenho, demonstrando a vontade de se parecer com ela, colocando a figura num plano infantil caracterizado por atributos semelhantes aos seus em termos da idade e das actividades exercidas, ou seja, a menina descreve a figura desenhada como a mãe que tem 10 anos e está a brincar. Apesar deste desejo, a criança demonstra capacidades de identificação do género e do sexo.

A (C.A.) começa por desenhar o círculo que corresponde à cabeça, sendo esta normalmente a primeira parte a ser desenhada (onde se localiza o eu). A cabeça, segundo Machover (1949) e Campos (2003), é o centro do poder intelectual, do domínio social e do controlo dos impulsos do corpo. A menina em questão desenha a cabeça claramente arredondada, proporcional ao corpo, ligeiramente esquematizado, o que poderá significar o recurso à fantasia como um movimento compensatório das suas necessidades afectivas, reflectindo um bom ajustamento social e intelectual ou, poderá estar ligado a sentimentos de inferioridade. A menina desenha o rosto completo sem necessidade de reforço do contorno facial (olhos, boca e nariz). Segundo Di Leo, (1985) os olhos podem ser considerados como o órgão principal que permite através da figura materna o primeiro contacto com o meio externo. A menina desenha-os com um formato oblíquo, sem pestanas nem sobrancelhas, o que poderá evidenciar uma possível depressão e uma incapacidade de controlar o meio envolvente. A boca desenhada pela (C.A) tem um formato côncavo que poderá expressar infantilidade e dependência às figuras significativas, provavelmente associada a demasiada exigência por parte das figuras parentais. O nariz, segundo Campos (2003), é considerado no desenho como um símbolo de cariz sexual. A menina desenha um nariz com um formato de botão (redondo) mas incompleto, o que poderá ser mais um factor que aponte para a

infantilidade e imaturidade sexual. De seguida, a (C.A) desenha o pescoço, este segundo Campos (2003), é considerado como o elemento que separa a parte racional da parte impulsional proveniente do corpo.

No caso concreto de (C.A.), como o pescoço é curto e grosso poderá supor-se que o comportamento desta criança tem uma orientação mais regida pelos impulsos do que pelo intelecto ou, eventualmente poderá reportar-se a mecanismos de compensação. De seguida, a menina desenha os braços e as mãos. Estes indicam, segundo Campos (2003), Machover (1949) e Di Leo (1985), as primeiras formas de desenvolvimento e adaptação social e de relação com os outros. A (C.A) desenha os braços numa posição horizontal e mecânica, em ângulo recto com a linha do corpo e, sem acção, o que leva a sugerir, segundo Campos (2003), um funcionamento emocional superficial com os outros, podendo existir dificuldades de ordem emocional e afectiva. A (C.A.) desenha as mãos em conjunto com os dedos, em formato de luva e abertas, o que poderá sugerir uma agressividade reprimida, bem como necessidade de afecto e de interacção com os outros.

Posteriormente, a menina desenha o tronco, cujo formato é um quadrado com ângulos bem visíveis, é mais um aspecto que pode indiciar sinais de agressividade. As pernas desenhadas pela menina são longas, mas tapadas pelas calças o que poderá segundo Campos (2003), ter um simbolismo sexual, mas no caso da (C. A.) poderá significar uma necessidade de auto afirmação social, devido ao seu possível desajuste ao meio familiar e social. A menina desenha uns pés com um formato impreciso. Como os pés, segundo Campos (2003), indicam a segurança geral do individuo em caminhar no seu meio envolvente, sendo a base do nosso corpo, pode-se por isso colocar como hipótese que a (C.A.) tem uma segurança geral muito baixa, demonstrando simbolicamente a dificuldade de se mobilizar no seu meio ambiente. Por fim, a (C.A.) desenha os cabelos caracterizados por duas linhas curvas que saem do topo da cabeça. O cabelo, segundo Machover (1949), tem um valor simbólico de virilidade sexual mas, neste caso, dada a ausência do preenchimento do espaço envolvido, poderá revelar uma imaturidade psicosexual. O traçado do desenho é forte o que, na opinião de Campos (2003) poderá significar medo e insegurança.

No conjunto do desenho da figura humana, podemos colocar como hipótese que a (C.A.) poderá ter uma personalidade com uma estrutura depressiva onde se encontram alguns aspectos relevantes de agressividade, imaturidade e insegurança.

Desenho da Família:

No desenho da família a (C.A.) desenha em primeiro lugar a avó. Segundo o autor Hulse (cit, por Campos, 2003) a primeira figura desenhada é aquele á qual é atribuída maior valência positiva ou negativa para a menina. Esta figura destaca-se pela proporção, pois é maior e encontra-se do lado esquerdo, um pouco mais afastada das outras. Para além disso, a (C.A.) caracteriza a avó como sendo a mais simpática e como possuidora de maior autoridade social, pois o tamanho da cabeça destaca-se em relação as outras figuras. Tendo em conta a sua história de vida, poderá dizer-se dentro do seio familiar, que a avó é a pessoa que tem mais importância para ela, pois dá-lhe mais atenção, a menina afirma gostar mais da avó. Em segundo e terceiro lugar encontram-se, respectivamente, as figuras representativas do padrasto e da mãe. Estes têm dimensões semelhantes em termos das proporções. O padrasto é caracterizado como sendo o menos simpático e aquele que a menina gosta menos e, a mãe, como sendo a mais simpática, mais feliz e aquela a qual a menina gostava de ser. Por fim, a (C.A.) relativamente à proporção das outras figuras, desenha-se num tamanho mais pequeno e, em último lugar, o que poderá significar dificuldades de adaptação no contexto familiar, podendo associar-se a problemas de ordem emocional e de uma baixa auto estima, dado que se considera a pessoa mais triste dentro da família.

É importante não esquecer que a (C.A.) omite no desenho a sua irmã mais nova, a Luci, que tem seis anos de idade. Poder-se-á colocar a hipótese, de acordo com a sua história de vida, que esta omissão serve como um mecanismo de defesa emocional, pois sente que a irmã ocupa um lugar de destaque na família, afastando-a e fazendo-a sentir um pouco à parte relativamente ao restante núcleo familiar, como de facto é observável através do desenho, pois a menina justifica-se dizendo que não desenhou a irmã, porque esta é má para ela. A (C.A.) também omite no seu desenho a figura do pai biológico.

Tendo em conta a sua história de vida, ou seja, a ausência do pai biológico poderá significar que a menina encontrou uma figura de substituição, ou seja, que o padrasto assume o papel de pai verdadeiro, (a C.A. foi abandonada pelo pai quando tinha seis anos de idade e apesar deste telefonar a dizer que aparece, nunca assumiu esta responsabilidade), ou seja, a nível emocional a Cláudia tenta reparar esta ausência por uma nova figura paterna.

É importante também notar, que todas as figuras desenhadas pela (C.A) estão de braços e mãos abertas, o que poderá revelar uma família pouco estruturada no campo

emocional. Todos os elementos da família parecem ter dificuldades em estabelecer relações de afectividade entre si, podendo revelar um meio pobre a nível dos afectos.

Podemos também destacar os pés na figura que representa a mãe. Estes são diferentes de todas as outras figuras, o que poderá revelar pelo seu formato, um para um lado e o outro para o outro lado, que está mãe é muito insegura e ambivalente ao nível do comportamento, por oposição à avó, que pela sua dimensão no desenho, aparenta ser a figura dominante e, eventualmente, instrumentaliza a sua ligação com a (C.A.). Para além disso, pelos suportes, (pés) da avó e da (C.A.), que são idênticos devido ao destaque de um calcanhar bem acentuado, poderá existir problemas também de ordem sexual.

No contexto geral do desenho poderá colocar-se como hipótese uma família pouco funcional, gerando-se alianças entre dois núcleos, a (C.A.) e a avó e, o restante núcleo familiar, trazendo dificuldades à (C.A.) para se inserir e se adaptar à dinâmica familiar.

Desenho Livre:

Neste a (C.A) desenha uma gata (a C.A. foi fazendo a descrição da história da gata). O desenho de um animal, segundo Dominique (1990), pode ser comparável ao desenho de uma pessoa, pois este pode assumir um carácter antropomórfico mas, neste caso concreto, tendo em atenção a sua história de vida, poderá dizer-se que a (C.A.) relata um episódio real: representa no seu desenho a gata que a avó encontrou na rua, que depois trouxe para casa para tratar e, que mais tarde ofereceu a outra pessoa argumentando que esta sujava tudo. A ordem pela qual começa o desenho é a seguinte: inicia pela parte do meio, depois as patas, o pescoço, a cabeça, as orelhas e os olhos. De seguida, volta à parte do meio e faz riscas que simbolizam manchas do pêlo do animal, finalizando com uma grande cauda. As cores utilizadas para pintar o desenho do animal são duas, castanho e lilás o que podem indicar indícios de uma depressão.

O traçado não é contínuo, porque a criança não utiliza um único traço para fazer o desenho, mas utiliza sim, o método de comunicação entre partes, tendo início com uma primeira parte (neste caso, o tronco), seguindo sequencialmente pelo desenho completo das restantes partes, até conseguir que o seu desenho obtivesse um significado geral.

Respostas ao C.A.T.A:

Prancha 1: “Era uma vez, três passarinhos e estavam a fazer uma comida, depois foram para a mesa e depois a mãe chegou e ficou muito contente e depois a mãe provou e depois a mãe disse estava muito ótimo.”

Prancha 2: “Era uma vez, três ursos que estavam brincar, mas depois mudaram para outro jogo e depois foi para o jogo da corda, foi um contra dois e quem ganhou foi quem tinha menos ursos.”

Prancha 3: “Era uma vez, um leão que era o rei, mas depois ficou tão velho que não conseguiu roncar para todos os leões, mas depois um rato viu e ajudou-o. O rato conseguiu fazer rosnar outra vez e depois os leões ficavam contentes.”

Questionário:

P: *E o leão que era rei estava contente?*

R: *“este estava muito contente.”*

Prancha 4: “Era uma vez, dois filhos da “deixa lá ver se consigo lembrar-me do nome dela”, tinha 2 filhos e ela uma vez foi dar um passeio ao bosque, mas depois viu uns homens e fugiu para a sua casinha e lá os homens já não podiam matar ela.”

Questionário:

P: *No passeio ela tinha companhia?*

R: *“Tinha companhia, com os dois filhos, um andava na sua malinha e outro na bicicleta e depois o bebé da bicicleta caiu ao vir para casa, depois a mãe ajudou-o e chegaram a casa são e salvos.”*

Prancha 5: “Aqui!”. Era uma vez, dois ursos bebés e havia uma mãe e um pai, os bebés. Dormiam numa cama e o pai e a mãe noutra e eles eram muito felizes, mas depois, o bebé não conseguiu dormir, o pai embalou-o e a mãe pôs a dormir, o outro bebé urso deixou a roca cair e depois o pai apanhou-a e deu ao bebé, depois chegou a manhã e eles foram comer, um ursinho bebé comeu papa e o outro comeu o biberão, depois foram para a cama e daí foram muito felizes.”

Prancha 6: “Era uma vez um urso bebé e um pai e a mãe, o bebé gostava de chuva, como hoje estava a chover ele decidiu ir lá para fora e a mãe e o pai ralharam com ele, mas depois passou a chuva e o bebé pode ir lá para fora acompanhado com a mãe e o pai. Daí, o bebé decidiu não ir lá para fora, quando estivesse a chover, pois sabia que a chuva algumas vezes faz mal, pode ficar engripado e o pai e a mãe ficaram muito felizes.”

Prancha 7: “Era uma vez, um leão que estava escondido para apanhar um macaco depois ele atacou-o e o macaco fugiu para cima da árvore, mas depois como o leão era esperto ficou a dormir. O macaco desceu e foi para ao pé da sua mãe, mas o leão foi atrás dele, mas a mãe do macaco como era esperta fez as pazes com o leão e depois o leão foi para a sua casota ao pé da sua mãe e disse a mãe que fez novos amigos, a mãe ficou contente. De manhã, de manhã ele foi brincar com o macaco, depois o macaco também foi para a sua árvore para dizer a mãe que brincou muito com o leão.”

Prancha 8: “Era uma vez um macaquinho que tinha uma mãe e um pai e ele fazia anos, veio os tios, veio as avós e os avôs, mas o pai tinha um amigo, ele falou com o macaquinho e deu também uma prenda, os tios e avós deram também uma prenda e cantaram os parabéns. De manhã, brincou com as suas prendas, o amigo do pai veio outra vez, falou com o macaquinho, mas depois o amigo do pai disse se ele tinha namorada e ele respondeu, mais ou menos, depois o amigo do pai prometeu que vinha cá amanhã. O macaquinho, disse ao amigo do pai que trouxessem a namorada do macaquinho. De manhã o macaquinho levantou-se e telefonou a sua namorada, o amigo do pai bateu a porta e o macaquinho abriu, o macaquinho mostrou a sua namorada e o amigo do pai ficou muito feliz, fim.”

Prancha 9: “Era uma vez, um coelhinho que não queria dormir, a mãe ensinou-o a dormir. O coelhinho fechou os olhos e não conseguiu dormir, foi para ao pé da mãe e pai e agarrou-a a mãe, a mãe disse para ir para o seu quarto, ele fechou os olhos e conseguiu dormir. De manhã o coelhinho disse a mãe que conseguiu dormir, é o fim.”

Prancha 10: “Era uma vez um cãozinho que não gostava de tomar banho, mas a mãe ensinou-o a tomar banho e ele disse que não queria lavar-se, a mãe contou uma história e o cãozinho disse que ele não quer ficar todo porco, depois foi para a casa de banho e lavou-se todo, depois a mãe ficou muito contente. De manhã o pai disse se ele tinha tomado banho, o cãozinho disse que sim, o pai ficou muitooooo contente e a mãe também fim.”

Interpretação do C.A.T.A:

Prancha 1: Nesta prancha é notório a fantasia de aprovação na relação com a imagem materna no contexto da oralidade, ou seja aqui é expresso a importância do reforço narcísico, “*depois a mãe chegou e ficou muito contente e depois a mãe provou e depois a mãe disse estava muito óptimo*”. Existe uma ligeira distorção perceptiva da realidade, pois em vez de pintainhos ela substitui por passarinhos. Para além disso, dá uma resposta muito invulgar ao que é habitual pois é ela que é a prestadora de cuidados perante a figura materna e não o contrário, “*Era uma vez três passarinhos e estavam a fazer uma comida*”.

Prancha 2: Nesta existe competição, mas a C.A. não a coloca em termos edipianos. Aparece a temática de agressividade na relação triangular progenitor-filho quando muda para outro jogo, mas não tem um carácter de Édipo, talvez por ausência da figura paterna na vida desta menina, “*mas depois mudaram para outro jogo e depois foi para o jogo a corda, foi um contra dois e quem ganhou foi o que tinha menos ursos*”.

Prancha 3: o nível de distorções é menor. Utiliza o termo de leão velho pela visualização na prancha de uma bengala e conseguiu localizar o rato dando a este o papel de herói, “*o rato viu e ajudou-o*”. O conteúdo latente pretendido seria a potência fálica contra a impotência caracterizada pelo rato. Neste caso, as partes contrárias colaboraram, “*O rato conseguiu fazer rosnar outra vez os leões ficavam contentes*. O uso da formação reactiva, foi utilizada para fugir ao conflito e desta forma de se narcisar a si mesma, “*este estava muito contente, porque conseguiu rosnar outra vez*”.

Prancha 4: Esta remete para a relação com a figura materna. Nesta prancha emerge na C.A. uma desorganização regressiva. O bebé na barriga da mãe que é uma situação

real. Introduce também elementos que não estão presentes na prancha, “*viu uns homens e fugiu para a sua casinha e lá os homens já não podiam matar ela*” que se manifesta como uma situação de perigo eminente, mas a casinha surge como um lugar que lhe transmite segurança. No final faz cair o bebé da bicicleta, mas depois coloca a figura materna como mediadora da queda, “*depois o bebé caiu ao vir para casa, depois a mãe ajudou-o chegaram a casa são e salvos*”. Esta foi possivelmente a situação que foi mais ansiogénica para a menina nesta prancha.

Prancha 5: Nesta a menina tem tendência a utilizar a fuga como defesa para não entrar dentro do conflito suscitado pela temática da curiosidade sexual. É também notória a produção de uma narrativa fantasiosa, em que um dos bebés ursos não conseguia dormir. Esta situação serve para evitar que os pais ficassem sozinhos, a fim de manter o controlo da situação na relação dos pais “*o bebé não conseguiu dormir, o pai embalou-o e a mãe pôs a dormir, o outro bebé urso deixou a roca cair e depois o pai apanhou-o e deu ao bebé*”. A percepção ansiogénica da prancha não permitiu a elaboração do conflito pretendido, pois para além do uso dos ursos como forma de controlo, utiliza uma nova situação” *depois chegou a manhã e eles foram comer, um ursinho bebé comeu papá e o outro comeu o biberão, depois foram para a cama e daí foram muito felizes*”

Prancha 6: É perceptível a fantasia ambivalente entre a autonomia e a dependência, isto porque, na prancha, o urso bebé toma primeiro a iniciativa de ir lá para fora quando estava a chover, mas depois já tem necessidade de ir lá para fora apenas acompanhado pelos pais, após a chamada de atenção por parte destes. Na narrativa é clara a utilização da formação reactiva através do respeito pelas regras” *Daí o bebé decidiu não ir lá para fora, quando tivesse a chover, pois sabia que a chuva algumas vezes faz mal, pode ficar engripado e o pai e a mãe ficaram muito felizes*”. Mostra a capacidade de elaborar o desejo de ir para a chuva, mas coloca logo as figuras parentais como o super ego que a proíbe de concretizar o seu desejo.

Prancha 7: Nesta, a percepção do conflito foi atingida, pois surge na narrativa a temática da perseguição, que remete para uma relação carregada de agressividade associada a devoração, pois o leão escondeu-se para atacar o macaco, mas não o chega a comer porque, entretanto o macaco sobe para cima da árvore. Mas logo de seguida, faz a negação do conflito através da figura materna que serviu de mediadora na narrativa,

para evitar a problemática, pois foi a mãe do macaco que fez as pazes com o leão. No final da prancha surge um final onnipotente “ *De manhã, de manhã, ele foi brincar com o macaco, depois o macaco também foi para a sua árvore para dizer a mãe que brincou muito como o leão*”

Prancha 8: Nesta, a menina mostra capacidades perceptiva, pois consegue fazer a diferenciação de gerações e de sexos, “*era uma vez um macaquinho que tinha uma mãe e um pai e ele fazia anos, veio os tios, veio as avós e os avôs*”. Mas logo após este início marcadamente ansiogénico para a menina, ela tem a necessidade de introduzir um novo elemento, o amigo do pai e, a partir daí, vai inventar uma história para evitar a elaboração do conflito baseado na relação familiar.

Prancha 9: Nesta, não surge a temática relacionada com a solidão e o abandono, mas sim a necessidade de controlar a relação com os pais, e a tentativa de os separar “ *O coelhinho fechou os olhos e não conseguiu dormir, foi para ao pé da mãe e pai e agarrou-a a mãe*”. Posteriormente aparece o superego através da figura materna, que modifica o seu controlo “*a mãe disse para ir para o seu quarto, ele fechou os olhos e conseguiu dormir*”.

Prancha 10: Nesta, a menina mostra a grande necessidade narcísica que tem de aprovação, pois através do conflito que remete para a relação progenitor/filho num contexto de analidade e de limpeza. Ela mostra a necessidade que tem de agradar aos seus progenitores, “ *o cãozinho disse que ele não quer ficar todo porco, depois foi para a casa e banho e lavou-se todo, depois a mãe ficou muito contente. De manhã o pai disse se ele tinha tomado banho e o cãozinho disse que sim, o pai ficou muitooo contente e a mãe também*”

ANEXO – CASO 2 de Organização Depressiva

Análise do Desenho:

Desenho da Figura Humana:

Inicialmente, a (P.A) entra em choque quando se pede para ela desenhar um rapaz ou uma rapariga a sua escolha, mas depois do impacto inicial opta por desenhar um homem que diz ter 10 anos e que quando for crescido quer ser trabalhador de construção civil.

A (P.A) no desenho da figura humana projecta a sua imagem corporal numa figura masculina, ou seja, desenha um rapaz.

Este desenho demonstra que esta menina poderá ter perturbações ao nível da imagem corporal e da identidade género.

A menina começa por desenhar um círculo que representa a cabeça, segundo alguns autores, como Campos (2003) e Machover (1949), a cabeça é onde se localiza o self e é o centro do poder intelectual, dominância social e também do controlo dos impulsos do corpo. A menina desenha a cabeça, esta em relação ao corpo parece um pouco desproporcional pelo tamanho que apresenta, o que pode indicar a fantasia como um movimento compensatório as suas necessidades afectivas. Na realidade a (P.A) é uma menina que se isola em casa e não quer brincar, prefere ficar em casa envolvida nas suas brincadeiras e no seu mundo imaginário. Os olhos são representados pela a menina por um ponto, o que pode reflectir, segundo Campos (2003), no caso da (P.A.) imaturidade para enfrentar a vida, assim como um aspecto regressivo na maturidade afectiva. A menina desenha também o nariz com um formato em L, o qual transmite a impressão de não estar completo, como este, segundo Campos (2003) tem um simbolismo sexual, pode dizer-se que a (P.A.) poderá ter uma inadequação sexual ou estar indecisa ao nível do seu género sexual, por isso colocando como hipótese, desenha um homem como reflexo do seu conflito psicosexual, mas também pode estar relacionado com o medo de castração.

A boca, segundo Campos (2003), é o elemento de gratificação ou de insatisfação oral na relação precoce, neste caso a boca é côncava o que pode indicar dependência afectiva, para com a mãe. A (P.A) não desenha o pescoço, este é a zona mediadora do conflito entre o controlo intelectual e os impulsos corporais.

A omissão desta parte do corpo aponta para um caso perigoso onde existe uma maior dificuldade em coordenar os impulsos através do controlo da razão, assim como pode reflectir problemas de inferioridade, assim como receios associados a castração.

De seguida, a menina começa a desenhar o corpo, o tronco tem um formato rectangular o que pode indicar sinais de agressividade

Depois desenha os braços e as mãos, estes elementos de ligação segundo Campos (2003), Machover (1949) e Di Leo (1985) estão relacionados com a adaptação social e com a inter-relação com o meio envolvente e com os outros. Os braços são desenhados na horizontal e de forma mecânica em ângulo recto com a linha do corpo, o que poderá ser segundo Campos (2003), mais um sinal da regressão e do contacto superficial e não afectivo com os outros. A menina desenha as mãos com contornos imprecisos o que poderá significar, segundo Campos (2003) o mesmo que a ausência de mãos ou seja, falta de confiança nos contactos sociais, além disso estão abertas como possível sinal, de necessidade de afecto e de inter-relação com os outros. As pernas, segundo Campos (2003), têm um marcado simbolismo sexual, nomeadamente no sexo feminino. A (P.A) parece ter um conflito sexual, pois utiliza mudanças de linhas, enquanto desenha as pernas, traçando uma linha no meio para dar impressão de calças, podendo revelar uma imaturidade psicosexual.

Os pés indicam o suporte do indivíduo, a base, a segurança geral do indivíduo em caminhar no meio ambiente, no caso da menina em questão, os pés são desenhados como duas pequenas bolas, o que pode indicar uma segurança geral insuficiente, baixa auto-estima, dificuldades de contacto com o meio envolvente, sentimento de menos-valia.

As pernas e os pés, segundo Campos (2003), são fontes de conflitos e dificuldades e podem expressar perturbações a nível sexual, mas também dificuldades de mobilização no meio envolvente e na relação com os outros.

Por fim, desenha o cabelo, que é representado por uma sombra vigorosa com limites mal delineados, que poderá remeter para um conflito centrado na virilidade que remete para uma imaturidade sexual, mas também segundo o autor Di Leo (1985), o sombreamento remete para aspectos ligados a ansiedade.

Para concluir, podemos verificar que existe uma grande carência afectiva por parte desta menina, um marcado conflito sexual, proveniente de uma imaturidade psicosexual, assim como um aspecto regressivo na imaturidade afectiva o que contribui para o aparecimento de sentimentos depressivos.

O traço utilizado pela menina é forte o que poderá apontar segundo o autor Campos (2003), principalmente para sentimentos associados ao medo e insegurança. A colocação da figura na parte inferior da folha poderá ser percebida segundo Di Leo (1985) como suporte, mas também poderá significar segundo Campos (2003), uma ligação ao real e ao concreto, e a sentimentos de insegurança e depressão.

Desenho da Família:

Segundo Campos (2003), de acordo com a opinião de Hulse, a primeira figura desenhada é aquela que se destaca como a mais importante positiva ou negativamente para a criança, a proporção da figura é também um elemento importante a destacar. No caso da (P.A.) a menina desenha em primeiro lugar a mãe, a figura da mãe poderá destacar-se não só pelo tamanho, mas também, porque a (P.A.) parece atribuir a mãe maior autoridade social, pois o tamanho da cabeça destaca-se em relação as outras figuras, além disso, de todas as figuras desenhadas parece ser aquela que tem maior segurança no geral na interacção com o meio envolvente, pois é a que tem os pés, base do equilíbrio corporal, nitidamente mais salientes que as outras figuras. A menina caracteriza a mãe como a mais simpática, afirmando gostar mais da mãe. A (P.A.) desenha em segundo lugar a irmã Bruna, esta destaca-se pelo seu tamanho reduzido em relação as outras figuras, talvez por ser a irmã mais nova de 4 anos, caracterizando esta como a mais triste. De seguida, em terceiro lugar, desenha a sua irmã Dora de sete anos um pouco mais afastada das primeiras figuras desenhadas e com um tamanho também reduzido, mas um pouco maior do que a segunda figura que representa a irmã mais nova, caracterizando-a como a mais contente.

Posteriormente, coloca em quarto lugar o padrasto, como sendo o menos simpático, afirmando gostar menos dele, a menina desenha esta figura com uma proporção notória talvez pela atribuição de uma valência negativa a esta figura. O cabelo do padrasto destaca-se do das outras figuras, pois apresenta-se desordenado o que poderá significar na opinião de Campos (2003), imoralidade sexual. Por fim, a (P.A.) desenha-se em ultimo lugar, com um tamanho mais ou menos proporcional ao padrasto, podendo possivelmente atribuir a si também uma valência negativa, por sentimentos de menos valia e de inferioridade.

Neste meio familiar, parece que toda a família necessita de suporte afectivo e de intensificar as inter-relações sociais entre os seus vários elementos, devido ao facto de

todos os membros familiares estarem de braços e mãos abertas, além disso, o tronco das figuras desenhadas demonstram alguma agressividade presente nas relações estabelecidas dentro do seio familiar. Os pés das outras figuras excepto, os da mãe demonstram uma insegurança geral na interacção com os outros, pois são apenas representados por bolas, apesar disso, os pés da figura que a representa, são os únicos que estão metidos para dentro, o que poderá simbolizar de acordo com Campos (2003), ambivalência ao nível do comportamento. Além destes factores, parece ser evidente um conflito sexual subjacente em algumas figuras do sexo feminino, como é o caso da mãe e da Dora irmã de sete anos, isto é visível, segundo o autor Campos (2003), pela recusa em desenhar a bifurcação das pernas, traçando uma linha no meio para dar a impressão de calças, além disso, é notório, tanto nestas figuras como nas outras, no caso da Bruna e da Paula uma mudança de linhas nas figuras desenhadas, passando de linhas mais fortes para linhas mais finas o que indica o conflito sexual.

Em resumo, poderá dizer-se que estamos perante uma família disfuncional, com dificuldades de interacção dos membros uns com os outros nas relações familiares, assim como é notórias perturbações ao nível do campo sexual.

No final da realização do desenho apenas com o objectivo de perceber como esta menina se percebe no seu meio familiar fez-se a seguinte pergunta: “ Se fossem todos passear de carro e não houvesse lugar para um deles quem é que ficava em casa e não ia passear?”, perante esta questão a menina responde que deixava a Bruna em casa se não houvesse espaço no carro.

As figuras encontram-se em baixo na folha o que reflecte insegurança, mas também uma ligação concreta ao real.

O traço é também forte o que poderá remeter, segundo Campos (2003), para sentimentos de medo e insegurança.

Desenho Livre:

O desenho livre, expressa um imaginário empobrecido e triste, onde é notório por parte da menina uma intensa angústia de abandono e vazio afectivo. A menina conta a história sobre este desenho da seguinte forma: “ *Era uma vez uma menina triste, que não sabia dos pais e por isso, estava a chorar, ela tinha deixado voar o balão.*”. A menina tem a necessidade de traçar em primeiro lugar uma linha por debaixo do desenho o que poderá significar, na opinião de Campos (2003) falta de confiança e medo em caminhar

no seu espaço envolvente. Neste desenho existe elementos e símbolos que fazem parte do mundo da criança, como o sol, as nuvens, a casa, as árvores com frutos as flores e os animais, segundo a autora Aguiar (2004), estes elementos fazem parte do cenário gráfico. Segundo o autor Coutty (1996), as crianças podem projectar a imagem que tem de si próprias, como também daquilo que as rodeia, através da representação do cenário no desenho.

A (P.A) desenha em seguida uma menina de braços abertos, e com um semblante demonstrativo de sofrimento e angústia, esta encontra-se fora de casa, isto pode ser um indicador, no qual a menina não se sente bem em casa. Segundo Di Leo (1985), esta deve representar um lar um refúgio para a criança, onde existe calor e afecto. Segundo Aguiar (2004), a casa é demonstrativa do clima familiar e do relacionamento com a figura materna, mas também pode representar a própria criança, segundo Campos (2003) a casa como um auto-retrato poderá expressar a fantasia, o ego e a realidade. No caso desta menina a casa parece ser percebida como um meio opressivo, onde a (P.A) se poderá sentir presa. Segundo Campos (2003), quando a fumaça da chaminé esta dirigida para um lado, como se estivesse sobre o efeito de um vento forte, o que acontece no desenho desta menina, poderá ser um reflexo de pressão ambiental, o facto da fumaça estar presente poderá ser um indicativo de conflito, no caso da P.A. muito provavelmente com a mãe, mas também com o padrasto. Outro pormenor importante é que a chaminé também se encontra inclinada para cima do telhado, como este tem um simbolismo fálico, na opinião de Campos (2003) poderá indicar delinquência sexual.

A menina desenha no lado direito da casa uma árvore com frutos, estes poderão indicar segundo Campos (2003), o desejo de maturação e de compreender os problemas da vida para além disso, desenha uma flor e um animal, estes normalmente são desenhados e observados nas crianças imaturas afectivamente, como é o caso da P.A como também podem expressar o desejo de conseguir algo, como por exemplo, suporte afectivo.

Posteriormente, a menina desenha um balão, este pode significar algo que deixou partir, pois não teve força interior suficiente para continuar agarrado a ele e por isso deixou-o voar. O sol, as nuvens, um pássaro sem asas e uma borboleta com uma asa maior que a outra, estes podem ser colocando como hipóteses indicadores de sentimentos de castração por parte da menina, assim como da incapacidade que tem em expressar-se livremente, pois o pássaro poderá ser uma representação figurada da (P.A)

que se sente oprimida no seu meio envolvente sem recursos internos para lutar contra a pressão que sente, necessitando de um suporte afectivo securizante.

Segundo o autor Campos (2003), o traço quando é forte poderá significar medo, insegurança e tensão.

Respostas ao C.A.T.A.:

Prancha 1: “Era uma vez, uns pintainhos e estavam a almoçar e tavam a comer sopa e a mãe disse que era para eles irem dormir e eles disseram: que não queremos e a mãe disse assim: se não vão já para a cama ficam de castigo, uma semana sem ver televisão.”

Nota: é o que a mãe lhe diz quando se porta mal.

Prancha 2: “Era uma vez, três ursos a brincarem e o jogo que eles estavam a fazer era puxar a corda e quem caísse perdia e quem caiu foi, (posso dar nomes aos ursos?), foi o Alberto e quem ganhou foi a Joana e a Mariana.”

Inquérito:

P: quem era a Joana?

R:”era a mais pequenina”

P: Quem era a Mariana?

R: “era a maior”

Prancha3: “Era uma vez, o rei leão que já era muito velhinho e ficou zangado, porque os ratos não lhe deixavam em paz, não sei mais.”

Inquérito:

P: o leão não gostava dos ratos?

R:” sim ele não gostava”.

P: O que é que o leão fez?

R:”tentou os matar, mas não conseguiu.”

P: e porquê?

R:” porque eles fugiram por um buraco muito pequenino.”

P: como é que se sentia o leão?

R:” muito mal.”

P: porque os tinha deixado fugir?

R:” sim.”

Prancha 4: “Isto é raposas ou cangurus? Era uma vez três cangurus que o mais pequeno tava na barriga da mãe com o balão e o outro estava a andar de bicicleta e eles iam fazer um piquenique ao bosque, levavam sumos, pão e quem quisesse leite e a mãe levava um chapéu na cabeça, porque podia estar sol e o mais pequenino sem querer deixou o balão voar, com o vento que estava, duas arvores caíram e a mala ia voando e a mãe teve que segurar no chapéu, depois chegando ao bosque o vento acalmou e depois já podiam brincar e lanchar com paz, já está.”

Inquérito:

P: como é que eles se sentiam?

R:” felizes, porque o vento já acalmou.”

Prancha 5: “Não percebo muito este desenho! Parece um peluche na caminha, na cama e uma cama grande com pessoas em baixo dos lençóis. Era uma vez, uma menina que estava deitada na caminha dela com um peluche e estava a chorar e os pais já estavam a dormir e não ouviam. Na manhã seguinte, a bebé acordou e quando ela acordou os pais já não estavam na cama e o bebé gritou e apareceu um homem desconhecido que queria levar ela, e a bebé gritou: papá! Mamã! e eles não ouviam e depois a bebé chamou a irmã e a irmã disse assim: o que é que foi? Foi um homem desconhecido que veio aqui e a irmã disse assim: isso era um senhor que ouviu gritar e veio aqui. E onde é que estão os pais? E a irmã disse assim: os pais foram trabalhar. Ah! Obrigada, acabou.”

Prancha 6: “(T.I.P), era uma vez, um ursinho que estava a brincar com umas folhas que caíram da árvore e a mãe e o pai estavam a dormir, entretanto veio o urso que queria atacar o pequenino, depois os pais acordaram e defenderam o filho e o filho disse assim: não é preciso, porque eles já fugiram, e eles disseram assim: filho tem mais cuidado, não sei mais.”

Prancha 7: “Era uma vez, um tigre que ia atacar um macaco, depois veio a família do macaco e disse ao tigre se arranha-se o macaco que tinha passar que passar por cima dos macacos, e o tigre apanhou o macaco. No outro dia os macacos viram uma faca no chão e foram a casa do leão não fizeram barulho e mataram o leão e conseguiram salvar o macaco e acaba aqui.”

Inquérito:

P: como é que eles se sentiram depois de ter morto o tigre?

R:” sentiram-se mais alegres.”

Prancha 8: “Era uma vez uma família de macacos, o mais pequenino queria ir para a cama, mas a mãe disse que tinha que ir ter com a tia, a tia e o pai do pequenino, estavam a beber um chá depois fizeram uma festa e o macaquinho já não queria se ir deitar, pois a mãe disse que tinha que ser, pois tinha que me levantar cedo amanhã.”

Inquérito:

P: como é que o macaquinho se sentia?

R: “sentia-se muito mal, mas depois foi chamar uns amigos para ir brincar, só que eles disseram que não, e quando ele falou numa festa, eles disseram que queriam, e os amigos disseram: mas a onde? E o macaco disse assim: em casa da minha avó que tem piscina e brinquedos, já está.”

Prancha 9: “Essa é fácil! Era uma vez, um coelho que estava zangado e foi para a cama e sem querer deixou a porta aberta da rua e ele adormeceu e entraram ladrões e depois assaltaram e tiraram tudo ao coelho. E no dia seguinte, ele já não tinha nada em casa e a porta estava aberta, como a deixou e disse assim: fogo não devia ter deixado a porta aberta e depois a mãe dele chegou e disse assim: o que quês se passa filho? E ele disse que tinham assaltado, e a mãe disse assim: tu deixaste a porta aberta? Deixei mãe , não devias de deixar , porque há muitas pessoas que querem roubar, dormir em casa das pessoas e depois logo de manhã cedo irem-se embora.”

Prancha 10: “Era uma vez, uma mãe cadela que estava com o filho á porta da casa de banho e depois a mãe ficou zangada, porque o filho queria ir brincar para a casa de banho e a mãe disse assim: não podes que depois podes deitar alguma coisa ao chão, ou

podes estragar alguma coisa, e a mãe disse assim: então vai brincar para a rua, se não quiseres vai para o teu quarto e depois o cão disse assim: não mãe, eu vou brincar para a rua, e a mãe disse assim: tem cuidado filho, não te magoes e não te percas, e o filho disse assim: não mãe, não te preocupes e acabou.”

Inquérito:

Inquérito:

P: como é que se sentia o cãozinho?

R: “sentia-se bem e compreendeu que não devia brincar na casa de banho, porque era só para tomar banho e para fazer as necessidades.”

Interpretação do C.A.T.A.:

Prancha 1: A (P.A.) inicia a prancha com uma descrição, nesta prancha a temática pretendida é a relação com a imagem materna num contexto da oralidade. Na prancha em questão a menina utiliza a formação reactiva, como fuga ao conflito desencadeado pela prancha, esta surge com base nas regras impostas pela mãe, existe uma nítida semelhança no que é contado através da história e no que acontece na situação real da vida da criança “ e a mãe disse assim: se não vão já para a cama ficam de castigo uma semana sem ver televisão” e depois acrescenta “ é o que a minha mãe me diz quando me porto mal”. A relação com a mãe parece ser uma relação mais funcional do que emocional tendo como pilar principal o cumprimento das normas e regras, impedindo a P.A. de ter uma relação com a figura materna gratificante, marcada apenas uma relação frustrada pela obediência.

Prancha 2: A menina reconhece a triangulação num contexto edipiano, pois consegue diferenciar os sexos das diferentes personagens, contudo, a menina não entra totalmente dentro do conflito pretendido na prancha, pois a menina coloca os ursos num contexto lúdico, “era uma vez, três ursos a brincarem e o jogo que eles tavam a fazer era puxar a corda e quem caísse perdia” afastando desta forma, a temática num contexto agressivo ou libidinal, todavia inserido neste contexto de brincadeira existe os aspectos competitivos, pois faz cair o urso Alberto que pode ser interpretado como a figura

paterna que perdeu o jogo, evidenciando como vencedoras a Joana a urso mais pequenina e logo a seguir a Mariana a urso maior. Podemos colocar como hipótese que a potencial vencedora, seria a P.A representativa do urso mais pequenino e de seguida a mãe, a urso maior.

Prancha 3: Esta prancha remete para a relação com uma imagem paterna de potência fálica. Nesta prancha a menina refere inicialmente o leão como uma imagem paterna desprovida de atributos fálicos, pois o leão encontra-se na história como uma figura desvitalizada, que é contraditória com a imagem paterna dominadora e de força que é esperada na prancha em questão em oposição a imagem de dominado caracterizado pelo rato “ *Era uma vez, um rei leão que já era muito velhinho, e ficou zangado, porque só aparecia ratos*”, nesta prancha é evidente uma distorção perceptiva, pois a menina vê muitos ratos e na realidade na prancha só existe um rato. Num segundo plano, (através do questionário relacionado com a prancha) o leão surge como uma imagem de onipotência e de agressividade frustrada, pois o leão tentou matar os ratos, mas não conseguiu, a menina para anular estas pulsões agressivas utiliza a fuga dos ratos pelo buraco muito pequenino, este seria um lugar de protecção, no qual o leão não podia aceder. Poderíamos colocar como hipótese uma ambivalência na relação com a figura paterna, visto por um lado como uma imagem passiva e sem acção e por outro potencialmente agressivo. No final do questionário a menina projecta-se na figura de leão, pois não é este que se sente mal, mas provavelmente a P.A. que mantém com um pai (padrasto) um relacionamento pouco satisfatório e frustrante.

Prancha 4: Para a (P.A.), esta prancha revela-se ansiogénica, por isso é notório o choque inicial, quando menina ao deparar-se com a prancha faz uma pergunta que remete para uma confusão identitária das personagens “ *Isto são raposas ou cangurus?*”, só posteriormente quando a criança consegue organizar-se emocionalmente é que começa a contar a história sobre a prancha. É notório por parte da P.A. a necessidade de recorrer aos elementos factuais para conseguir organizar uma história, “ *Era uma vez três cangurus que o mais pequeno tava na barriga da mãe com o balão e o outro estava a andar de bicicleta*”; “ *a mãe levava um chapéu na cabeça*”.

A prancha remete para a relação com a imagem materna, num possível contexto de rivalidade com a figura paterna, no caso da (P.A.) esta prancha poderá remeter para uma relação de dependência e simbiose com a imagem materna, pois podemos colocar

como hipótese a identificação da menina com o canguru pequenino que está dentro da barriga da mãe e que deixa o balão voar. A (P.A.) introduz o elemento “*vento*”, como um factor destabilizador e perturbador na relação emocional com a figura materna, podendo este caracterizar a insegurança e a falta de suporte afectivo de uma mãe pouco securizante e ambivalente. O lugar “*bosque*”, surge como um lugar seguro e protector, “*o mais pequenino sem querer deixou o balão voar, com o vento que estava, duas árvores caíram e a mala ia voando e a mãe teve que segurar o chapéu, pois chegando ao bosque o vento acalmou, e depois já podiam brincar e lanchar com paz*”

Prancha 5: nesta prancha foi evidente um choque inicial por parte da (P.A.) ao deparar-se com a prancha, “*Não percebo muito este desenho!*”. A temática da prancha remete para a curiosidade sexual e para os fantasmas da cena primitiva, nesta a menina consegue inicialmente entrar na problemática pretendida, “*parece um peluche na caminha, na cama e uma cama grande com pessoas em baixo dos lençóis*”. De seguida a menina elabora uma história que remete para uma temática depressiva de abandono e falta de protecção pelas figuras de vinculação.

A (P.A.) possivelmente projecta-se na história como a menina que estava deitada com o seu peluche e estava a chorar, “*Era uma vez, uma menina que estava deitada na caminha dela com um peluche e estava a chorar e os pais estavam a dormir e não ouviam*”, nesta prancha os pais são percebidos como figuras pouco contentoras da ansiedade e angustia provavelmente sentida pela (P.A.), ao longo da história a menina utiliza a regressão, “*Na manhã seguinte, a bebé acordou e quando ela acordou os pais já não estavam na cama e a bebé gritou e apareceu um homem desconhecido que queria levar ela, e a bebé gritou papá! Mamã e eles não ouviam*”, a menina coloca como mediadora do final d história a irmã através do dialogo que estabeleceu com ela, “*onde é que estão os pais? E a irmã disse assim: os pais foram trabalhar. Ah! Obrigada, acabou*”. Aparece assim, a fuga á temática pretendida, podemos também colocar como hipótese que a (P.A.) projecta a sua vivência depressiva através da prancha, onde é visível uma grande carência e falta de suporte afectivo. A depressão parece registrar-se num contexto edipiano associado a vivência da exclusão do casal parental.

Prancha 6: Esta prancha também remete para a curiosidade sexual e para os fantasmas da cena primitiva. Nesta foi nítido um tempo de latência prolongado de resposta á prancha através da história narrada pela criança. A menina parece identificar-se com o

ursinho referido no princípio da narrativa, *“Era uma vez, um ursinho que estava a brincar com umas folhas. No discurso da menina existe uma separação notória entre o ursinho e os progenitores que estavam a dormir, anula as figuras parentais como figuras activas na prestação de cuidados tornando-as totalmente passivas no seu papel de protecção, mas a angustia de abandono desta menina deve ser tão intensa, que esta sentiu a necessidade de adicionar na sua narrativa um elemento ameaçador para que desta forma, os pais simbolicamente acordassem para o defender com a finalidade de obter por parte destes a atenção e a protecção que tanto necessita por parte das figuras significativas, ““entretanto veio um urso que queria atacar o pequenino, depois os pais acordaram e defenderam o filho”*”.

Poderá existir nesta menina uma ambivalência dos sentimentos, isto é por um lado, sente-se dependente e necessita dos pais como figuras protectoras, por outro, sente-se impelida a ser autónoma, a cuidar e a conter-se a si própria devido a ausência do suporte afectivo como um amortizador dos seus medos, anulando o papel activo das figuras de referência, *“ e o filho disse assim: não é preciso, porque eles já fugiram”*. A menina no final da narrativa utiliza a formação reactiva, *“e eles disseram assim: filho tem mais cuidado”*. Na prancha foi notório uma distorção perceptiva, provavelmente causada por uma angustia ansiogenica, porque na primeira parte fala de um urso que o queria atacar e na parte final refere-se a eles fugiram como se existissem mais elementos ameaçadores do que aquele que tinha acrescentado á história, para além disso não aborda a temática que é pretendida na prancha, o evitando ao conflito despoletado na prancha.

Prancha 7: esta prancha remete para uma temática de agressividade onde está latente sentimentos de castração ou devoração. Nesta prancha a menina consegue inserir-se na temática pretendida. Nesta prancha a menina coloca a família como seres protectores que livram o macaco de um perigo eminente, *“Era uma vez, um tigre que ia atacar o macaco, depois veio a família do macaco e disse ao tigre se arranha-se o macaco que tinha que passar por cima dos macacos”*, mas a família não consegue ter um papel protector e defensivo contra esta ameaça, logo o macaco é apanhado pelo o tigre. A segunda parte da história demonstra ser bastante ansiogénica para a criança, pois há uma ligeira distorção cognitiva que desencadeia algum tipo de confusão identitária entre o “tigre” e “leão”, pois a (P.A) refere-se ao tigre como leão.

A menina adiciona á prancha um elemento novo a “faca” que tem uma conotação negativa de destruição, surge assim, a projecção de fantasmas destrutivos “*no outro dia os macacos viram uma faca na chão e foram a casa do leão não fizeram barulho e mataram o leão e conseguiram salvar o macaco*”. Ao longo da narrativa é notório o desejo da (P.A.) colocar a família como a sua base de protecção e contenção de todos os perigos e ameaças, desta forma, surge a inversão dos papeis, em que o agredido passa a ser o agressor, pois adiciona a família que livram o macaco de ser morto pelo tigre, desta forma, a (P.A.) projecta o seu desejo de ter uma família protectora e contentora, utilizando a idealização desta para poder livrar-se de todas as ameaças.

Prancha 8: Esta prancha remete para as relações familiares, principalmente para a culpabilidade associada à curiosidade e a transgressão na relação pais – filhos. As diferenças de tamanho das figuras representadas nas pranchas e os atributos favorecem a diferenciação de gerações e de sexo. No caso da menina ela consegue perceber e inserir-se na temática pretendida. A (P.A) utiliza um mecanismo de defesa para fugir ao conflito desencadeado na prancha, para além disso nota-se o desejo de controlar o meio familiar, pois não queria deitar-se, “*depois fizeram uma festa e o macaco não queria se ir deitar*”, mas depois a menina introduz a figura da mãe como a representação personificada do superego que lhe transmite as regras e normas sociais, “*pois a mãe disse que tinha que ser, porque tinha que me levantar cedo*”, após a intervenção do superego, a menina foge completamente da temática demonstrando o desejo nítido de ter amigos e em brincar livre de qualquer restrições.

Prancha 9: Esta prancha remete para a temática da elaboração depressiva. Nesta a menina aborda a temática da solidão e da desprotecção, através da casa, representativa neste caso concreto do vazio e abandono interior que sente. Os ladrões aparecem na prancha como um elemento ameaçador, “*Era uma vez, um coelho que estava zangado e foi para a cama e sem querer deixou a porta aberta da rua e ele adormeceu e entraram ladrões e depois assaltaram e tiraram tudo ao coelho. E no dia seguinte ele já não tinha nada em casa e a porta estava aberta*”. Associado a este sentimento abandonico surge a culpabilidade, “*fogo, não devia ter deixado a porta aberta.*”

Para aliviar a angústia de abandono e intensa culpabilidade que sente esta menina introduz na sua narrativa a partir do dialogo o Super Ego figurado pela mãe,

como representação das normas e regras sociais, através da formação reactiva, “ e depois a mãe dele chegou e disse assim: o que é que se passa filho? E ele disse que tinham assaltado a casa e a mãe disse assim: tu deixas-te a porta aberta? Deixei mãe, não devias ter deixado, porque há muitas pessoas que querem roubar, dormir em casa das pessoas e depois logo de manhã cedo irem-se embora e acabou”. (ver melhor)

Prancha 10: esta remete para a relação agressiva progenitor-filho num contexto de anuidade. A menina em questão foge á problemática através da formação reactiva introduzindo novamente a mãe como um superego que dispõe de um papel punitivo, restritivo e frustrante para a menina, “ Era uma vez, uma mãe cadela, que estava com o filho a porta da casa de banho e depois a mãe ficou zangada, porque o filho queria ir brincar para a casa de banho e a mãe disse assim: não podes, que depois podes deitar alguma coisa ao chão, ou podes estragar alguma coisa, e a mãe disse assim: então vai brincar para a rua, se não quiseres vai para o teu quarto.” Como resposta as ordens da mãe, a menina insere o mecanismo de formação reactiva, “ e depois o cão disse assim: não, mãe eu vou brincar para a rua”, também coloca a mãe num papel de prestadora de cuidados, “tem cuidado filho, não te magoes e não te percas”. A menina finaliza a sua narrativa novamente com um comportamento obediente, “ não mãe, não te preocupes”.

Anexo – Caso 3 de Organização Depressiva

Análise do Desenho:

Desenho da Figura Humana:

O menino começa por desenhar um rapaz que inicialmente diz não saber o seu nome, mas depois, diz que se chama Joel e que quer ser bombeiro. O (A) desenha em primeiro lugar o círculo que representa a cabeça. Segundo a opinião de vários autores, como Campos (2003) e Machover (1949), esta é a parte onde se localiza o self e é onde se encontra o centro do poder intelectual e social, assim como, a fonte do controlo dos impulsos corporais. A criança desenha a cabeça com um tamanho proporcional ao corpo. Esta é desenhada com clareza em relação ao corpo levemente esquematizado e incompleto, apresentando um tamanho reduzido, o que pode significar sentimentos de menos valia, inferioridade, ou vergonha relacionada a algumas funções e partes do seu corpo.

A criança em questão desenha os olhos que são representados por um ponto o que poderá significar, segundo Campos (2003), um aspecto regressivo na maturidade afectiva, colocando como causa possível o trauma que se desenvolveu após a morte do seu pai, contribuindo como consequência para uma regressão em termos do esfíncter. O nariz, segundo Campos (2003), é caracterizado por um simbolismo sexual. Neste caso concreto, é representado por um ponto, o que poderá estar relacionado com sentimentos de castração, assim como sentimentos de menos valia a nível da identidade sexual da criança. É através da boca que a criança recebe as primeiras gratificações ou frustrações orais na relação primária estabelecida com a figura materna, através da nutrição. Neste caso concreto, sendo o formato da boca côncava poderá indicar, segundo Campos (2003), dependência às figuras significativas.

De seguida, a criança tenta fazer um esboço de um pescoço, mas que fica pouco visível, pois parece que surge em continuidade com o resto do corpo. Poderá, por isso, colocar-se como hipótese plausível que a criança não tem grande controlo entre os aspectos racionais e os impulsos do corpo. A criança desenha logo de seguida o resto do corpo, principalmente o tronco, em duas partes, pois utiliza um risco ao meio, o que poderá indicar uma agressividade inibida. Para além disso, a omissão de algumas partes do corpo, como os braços e a mãos, que são caracterizados como elementos de relação, pode indicar, neste caso concreto, que o menino ao não querer representar essas partes

inconscientemente, possa estar ligado à retenção pulsional agressiva. Por outro lado, poderá significar uma insuficiente adaptação social, assim como uma interação com ambiente muito superficial, devido ao isolamento deste menino que tem vindo a afastar-se dos seus amigos desde a morte do pai. Mas também pode significar um problema somático, que no caso deste menino é visível a partir do trauma, pois após a morte do pai desenvolveu um problema psicossomático que se manifesta através da enurese, mas que apenas surge quando a criança dorme em casa da mãe, pois quando dorme em casa da irmã sente-se mais seguro e num ambiente mais securizante, logo não tem necessidade de exprimir a sua ansiedade e angustia e agressividade reprimida, através de uma reacção psicofisiológica, o xixi.

A ausência das pernas e dos pés, segundo Campos (2003), são indicadores de conflitos e dificuldades, o que poderá indicar uma possível perturbação sexual, mas também dificuldades em caminhar em segurança no meio social envolvente. Por último, desenha o cabelo em pé, o que poderá ser um factor de um insuficiente equilíbrio psicosexual.

O traçado utilizado pela criança é forte, o que segundo Campos (2003), poderá indicar características patentes nesta criança como o medo e a insegurança. A inclinação do corpo, juntamente com a cabeça, segundo Koppitz (1968) e Campos (2003) poderá ser um dos factores de ordem emocional que pode ser um indício em conjunto com outras características visíveis neste desenho de uma organização depressiva, ou uma de instabilidade psíquica ou somática. Concretamente neste caso, a depressão é manifesta através de sintomas psicossomáticos.

Tendo em conta o conjunto das características apresentadas, como o reduzido tamanho da figura, como a omissão das partes do corpo, como a inclinação do corpo nomeadamente da cabeça, o desinvestimento da imagem corporal, os sentimentos de inferioridade e de menos valia, os medos as inseguranças, as dificuldades em estabelecer relações com o meio exterior, pode-se concluir da presença de uma organização depressiva da personalidade. O ganho obtido pela depressão é o que permite a criança não se desorganizar totalmente e não entrar numa organização primitiva, como a organização psicótica.

Desenho da Família:

Todas as figuras desenhadas pelo menino são de tamanho reduzido e estereotipado e estão todas direccionadas para o lado esquerdo da folha, o que significa, que as relações familiares não são ajustadas, mas também segundo Campos, (2003) para a inibição e introversão. A criança começou por desenhar em primeiro lugar a mãe que é representada por uma figura inclinada e um pouco mais afastada das outras. Segundo o autor Hulse (cit. por Campos, 2003), a primeira figura desenhada é conotada com a figura de maior valência, positiva ou negativa, neste caso por uma valência negativa, com a qual caracteriza a mãe como a menos simpática. Esta mãe parece também estar deprimida com a morte inesperada do marido, podendo-se colocar como hipótese que o filho espelha da depressão da própria mãe.

De seguida, desenha o irmão Amilton. Este parece ser aquele que tem maior autoridade social, pois é aquele que tem a cabeça maior em relação aos outros membros familiares e caracteriza-o como o mais triste, visto que segundo a irmã, também sofreu muito com a morte do pai. Em terceiro lugar, vem a irmã Marisa. Esta é caracterizada como a mais feliz. Em quarto lugar representa a avó. Esta distingue-se por ter o tamanho mais reduzido em relação às outras figuras. Em quinto lugar, situa-se o irmão Amilton, como o mais simpático. Em último lugar, desenha-se a si próprio, sem cabelo e é o único que não tem cabelo, o que remete para sentimentos de impotência, de inferioridade e de menos valia dentro do contexto familiar.

No conjunto, a família não tem uma estrutura sólida (sem pés), assim como é notória a ausência dos elementos de relação: quase nenhuma das figuras desenhadas tem braços nem mãos, excepto a figura que representa o menino que apresenta os braços, o que poderá significar a necessidade desta criança de ser contida emocionalmente, pois perante aquilo que podemos observar, as inter relações nesta família estão ausentes quase por completo. O menino não desenha o pai. Apesar de ainda não conseguir gerir internamente a perda do pai, parece que inconscientemente, já a aceitou.

Parece notório, que toda esta família está deprimida e necessita de apoio e de contenção emocional, pois devido a esta perda houve um desequilíbrio na estrutura familiar, tornando-a pouco funcional e com poucas capacidades para conter para acolher o (A) e, para o ajudar a gerir as suas angústias e os seus receios internos.

Desenho Livre:

O desenho livre, no menino em questão expressa um imaginário empobrecido e triste, no qual apenas está presente as nuvens pegadas umas as outras com um formato em novelo que pode indicar um conflito interno, o próprio sol desenhado, poderá simbolizar a necessidade de calor e afecto, como também neste caso concreto a falta da presença do amor da figura paterna.

O (A) desenha uma figura de tamanho reduzido, faz o rosto mas depois pinta-o de castanho como se quisesse supondo como hipótese provável, não interagir com o meio, nem enfrentar a realidade da perda do seu pai, pinta o corpo de roxo, apenas faz os braços, como o único elemento de relação presente no desenho, manifestando insegurança de interagir com o meio ambiente devido a ausência das pernas e pés, demonstrando sentimentos de baixa auto estima, inferioridade e desvalorização pessoal, assim como, no desenho da figura humana uma inibição da agressividade e uma perturbação da imagem corporal e da sua sexualidade.

Contudo, a criança em questão tem uma notória carência afectiva, os braços abertos são representativos da falha emocional presente nesta criança.

A conjugação das cores também nos podem informar qual o estado emocional da criança, no desenho apresentado, as cores castanho, roxo e azul denunciam uma possível organização depressiva, devido a uma perda não elaborada e gerida internamente.

No conjunto do desenho o menino projecta a sua solidão, angústia e falta de afecto e contenção. O menino não conta uma história sobre o desenho apenas diz o seguinte: “*É um menino chama-se Armando e estava a brincar na rua.*”

Respostas ao C.A.T.A.:

Prancha 1: “Era uma vez, uma galinha, um menino, uma menina, uma galinha e a mesa, já está.”

Inquérito:

P: Então o que eles estavam a fazer?

R: “estavam a comer mais nada.”

Prancha 2: “Era uma vez, um urso, uma corda, outro urso e outro urso, estavam a puxar a corda, já está.”

Prancha 3: “Era uma vez, um leão estava sentado na cadeira, já está”

Inquérito:

P: e o que é que ele estava a fazer?

R:” com um pau e estava a pensar.”

P: a pensar sobre o quê?

R:” no rato”

P: e o que é que o rato estava a fazer?

R:” estava a dormir.”

Prancha 4: “Era uma vez, uma bicicleta, um animal, outro animal, o filho, um balão, um cesto, já está.”

Inquérito:

P: e o que é que eles estavam a fazer?

R: “estavam a andar de bicicleta”

Prancha 5: “Era uma vez, uma cama, um candeeiro, uma banquinha, uma cama, mais nada.”

Prancha 6: “Era uma vez, uma casa, um urso, outro urso a dormir já está.”

Prancha 7: “Era uma vez, um macaco, uma árvore, uma terra, já está.”

Inquérito:

P: mais nada, tens a certeza?

R: “o tigre estava a morder o macaco”

P: e o que é que o macaco estava a fazer?

R: estava a subir na árvore, já está”

Prancha 8: “Era uma vez, um macaco, outro macaco, outro macaco e outro macaco estavam a beber chá, já está.

Prancha 9: “Era uma vez, uma porta, uma casa, uma cama, um urso, uma janela e um espelho. A casa estava aberta, o tapete, já está, (P: e não está ninguém?), só estava um urso na cama.”

Inquérito:

P: e não está ninguém?

R: “só estava um urso na cama”

Prancha 10: “ Era uma vez um cão, outro cão e outro cão, estavam a brigar, já está.”

Interpretação do C.A.T.A.:

Prancha 1: esta prancha remete para a relação num contexto da oralidade com a figura materna, mas o menino não entra no conflito utilizando mecanismos mais primitivos para não enfrentar a problemática. É notória uma percepção relativamente boa, porque olha para a galinha, mas existe uma ligeira distorção cognitiva, porque o (A), em vez de pintainhos refere-se a estes como menino e menina, em toda a prancha utiliza a enumeração como mecanismo de defesa,” *Era uma vez, uma galinha, um menino, uma menina, uma galinha e a mesa*” que pertence a um mecanismo de organização mais primitiva que se designa por clivagem, demonstrando desta forma uma fuga da prancha, através do movimento de regressão a modalidades anteriores. É no inquérito que a criança se consegue organizar e desta forma estabelecer uma ligação “*estavam a comer, mais nada*”

Prancha 2: esta prancha tem como principal temática a relação triangular progenitor – filho num contexto de agressividade edipiana, aqui o menino continua a utilizar mecanismo de defesa primitivo ou seja, a enumeração”*era uma vez, um urso, um corda, outro urso e outro urso*”, assim como, uma descrição de uma acção desinvestida de afecto,” *estavam a puxar a corda, já está*” o que remete para o isolamento. Não visualiza a problemática pretendida, pois não consegue perceber a agressividade contida na

prancha, ou seja a competição com a figura paterna, assim como, também não consegue ter a percepção de uma relação triangular num contexto edipiano.

Prancha 3: esta tem como principal problemática a relação com a imagem de potência fálica. É novamente importante referir que houve uma percepção relativa em relação a prancha, pois o (A), escomatizou inicialmente o rato, só percebendo a sua existência no inquérito realizado no final da prancha “ *o que é que o leão estava a fazer?*”; “*com um pau e estava a pensar*”; “ *no quê?*”; “ *no rato*”. Apesar de ter conseguido perceber o rato, este não consegue estabelecer a ligação das personagens na história, para desta forma, evitar o conflito existente entre o pequeno e o grande /fraco e o forte, no contexto da relação com a imagem paterna.

Prancha 4: Aparece uma enumeração inicial” *Era uma vez, uma bicicleta, um animal, outro animal, o filho, um balão, um cesto, já está*” na prancha provocada possivelmente por uma ansiedade desorganizante e regressiva, evitando entrar em conflito num contexto de relação com a imagem materna eventualmente num contexto de rivalidade paterna. Apenas consegue fazer uma interpretação parcial da prancha, não consegue elaborar uma história nem fazer a ligação entre as personagens sozinho, só no inquérito no final da prancha, “ *e o que é que eles estavam a fazer?*”; “*estavam a andar de bicicleta, já está*”

Prancha 5: Utiliza a enumeração para fugir a prancha e assim não ter que enfrentar o conflito nela proposto, cuja temática remete para a curiosidade sexual e para os fantasmas da cena primitiva,”*Era uma vez, uma cama, um candeeiro, uma banquinha, uma cama, mais nada.*”

Prancha 6: utiliza novamente a enumeração “ *era uma vez, uma casa, um urso, outro urso a dormir, já está*” mas no final consegue fazer uma ligação, mas não consegue elaborar uma história inserida dentro da temática pretendida na prancha que remete também para a curiosidade sexual utilizando um mecanismo de defesa mais primitivo para fugir ao conflito proposto na prancha.

Prancha 7: esta prancha pretende chamar a atenção para a temática da relação carregada de agressividade caracterizado por componentes de castração ou devoção. A prancha começa pela enumeração”*era uma vez, um macaco, uma árvore, uma terra, já*

está.”É através do inquérito realizado no final da prancha que o menino utiliza uma projecção agressiva” o tigre estava a morder no macaco”. Nesta consegue chegar a temática pretendida, não utiliza a fuga consegue visualizar a cena no seu final, “ o que é que o macaco estava a fazer?”;”estava a subir na árvore, já está”.

Prancha 8: utiliza novamente a enumeração, neste caso contextualizada num movimento regressivo influenciada por um choque inicial, que permite a ligação dos conteúdos na prancha,*”era uma vez, um macaco, outro macaco, outro macaco e outro macaco estavam a beber chá, já está”.* Notória dificuldade, em contextualizar e elaborar uma narrativa inserida na temática da relação pais-filhos, tendo em conta a relação dual entre os macacos situados em planos diferentes, assim como, em diferenciar as diferentes gerações, através dos atributos e do tamanho dos macacos presentes na prancha.

Prancha 9: a temática pretendida neste cartão remete para uma problemática de solidão e de abandono. E nesta que se pretende que a criança manifeste através da narrativa a capacidade de elaborar a depressão. Utiliza a enumeração em primeiro lugar como mecanismo de defesa primitivo para evitar o confronto com a problemática da tristeza *“era uma vez, uma porta, uma casa, uma cama, um urso, uma janela e um espelho, a casa estava aberta, o tapete, já está.* Está presente também uma distorção cognitiva, pois confunde o coelho com o urso, é só no inquérito final da prancha que ele se apercebe da existência do coelho, *“estava alguém lá?”;”estava um urso na cama”.* Desta forma, existe uma evidente dificuldade em chegar a problemática proposta de abandono e solidão e também dificuldade em elaborar a depressão.

Prancha 10: utiliza a enumeração,*” era uma vez, um cão, outro cão e outro cão”* para fugir ao conflito, que remete para a relação agressiva progenitor filho, pois deverá existir ou uma submissão ao desejo do progenitor ou por outro lado a agressividade do filho contra o progenitor que é na maioria das vezes a mãe, presente num contexto de anuidade onde deverá estar presente os conteúdos que se referem a limpeza e aos hábitos de higiene. A criança consegue fazer a ligação dos elementos tendo como suporte os aspectos agressivos *“estavam a brigar, já está”*, mas não consegue inserir-se dentro da temática pretendida, mostrando dificuldades em elaborar a narrativa num contexto relacional.

Anexo – 4 Caso 4 de Organização Depressiva

Análise do Desenho:

Desenho da Figura Humana:

No desenho da figura humana no caso da menina em questão é nítida uma perturbação a nível da identidade género, pois esta menina não se representa no desenho através de uma imagem corporal feminina, mas sim do sexo masculino, através da imagem do avô referindo-se a este como Joaquim. A (LS), colocando como hipótese devido a ausência de uma figura materna securizante não conseguiu interiorizar adequadamente um modelo feminino que lhe servisse de referência.

Segundo alguns autores, como Campos (2003) e Machover (1949), consideram a cabeça como o centro de localização do self, de poder e de dominância intelectual e social, além disso, permite controlar os impulsos corporais, através dos aspectos racionais. Esta menina começa por desenhar a cabeça, esta tem um tamanho exagerado em relação ao corpo isto poderá ser um indicador segundo o autor Di Leo (1985) de uma perturbação emocional, como também, segundo Campos, (2003) de uma capacidade de fantasia maior que a capacidade de realização, pode também estar associada a sentimentos de menos valia, assim como, a factores narcísicos ou egocêntricos, mas também poderá estar associado a problemas somáticos, como neste caso específico as birras e as crises nervosas que tem desde pequena.

Dentro do círculo que representa a cabeça a menina desenha uns olhos vazios sem pupila e sem expressão emocional, que segundo Campos (2003), poderá estar associado a aspectos agressivos ou recusa de enfrentar a realidade, no caso da menina parece que o factor de base será a agressividade, isto porque, esta menina tem birras quando contrariada atirando-se para o chão, arranhando-se com as mãos. De seguida, desenha a boca, esta é um elemento muito importante na relação precoce a nível da oralidade reflectindo experiências gratificantes ou frustrantes na vida do bebé, neste caso a boca tem um formato côncavo que nesta menina poderá indicar, segundo Campos (2003), dependência a uma figura significativa, como é o caso da madrinha que ela trata por avó, e a qual demonstra uma intensa angústia de separação quando tem que se

afastar por algum tempo desta, para além disso a menina desenha umas bexigas na cara do avô, que poderá ser representativo de algum problema somático ou de desvalorização da própria imagem corporal. É preciso apontar como um elemento importante nesta análise que a menina não representa no desenho o nariz, este segundo Campos (2003), tem um simbolismo de cariz sexual, a sua ausência pode apontar para um temor de castração.

Posteriormente, a criança desenha os cabelos, estes apresentam um formato em caracol que está agarrado a cabeça, o que pode ser um indicador, segundo Campos, de repressão sexual, mas também, de conceitos morais errados.

A ausência do pescoço passando de forma repentina para o tronco, poderá ser um indicador, segundo Campos (2003), de maior dificuldade de controlo entre os aspectos racionais e os impulsos do corpo, mas também no caso desta menina, indica, problemas de inferioridade, aspectos regressivos, pois ainda utilizar a chucha para dormir. Demonstra também, dificuldades notórias a nível da coordenação dos impulsos, atirando-se para o chão perante a primeira contrariedade, mostrando dificuldade em lidar com a frustração. O tronco é mais um indicador da agressividade, pois é desenhado com um formato em caixa, mas esta agressividade no caso desta menina parece estar inflectida para ela própria, ou seja, a menina auto agredisse para chamar a atenção e também para enfrentar a frustração quando a contrariam.

De seguida desenha os braços e as mãos, estes segundo Campos (2003), Machover (1949) e Di Leo (1985) são elementos de ligação afectiva, e de adaptação social, as mãos tem um formato impreciso, o que pode indicar falta de confiança nos contactos sociais.

A menina ao desenhar os braços na horizontal e de forma mecânica em ângulo recto com a linha do corpo, poderá revelar, segundo Campos (2003), alguns aspectos regressivos, este aspecto é considerado um reflexo de um contacto superficial e não afectivo com os outros, talvez colocando como hipótese no caso desta menina pela ausência de relações estáveis e securizantes que lhe permitissem desenvolver interações seguras e duradouras com os outros.

Logo de seguida, a menina desenha as pernas, estas nas meninas, segundo Campos (2003), tem um simbolismo sexual, no caso desta menina ela desenha pernas longas, mas também como se estivessem em movimento, isto poderá significar, desajuste a um meio ambiente familiar disfuncional como é visível no caso desta menina, assim como dificuldade no ajustamento entre a fantasia como compensação para as suas necessidades afectivas e a capacidade de realização, nas pernas a menina reforça o risco

entre as pernas, como um provável indicador de conflito sexual ligado ao temor da castração. Por último desenha os pés, segundo Campos (2003), estes indicam a base de segurança do indivíduo em caminhar no meio social envolvente, mas também pode ter um aspecto sexual, neste caso concreto, parece que a figura está apoiada sobre o pé e os dedos como se estivesse a fazer equilíbrio, isto pode ser também considerado um indicador de agressividade sexual associada ao símbolo de castração.

O traço do desenho é forte o que poderá ser, segundo Campos (2003), um indicador de medo e insegurança. A figura é desenhada de frente, mas não corresponde ao sexo feminino, logo provavelmente, não há aceitação do próprio sexo, o que significa que a fase edipiana não foi estabelecida, mostrando dificuldade em aceitar o mundo de frente, o desenho está fora do centro da página, pois, segundo Campos (2003), encontra-se na linha vertical, acima do ponto médio o que poderá revelar um desajuste e uma procura de satisfação através da fantasia, devido a privação afectiva.

Na conjectura do desenho é notório que esta a criança precisa de contenção e apoio emocional, mostrando insegurança, problemática sexual a nível da castração, uma auto-estima baixa e sentimentos de inferioridade o que poderá indicar uma possível organização depressiva. Contudo, a dificuldade em contactar com o seu mundo envolvente, ou seja com a realidade, refugiando-se no seu mundo de fantasia como mecanismo compensatório para as suas falhas afectivas, poderá mais tarde vir a desenvolver devido a desorganização emocional em que se encontra uma estrutura psicótica.

Desenho da Família:

No desenho da família a menina começa por desenhar o avô, como o autor Hulse (cit, por Campos, 2003), diz a primeira figura desenhada pela a criança é aquela que tem maior valência positiva ou negativa. A menina desenha esta primeira figura um pouco afastada das outras, direccionada para o lado da margem esquerda da folha tendo esta um tamanho de destaque em relação as outras figuras, a menina atribui-lhe como principal característica ser o mais feliz, de seguida desenha em segundo lugar a avó, considerando a mais triste, a menos contente e a que ralha mais e em último lugar desenha a mãe, como sendo a mais feliz e também a que ralha mais. A menina omite-se no desenho o que significa, segundo o autor Hulse (cit.por Campos, 2003), que não sente que participa realmente da família, sente-se rejeitada, mas também poderá ser sinal de

desejo de se afastar da pessoa que é desenhada em último lugar, ou seja, neste caso, da mãe, a qual não lhe dá estabilidade nem a segurança emocional que ela necessita. Mas também segundo Di Leo (1985) poderá ser uma omissão regida pela vontade da criança ou um esquecimento inconsciente.

Em todas as figuras a menina desenha os olhos vazios o que poderá significar que esta família poderá ter também dificuldade em lidar com a realidade, recusando-a muitas vezes enfrentá-la, o facto de nenhuma das figuras terem pescoço demonstra um desequilíbrio entre os aspectos racionais e o controlo dos impulsos corporais, existe também dificuldades de interacção uns com os outros, pois apesar das duas primeiras personagens desenhadas pela menina terem braços e mãos, estes revelam um contacto muito superficial e não afectivo em contexto do seio familiar, a mãe é a única figura que não tem braços nem mãos, o que mostra a carência e a pobreza afectiva entre esta mãe e esta filha.

Parece também haver alguma agressividade nas relações familiares pela forma, como são desenhados os troncos das figuras. O facto da criança ter recusado em desenhar o resto do corpo da mãe, ou seja, a parte inferior do tronco, poderá indicar uma preocupação sexual. Segundo Di Leo (1985), o sombreamento é uma característica associada a ansiedade, o que poderá significar que esta menina tem aspectos de ansiedade marcantes no seu comportamento, nomeadamente na relação com a figura materna. A mãe é única que tem pés, mas a base de segurança é muito frágil, além disso, os pés para dentro, segundo Campos (2003) indicam uma ambivalência a nível dos comportamentos. Para além disso, parece haver alguma repressão sexual e conceitos morais errados por parte da mãe, pela forma como a menina desenha o cabelo da mãe grudado em caracol.

No conjunto poderemos concluir que estamos perante uma família disfuncional, onde existe uma insegurança notória em caminhar no meio familiar e de interagir com os outros, as relações são mais funcionais que afectivas, pobreza a nível dos afectos.

Desenho Livre:

A menina faz o desenho livre e depois conta a seguinte história: “*Era uma vez, uma menina que foi a casa da mãe, mas de repente ela viu uma árvore com frutos e depois foi dizer a mãe que ela viu uma árvore com frutos e uma borboleta a voar, mais nada.*”.

A partir da história, pode-se perceber que existe uma forte dificuldade em se relacionar com a mãe, talvez devido as relações precoces a nível afectivo não terem sido gratificantes nem securizantes. Os frutos poderão indicar segundo Campos (2003) o desejo de maturação e de compreender os problemas da vida. Apesar desta criança estar em perigo de se desorganizar psiquicamente, existe ainda uma estrutura organizada mas muito frágil, devido á instabilidade em que vive, como se pode observar, segundo a autora Aguiar (2004) pela presença de elementos que caracterizam o mundo em que vive e que remetem para uma ligação ao real, tais como: o sol, as nuvens, a borboleta, as árvores, as pessoas, ou seja, cenário gráfico representado pela criança no desenho.

A menina mostra insegurança e dificuldade de interagir com o meio envolvente, os olhos em negrito, segundo Campos (2003) demonstram mais um sinal evidente de conflito interno, e de recusa de percepção do mundo. A agressividade também está presente pelo formato do tronco, mas também pelo facto de haver uma árvore com o formato em ponta. A menina encontra-se localizada entre duas árvores a primeira indica desejo de compreender os problemas da vida, pois é constituída por frutos, o tronco é recto, feito um poste, o que poderá indicar segundo Campos (2003), pessoa de controlo muito rígido, a copa encaracolada indica neste caso, confusão e superficialidade dos afectos. A segunda, devido a copa ser em ponta indica a agressividade que sente, o tronco curto poderá representar neste caso, segundo Campos (2003) a pressão externa e a falta de expressão do eu. A casa no caso em referência é percebida como a zona de conflito e de instabilidade familiar, e não como um lugar onde existe afectos, e segurança. A casa também poderá ser, segundo Campos (2003) um auto-retrato, expressando as fantasias, o ego e a realidade. Segundo a autora Aguiar (2004) também pode estar relacionado com a forma como a criança se relaciona com a mãe.

O tecto da casa acaba em ponta o que poderá ser um indicativo, segundo Campos (2003), de um símbolo sexual, quando este é reforçado por uma forte pressão do traço poderá significar uma ameaça de uma ruptura no controle da fantasia e a uma fuga da realidade. A porta, segundo Campos (2003), é um dos elementos no qual se faz o contacto directo com o ambiente, a porta fechada pode ser um auto defesa da menina contra o mundo, a fechadura é considerada como um elemento defensivo do perigo externo o que pode também significar um problema sexual, as janelas nuas, segundo Campos (2003), indicam relacionamentos afectivos desprovidos de afecto onde o contacto com os outros é pobre e directo. O aparecimento da chaminé com a fumaça

com um formato em novelo remete, segundo Campos, para um conflito, neste caso com a figura materna.

O desenho feito pela menina paira todo ele acima da linha que representa o solo o que indica uma tendência em afastar-se da realidade.

As cores utilizadas são o verde, o castanho, o lilás, o azul e o amarelo. Segundo a autora Aguiar (2004), as cores devem ser contextualizadas na história de vida de cada criança e deve ser usado apenas como um método complementar na compreensão do desenho, devemos tomar atenção quais os objectos que a criança pinta e os que deixa por pintar, pois, denota-se desta forma a importância de certos elementos para a criança. Neste caso, a cor que predomina mais é o verde, esta segundo a autora Aguiar (2004) está associada ao contacto e ao relacionamento afectivo-social, mas pode também representar inibição por ser uma cor dominante no desenho. O uso da cor lilás, castanho e azul remete para aspectos depressivos.

Neste desenho também é nítido que a menina tem dificuldade em perceber a realidade, mostrando alguns aspectos de distorção associados ao real, pois desenha uma nuvem só de um lado como se cliva-se a outra parte.

Respostas ao C.A.T.A.:

Prancha 1: “Era uma vez, um galo, (ri-se) que quase estava em cima do passarinho. O passarinho tinha a colher na mão a olhar para a tigela. O outro pássaro também estava a olhar, o outro também já está.”

Prancha 2: “O urso estava a puxar a corda, o mais gordo também estava a puxar a corda, o pequenino também. Já está.”

Prancha 3: “Era uma vez um leão que parecia um homem com, (não vi o que é isto? Aponta para o cachimbo). O rato estava escondido. A bengala do leão estava pendurada na cadeira, já está.”

Prancha 4: “Era uma vez um canguru que ia á frente, levava um cesto e uma mala, um chapéu e o filho dentro da bolsa. O outro canguru andava de bicicleta. A mãe canguru levava um balão na mão, já está.”

Prancha 5: “Era uma vez, dois ursos que estavam a dormir numa cama de bebés. A outra cama estava sem ninguém. Ao pé da cama do lado direito havia uma mesinha de cabeceira. Em cima dessa mesinha tinha um candeeiro. Já está.”

Prancha 6: “Era uma vez, dois ursos que estavam debaixo de um muro a dormir, já está.”

Prancha 7: “Nas árvores, tinham muitas folhas, aqui é pedras, (aponta para baixo), já está.”

Questionário:

P: Então e o tigre o que fez ao macaco?

L.S: Não comeu o macaco.

Prancha 8: “Era uma vez, 4 macacos, dois estavam sentados no sofá, os outros dois, um mais pequeno a ter respeito ao pai que estava sentado num banco, já está.”

Prancha 9: “Era uma vez, um coelhinho que estava deitado a olhar para a porta. Já está.”

Questionário:

P: como é que ele se sentia?

L.S: bem.

Prancha 10: “Era uma vez um cão grande que tinha a cauda num banco. Este cão pequenino saltou das pernas do outro cão grande a olhar acho que é para a sanita, mas pronto. Já está.”

Interpretação do C.A.T. A.:

Prancha 1: esta prancha remete para a relação com a imagem materna no contexto da oralidade. Nesta a menina não faz a referência a figura materna, não vê a galinha, mas apenas o galo esbatido, que representa a imagem paterna, mas esta é representada pela menina, como algo esmagador e destrutivo, mas também conotado com algum carácter imoral, “*Era uma vez, um galo que quase estava em cima do passarinho*” esta imagem não é percebida num contexto de afectividade, mas sim num contexto de agressividade e de uma enorme carência afectiva, onde predomina a frustração e a não gratificação nas relações precoces, no qual o objectivo significativo parece não estar integrado, colocando em perigo a identidade unitária da menina.

Esta vivência carencial caracteriza-se na prancha pelo seguinte: “*O passarinho tinha a colher na mão a olhar para a tigela. O outro pássaro também estava a olhar. O outro também, já está*”. É visível na prancha algumas distorções perceptivas, pois a menina trocou a palavra pintainhos por passarinhos. A menina utiliza também na prancha o mecanismo de evitamento do conflito e a negação não percebendo a imagem materna.

Prancha 2: esta remete para o conflito na relação triangular progenitor – filho num contexto agressivo e /ou libidinal. No caso desta menina, a relação não é reconhecida na sua triangulação, apesar de mostrar a capacidade de perceber os três ursos atribuindo-lhes características, mas não existe nenhuma posição de destaque, ou seja, um vencedor ou predador, todos estavam a puxar a corda, numa igualdade de papéis, desta forma, o conflito invocado na prancha não foi percebido pela menina, pois existe um nítido evitamento de colocar as figuras animais numa interacção lúdica ou agressiva. A corda poderá veicular simbolicamente interesses fálicos ou masturbatórios.

Prancha 3: a prancha em questão remete para a relação com uma imagem de potência fálica, a imagem paterna é caracterizada como potente, e o rato como impotente, normalmente a criança identifica-se como este último. A menina faz uma substituição nítida da figura animal, pela humana, “*Era uma vez, um leão que parecia um homem.*”, esta é representativa da imagem parental. O conflito proposto nesta prancha não é elaborado pela menina, esta utiliza o evitamento, mas também a descrição do conteúdo manifesto para fugir a temática proposta, “*o rato estava escondido. A bengala do leão*

estava pendurada na cadeira, já está”. O leão tem um papel passivo e não de dominador nem de potência fálica.

A menina manifesta também dificuldade em perceber o cachimbo, este normalmente, tem um símbolo de cariz sexual e quando o vê pergunta o que é apontando para o objecto que o leão tem na boca. A imagem parental, parece não estar adequadamente interiorizada, por a problemática da força e da dominância não é representada. O rato está numa situação em que se encontra escondido, como se tivesse a proteger de uma situação de perigo, a identificação da menina a este animal, parece nítida, pois pode-se colocar como hipótese que esta menina talvez se tente salvar de um pai ausente e pouco securizante.

Prancha 4: esta remete para a relação da imagem materna inserida num contexto de rivalidade fraterna, este conflito não é percebido pela menina, existe um nítido evitamento a problemática proposta, esta utiliza essencialmente a descrição do conteúdo manifesto, e também a enumeração *“Era uma vez um canguru que ia a frente, levava um cesto e uma mala, um chapéu e o filho dentro da bolsa. Outro canguru andava de bicicleta.”*. Existe uma ligeira distorção perceptiva, pois vê a mãe com o balão, em vez de ver o bebé canguru na bolsa marsupial, a segurar o balão *“ a mãe canguru levava a um balão na mão, já está.* Mostra capacidades para reconhecer que os animais apresentados na prancha pertencem a mesma espécie, mas não consegue estabelecer totalmente as relações de parentesco entre todos eles, mostrando dificuldades identificatórias.

Prancha 5: nesta prancha a menina evita o conflito que remete para a curiosidade sexual e para os fantasmas da cena primitiva, *“ a outra cama estava sem ninguém”*. A menina utiliza novamente a descrição do conteúdo manifesto para evitar a problemática apresentada no cartão, *“ Ao pé da cama do lado direito havia uma mesinha de cabeceira. Em cima dessa mesinha tinha um candeeiro. Já está.”*. A ausência da fantasia sexual, colocando como hipótese pode advir do facto dos pais da menina em questão estarem separados, desta forma, há um desconhecimento e até uma exclusão relativamente ao casal parental.

Prancha 6: esta prancha remete para a mesma temática da prancha anterior, novamente surge o evitamento ao conflito. A menina só consegue perceber os dois ursos, escomatizando o ursinho pequenino que está um pouco mais afastado dos outros,

“ *Era uma vez, dois ursos que estavam debaixo de um muro a dormir, já está*”, e ao qual possivelmente a criança se identifica, aqui é notório pela não referência ao ursinho, de uma exclusão da menina na vida parental, provavelmente devido a situação real que esta vivencia, a separação dos pais. Poderá dizer-se que existe um sentimento abandonico e uma privação na capacidade de fantasiar a cena primitiva. Esta criança não tem um suporte securizante na relação com os pais num registo edipiano.

Prancha 7: nesta a menina entra em choque com o cartão apresentado, pois este é o único cartão, no qual a menina só consegue fazer referência as figuras apresentadas, através da minha ajuda, quando pergunto: “ *então o tigre comeu o macaco?*” e ela respondeu: “ *não comeu o macaco.*”. Faz o evitamento total do conflito, ou seja não entra na temática pretendida, que remete para uma relação carregada de agressividade, devoração versus castração. Aponta também para os aspectos de suporte apontando para baixo para as pedras. O facto de se referir a prancha não tendo em conta os elementos figurativos, dando apenas primazia a alguns elementos envolventes da imagem, como as árvores, folhas e pedras, mostra a carência relacional no contexto afectivo desta criança e também a dificuldade em percepcionar a realidade na sua totalidade, descriminando apenas alguns detalhes da prancha.

Prancha 8: O conflito proposto na prancha remete para a culpabilidade associada à curiosidade e a transgressão pais – filhos, a criança é convidada a situar-se nas relações familiares. Nesta a menina consegue mesmo através da descrição da imagem, percepcionar uma dupla relação dual entre os macacos situados em planos diferentes. A menina consegue perceber a diferença que existe nos diferentes planos. No primeiro plano consegue percepcionar que o macaco grande, representa a imagem parental, neste caso paterna e o mais pequeno representa o filho, “ *os outros dois, um mais pequeno a ter respeito ao pai que estava sentado no banco, já está.*”. Aqui a menina mostra capacidades de diferenciação edipiana dos sexos, pois diferencia a imagem materna da paterna. Nesta prancha a menina em questão mostra capacidade de estabelecer relações ainda que frágeis em contexto familiar.

Prancha 9: esta prancha remete para a problemática da solidão e abandono e para a capacidade que a criança tem de fazer a elaboração da posição depressiva. Nesta a menina mostra a capacidade de gerir a solidão, mas esta está assente na esperança ou na

expectativa que apareça alguém, “*Era uma vez, um coelhinho que estava deitado a olhar para a porta*”. Num contexto edipiano a porta aberta pode ter um sentido duplamente figurado, por um lado pode estar associado a curiosidade sexual da vida conjugal dos pais, por outro pode estar ligado a rivalidade face ao progenitor simbolicamente mais seguro. Por fim, na última parte da prancha, a menina utiliza o mecanismo da negação de sentimentos de tristeza, pois afirma sentir-se bem.

Prancha 10: esta remete para a relação agressiva progenitor-filho, num contexto de analidade, onde a proximidade física está presente. A menina utiliza a descrição da prancha, para evitar o conflito. A menina faz referência a cauda do cão, demonstrando alguns sentimentos ligados provavelmente a medos associados á castração, “*Era uma vez um cão grande que tinha a cauda num banco*.”. Para além disso, a menina evita a proximidade corporal, “*Este cão pequeno saltou das pernas do outro cão grande*.”. É também nítida uma curiosidade anal na relação com o progenitor, “*a olhar acho que é para a sanita, mas pronto. Já está*”. Contudo neste contexto a criança não consegue fazer a diferenciação dos seus progenitores, referindo-se apenas ao cão grande.

ANEXO – Caso 5 de Organização Depressiva:

Análise do Desenho:

Desenho da Figura Humana:

A menina revela capacidades de se identificar com o seu género sexual, identificando-se com o sexo feminino, representando uma figura do seu sexo. Diz ser uma menina, chamada Laura tem 12 anos e que quer ser médica florence.

A menina começa por desenhar a cabeça, esta é a parte do corpo, segundo Machover(1949) e Campos(2003), onde se localiza o eu, esta é designada como o centro do poder e da dominância intelectual e social, assim como, do controle dos impulsos corporais. A cabeça é pequena em relação ao corpo, esta menina mostra provavelmente sentimentos de menos valia, preocupação e crítica, talvez uma auto -crítica derivada da situação escolar, pois não gosta de ir escola, porque é gozada pelos amigos, apresentando problemas psicossomáticos. Logo de seguida, desenha os olhos, estes apenas representados por um ponto, podem simbolizar, segundo Campos (2003), uma forma imatura de enfrentar a vida, assim como, uma regressão na maturidade afectiva. A menina omite o nariz este tem segundo Campos (2003) um simbolismo sexual, o que poderá simbolizar um temor de castração.

A boca é desenhada logo de seguida, esta é o órgão que está ligado as relações precoces, assim como as experiencias gratificantes ou insuficientes, no caso da menina a boca é concava o que poderá ser segundo Campos (2003), um sinal de dependência afectiva.

Posteriormente, a menina desenha o pescoço representado por uma linha que separa a cabeça do corpo, esta linha poderá ser demonstrativa do conflito entre o controlo intelectual e os impulsos corporais, a menina parece revelar dificuldades no controlo e coordenação entre a parte racional e os impulsos corporais. De seguida, faz os ombros, estes são estreitos em relação ao resto do corpo, o que poderá indicar, segundo Campos (2003), sentimentos de menos valia, depressão e problema somático, como no caso desta menina, a enurese nocturna primária. Os braços e as mãos são os elementos de relação desenhados pela menina, e estão associados ao desenvolvimento do eu como ser social, estes, segundo Campos (2003), Machover (1949) e Di Leo (1985) permitem a adaptação do sujeito ao seu meio social envolvente, através da interacção com os outros.

No caso da menina, os braços estão para baixo, junto ao corpo, o que segundo Campos (2003), poderá ter a ver com o desejo de resolver um problema, mas também pode estar ligado a um sentimento de impotência para superar a dificuldade, assim como, fuga ao meio. As mãos são de tamanho diminuído o que poderá, segundo Campos (2003), ser um indicador de sentimento de culpa, de inferioridade e menos valia e de agressividade reprimida. Logo a seguir, a menina desenha o tronco, este tem um formato em triângulo, como se tratasse de um vestido, este também é um indicador de agressividade, os botões desenhados no vestido que simboliza o tronco tem uma componente associada de dependência feminina.

Posteriormente, a (R.V.) desenha as pernas, estas, segundo Campos (2003), tem um simbolismo sexual, as pernas são separadas o que poderá representar um problema somático, que no caso desta menina trata-se da enurese primária nocturna, para além disso, nas pernas são notórias mudanças de linhas o que poderá indicar um conflito sexual, pois a perna esquerda é mais fina que a direita, as pernas são também longas o que poderá ser uma necessidade de auto afirmação social, assim como, pode ser sinal de desajuste ou fuga do meio ambiente. Os pés são a base de segurança geral do indivíduo em caminhar no seu meio, são eles que permitem a locomoção, sendo a base de todo o equilíbrio corporal. Os pés estão virados um par um lado e outro para o outro lado, o que poderá indicar, segundo Campos (2003) indecisão, ambivalência de comportamentos. O calcanhar é acentuado o que poderá indicar uma problemática a nível sexual. A menina desenha por último os cabelos, estes são mais ou menos acertados entre si o que significa um controle maior sobre si mesma.

A figura é desenhada no meio da página o que poderá indicar uma pessoa ajustada, o traço é forte, o que poderá indicar, segundo Campos (2003) medo, insegurança e até agressividade. Para além disso, é preciso ter em conta que a figura esta ligeiramente enviesada.

No conjunto do desenho poderá dizer-se que esta menina apresenta sentimentos de inferioridade, insegurança, dificuldade em lidar com a realidade e em interagir com os outros, assim como, em resolver a problemática da enurese, o que poderá criar sentimentos frustrantes e incapacitantes e a alguma instabilidade emocional que impeçam a menina de resolver os seus problemas, o que poderá contribuir para o aparecimento de uma organização depressiva associada a uma desorganização emocional.

Desenho da Família:

Segundo alguns autores, como o Hulse,(cit.por Campos, 2003) a primeira pessoa desenhada pela criança tem sempre uma valência positiva ou negativa atribuída, neste caso a primeira pessoa desenhada pela menina foi a mãe, esta está ligeiramente enviesada para o lado esquerdo e foi classificada pela menina como a mais simpática, de seguida desenha a irmã, mas não a classifica com nenhum aspecto positivo ou negativo, tanto a primeira como a segunda figura desenhada pela menina tem aproximadamente o mesmo tamanho. Depois desenha a sobrinha, esta é a figura que se destaca por ser a mais pequena de todas, em quarto lugar o desenha o pai, caracterizando-o também como o mais simpático, em quinto o irmão atribuindo-lhe como característica principal ser o menos simpático. Por fim, a menina esqueceu inicialmente de se desenhar, mas depois repara nisso e desenha-se em último lugar. Este esquecimento inicial pode ter uma origem inconsciente, como se a menina se sentisse rejeitada no seio familiar, mas também como forma de se afastar da pessoa que viria em último lugar, que neste caso concreto seria o irmão.

Todas as figuras que representam as mulheres desta família parecem todas sofrerem de problemas de natureza sexual e temor de castração, isto porque as pernas são reforçadas com diferentes linhas, devido a ausência do nariz, assim como um notório acentuar do calcanhar, principalmente no caso da sua irmã, para além disso, em algumas figuras as pernas estão em movimento o que poderá indicar desajuste, entre a fantasia e capacidade de realização.

As figuras femininas estão de frente e todas tem a cabeça redonda, as figuras que representam o sexo masculino tem a cabeça rectangular de perfil, mas tem o tronco de frente e estão olhar um para o outro, a cabeça geométrica, segundo Campos, remete para um problema psicótico, no entanto poderá também reflectir no caso da menina uma desorganização emocional acentuada. Nesta família parece também haver dificuldades em controlar e coordenar os aspectos emocionais com os impulsos corporais, pois nas mulheres o pescoço é representado por uma linha fina e nos homens por um pescoço curto e grosso que poderá ser um mecanismo de compensação contra a insuficiência no controlo dos seus impulsos corporais. O cabelo nas figuras masculinas, são representados por uma sombra vigorosa do cabelo, com limites mal delineados, podendo indicar um conflito de virilidade e uma conduta sexualmente desviante.

Os olhos também são diferentes nas figuras femininas, pois são representados por um ponto o que poderá significar imaturidade para enfrentar os problemas na vida, na figura que representa a sobrinha a menina só desenhou um olho o que poderá estar associada a uma atitude imatura para responder a um estímulo exterior, além disso a menina representa na sua figura os olhos em negrito que pode indicar conflito com a família e agressividade, assim como recusa ao meio familiar. No caso dos homens os olhos podem indicar estado de alerta, controle e também agressividade.

O nariz também é diferenciado, pois nas figuras femininas estes são omitidos revelando possivelmente problemas de natureza sexual, excepto na figura que representa a sobrinha, esta apresenta um nariz caracterizado por um ponto tão pequeno que quase parece omitido, isto parece relacionar-se com o temor de castração. No homem, este é pronunciado com clareza, o pai tem um nariz curto e arrebitado o que poderá indicar também um problema sexual, o filho tem um nariz curto, mas afilado, o que poderá indicar problemas a nível da castração.

Esta é uma família que se caracteriza por ser disfuncional e desajustada, onde é visível uma notória carência afectiva entre os membros que constituem a família, pois as relações afectivas parecem quase inexistentes, caracterizadas pela ausência das mãos, além disso é visível uma agressividade geral. A menina em questão demonstra também dificuldades em diferenciar de qual das figuras desenhadas gosta mais e menos, dizendo gostar de todos. A menina desenha-se logo a seguir ao seu irmão como a figura mais pequena, a seguir a sua sobrinha que é a figura mais pequena no contexto familiar, o que poderá reflectir uma baixa auto-estima e sentimentos de desvalorização o que poderá levar a uma organização depressiva pelo facto da criança sentir-se rejeitada dentro do contexto familiar onde está inserida.

No final do desenho coloco a seguinte questão: “ Se fossem todos passear de carro e não houvesse lugar para um deles quem é que ficava em casa e não ia passear”, a menina respondeu que não ia, o que mostra um sentimento de desvalorização em contexto familiar.

Desenho Livre:

A menina em questão desenha uns meninos a brincar no parque e conta a seguinte história: “ São uns meninos que estão no parque a brincar, estão três meninas a saltar a corda e dois meninos e uma menina a jogar a bola.”

Este desenho projecta o desejo da menina de se relacionar e de interagir com os outros, contudo a menina representa-se sem braços nem mãos, tanto no grupo das meninas, como no grupo dos meninos. No primeiro grupo ainda parece haver uma aceitação por parte das amigas na brincadeira, enquanto que no segundo, esta encontra-se um pouco afastada dos rapazes que estão a jogar a bola, como se não tivesse um papel participativo na brincadeira.

Esta menina como se poderá compreender na situação real é gozada pelos colegas que a chamam de mariquinhas, isto poderá levar a sentimentos de rejeição, inferioridade. Existem outros factores que indiciam fragilidades no campo psico-emocional nesta menina, o facto do pescoço ser quase sempre representado por uma linha poderá indicar um conflito de coordenação entre os aspectos emocionais e os impulsos corporais, existindo por isso, dificuldades em lidar com os seus impulsos. Por um lado, segundo Campos (2003), os braços rígidos apertados ao corpo, poderá indicar fuga do indivíduo ao meio, ou desejo de superar o problema, mas sentir-se impotente para o resolver. Contudo na representação numa das figuras de um braço para cima e outro para baixo pode ser um mecanismo em que a menina em questão tente vencer a dificuldade frente ao meio. Parece haver também uma agressividade inibida pela forma como os troncos são desenhados pela menina e até algum temor de castração, pela omissão do nariz nas figuras representativas do sexo feminino excepto uma figura em que este é representado por um ponto, por sua vez, no sexo masculino como a menina desenha visivelmente o nariz, este poderá indicar com maior intensidade a problemática associada a castração. A menina parece também apresentar aspectos regressivos na maturidade afectiva, e uma imaturidade em enfrentar a vida e em resolver os problemas, apenas existe numa figura a omissão de um olho isto poderá indicar, segundo Campos (2003), uma atitude imatura para responder a um estímulo exterior. As pernas em sinal de movimento, segundo o mesmo autor poderão ser um indicador do desajuste entre a fantasia e a capacidade de realização.

Existe também o aparecimento da transparência no desenho, este é um elemento importante, pois normalmente já não aparece nesta faixa etária, este aspecto da

transparência é visível através da corda. A transparência, segundo Campos (2003), simboliza aspectos fálicos o que poderá indicar sentimentos de culpabilidade sexual, assim como alguma repressão sexual, como se pode ver na forma como a menina desenha os cabelos. As cores utilizadas são: o rosa, laranja, azul, roxo, cinzento e verde. O azul, juntamente com a cor cinza e com o roxo, são cores associadas a depressão e a insatisfação, tristeza e inibição, o verde poderá indicar fragilidade emocional e também inibição. A cor laranja poderá remeter para o desejo de contacto, fantasia, mas também repressão da agressividade.

No conjunto do desenho, podemos dizer que a baixa auto estima, os sentimentos de inferioridade e rejeição, o temor de castração, a dificuldade de interagir com os outros, a problemática da castração, assim como, o sentimento de impotência perante o meio, a tristeza e a insatisfação poderão ser indicadores de uma organização na linha da depressão.

Respostas ao C.A.T. H.:

Prancha 1: “São uns meninos que estão a comer e está o pai delas a espera que eles acabem de comer e depois os meninos foram brincar para o quarto.”

Prancha 2: “Eram três meninos que foram para o para o parque brincar e estavam a jogar um jogo, o jogo da corda que se puxa para ver quem tem mais força e o menino do lado esquerdo está a ganhar, porque está mais longe, daquele sítio do limite do jogo.”

Prancha 3: “ Era um senhor que está sentado numa cadeira a ver televisão e está um menino ao lado dele que é seu neto e que também está a ver televisão e o senhor tem um cachimbo e uma bengala, eles gostam muito de estar a ver televisão, já está.”

Prancha 4: “É uma senhora, um bebé e um menino que vão fazer um piquenique no bosque. E o menino tem uma bicicleta e a mãe dele tem um chapéu engraçado com umas florezinhas e uma fita e uma mala e também tem um cesto que guarda as coisas do piquenique. Esta pouco vento, eles estão quase a chegar ao sítio, depois que acabam o piquenique vão para casa, já está.”

Prancha 5: “Estão dois bebês gêmeos a dormir na sua cama, num grande quarto dos seus pais, que tem uma grande cama, uma mesinha de cabeceira, são duas! Mesinhas com 2 candeeiros e uma janela, os meninos dormem profundamente, já está.”

Prancha 6: “São 3 meninos que estão a dormir na rua, mas um deles o mais novo, está ainda acordado a brincar com as folhas das arvores lá ao longe está uma grande montanha de neve e está frio, já está.”

Prancha 7: “É um menino que está num bosque e está a fugir do outro senhor, (T.I.P.) e o bosque tem muitas árvores.”

Questionário:

P: E o menino conseguiu fugir?

R.V: sim

P: Como?

R.V: foi para casa dele e depois o senhor foi se embora e depois já não voltou mais ali.

Prancha 8: “São umas senhoras que estão a tomar um chá em casa de umas amigas e está uma criança que é o filho da dona da casa e como já é um bocadinho tarde a senhora está a dizer para ele ir dormir, já está.”

Prancha 9: “Era uma vez, um bebé que está no quarto dele a dormir, mas demorou muito tempo a adormecer, porque tem medo do escuro, (T.L.P.)”

Questionário:

P: está no quarto sozinho?

R.V: no quarto sim, mas tem lá em casa os pais e os irmãos.

P: E agora ainda tem medo?

R.V: agora já não tem medo, porque já está a dormir, já está.

Prancha 10: “Era um menino que vai tomar banho, mas ele tem medo da água, mas a mãe está a tentar que ele não tenha medo e a mãe já está quase a conseguir, mas ele ainda tem um bocadinho de medo, já está.”

Interpretação do C.A.T.H.:

Prancha 1: este cartão remete para a relação com a imagem materna num contexto de oralidade. A menina em questão não faz referência a imagem materna e a apenas consegue perceber a imagem paterna, este é visto como o pai que alimenta, existe nesta situação uma inversão de papéis parentais. A menina foge a temática pretendida provavelmente para evitar o confronto com a imagem materna que poderá ser assustadora para a menina. A figura do pai também pode surgir como uma figura superegógica que controla, “*São uns meninos que estão a comer e está o pai delas a espera que eles acabem de comer.*” Também é de salientar que a palavra “delas” que a menina utilizou na narrativa, parece remeter para o sexo feminino e não para o masculino, parecendo haver talvez uma confusão na identidade do género sexual. No final a menina foge aos conteúdos manifestos e utiliza a palavra “quarto” como um refúgio para não ter que abordar com maior pormenor a prancha e não ter que se deparar com a imagem materna, “*e depois os meninos foram brincar para o quarto.*”

Prancha 2: esta prancha remete para a relação triangular, progenitor – filho, num contexto agressivo ou libidinal, através das interacções lúdicas ou agressivas. A menina em questão não consegue perceber esta em relação a nível da triangulação, isto porque, as figuras não são diferenciados e exercem a mesma actividade, o que poderá significar que a nível do Édipo a menina mostra dificuldades associadas ao processo identificatório, “*Eram três meninos que foram para o parque brincar e estavam a jogar um jogo, o jogo da corda.*”. Todavia, a menina consegue veicular a corda, não como um instrumento de interesse fálico ou masturbatório, mas sim, como um instrumento de competição e de medição de forças entre as personagens, “*o jogo da corda que se puxa para ver quem tem mais força.*”, mas logo a seguir a menina anula esta capacidade de expor a sua competitividade, através da corda, explicando o porque de estar a ganhar, “*e o menino do lado do lado esquerdo está a ganhar, porque está mais longe do, daquele sítio do limite do jogo.*”

Prancha 3: Esta prancha remete para a relação com a imagem paterna como uma potência fálica, e para os seus atributos de potência e onipotência em oposição com os de impotência e fraqueza encarnada geralmente pelo menino.

No caso desta menina, não existe uma referencia a imagem paterna como um elemento potente, pois a menina atribui a figura masculina da prancha atributos passivos e não activos de dominância, “ *e o senhor tem um cachimbo e uma bengala*”, como se tratasse da figura de um avó, referenciando-se a a figura que representa a criança na prancha como o neto, “ *Era um senhor que esta sentado numa cadeira a ver televisão e está um menino ao lado dele que é seu neto e que também está a ver televisão.*”. Além disso, existe uma igualdade de papéis, veiculada pelo o elemento introduzido pela criança, pois este não está presente no cartão, a televisão, ou seja, esta parece ser o meio de proximidade e comunicação entre as personagens “ *Eles gostam muito de estar a ver televisão*”. Existe assim, um evitamento da temática pretendida na prancha, não existindo sinais de moções agressivas nem libidinais.

Prancha 4: A prancha remete para a temática da relação com a imagem materna, eventualmente num contexto de rivalidade fraterna. Aqui também é importante destacar a capacidade de autonomia versus dependência da criança.

No caso da menina em questão, esta começa por referenciar um piquenique que ia fazer no bosque, mas depois, foge da problemática pretendida, limitando se a descrição do conteúdo manifesto, “ *É uma senhora, um bebé e um menino que vão fazer um piquenique no bosque. E o menino tem uma bicicleta e a mãe dele tem um chapéu engraçado com umas florezinhas*”, a menina utiliza também a enumeração, “ *e uma fita, e uma mala, e também tem um cesto onde guarda as coisas do piquenique*”. Depois introduz um novo elemento, o vento que pode ser reflexo da instabilidade afectiva na relação com a imagem materna, “ *esta um pouco vento, e eles estão quase a chegar ao sítio, depois que acabam o piquenique vão para casa e já está.*”

Prancha 5: A prancha remete num contexto edipiano para a curiosidade sexual e para os fantasmas da cena primitiva. No caso desta menina, esta faz o evitamento ao conflito pretendido na prancha, apesar de fazer referencia ao quarto dos pais, alem disso parece haver uma confusão na individuação dos dois bebés percebidos como gémeos, o que poderá indicar dificuldades a nível dos processos identificatórios. A menina utiliza a descrição e a enumeração para não abordar a problemática, “ *Estão dois bebés gémeos a dormir na sua cama, num grande quarto dos seus pais, que tem uma grande cama, uma mesinha de cabeceira, (são duas!), mesinhas com dois candeeiros e uma janela.*”. No final,

da narrativa é nítido a recusa e a interdição das moções pulsionais e libidinais associada a vivência de exclusão na vida do casal parental, “*os meninos dormem profundamente.*”

Prancha 6: Tal como na prancha em anterior, esta também remete para a curiosidade sexual num contexto edipiano, a triangulação não é percebida, pois a menina não se refere as figuras parentais, apenas referenciando na sua narrativa os três meninos, “*são três meninos que estão a dormir na rua.*” A menina demonstra através deste cartão um abandono e uma carência afectiva notória a nível do contexto da oralidade, denunciando uma vivência de carência emocional, que a poderá impedir de fantasiar, devido a insuficiência do continente materno “*lá longe está uma grande montanha de neve e está frio, já está.*”. Mas a menina utiliza estratégias para ultrapassar a interdição pulsional que sente em não ter uma participação na vida conjugal dos pais “*mas um deles, o mais novo, está ainda acordado a brincar com as folhas das árvores.*”

Prancha 7: Esta prancha remete, para uma relação agressiva entre os progenitores, assim como para a temática da castração ou devoração. No caso da menina em questão ela não consegue perceber a agressividade num contexto relacional, pois coloca-se no papel de vítima que foge do seu agressor utilizando a descrição e a anulação, através da fuga para não se ter que confrontar com a problemática da agressão, “*É um menino que está num bosque e que está a fugir do outro senhor e o bosque tem muitas árvores.*”. No final, faz referencia a casa como um local seguro onde ela possa ficar protegida dos perigos exteriores, “*foi para a casa dele e depois o senhor foi se embora e depois já não voltou mais ali.*”

Prancha 8: Esta prancha remete para a culpabilidade associada a curiosidade e a transgressão na relação pais-filhos, aqui a criança é convidada a situar-se nas relações familiares. A menina não consegue perceber a relação num contexto familiar inserido num plano dual, nem consegue fazer a diferenciação de gerações e de sexos, “*são umas senhoras que estão a tomar um chá em casa de umas amigas*”, mas faz a referencia a imagem materna como prestadora de cuidados e também como figura de interdição daquilo que se passa no seio familiar, nomeadamente no seio do casal, mandando a criança dormir, “*e esta uma criança que é filho da dona da casa e como já é um bocadinho tarde a senhora está a dizer para ele ir dormir, já está.*”

Prancha 9: esta prancha remete para uma problemática de solidão, ou de abandono, e para o medo da solidão.

Neste caso a menina mostra dificuldades em gerir a problemática da solidão e de elaborar a posição depressiva, por isso, introduz na sua narrativa os pais e os irmãos para evitar estar só, “ *Era um bebé que está no quarto dele a dormir, mas demorou muito tempo a adormecer, porque tem medo do escuro, no quarto sim, mas tem lá em casa os pais e os irmãos, agora já não tem medo, porque já está a dormir.*”

Prancha 10: esta prancha remete para a relação agressiva progenitor-filho, num contexto da analidade, evidenciando-se a proximidade corporal, mas também remete para um contexto de limpeza. A menina evita a problemática pretendida, entrando no tema de limpeza, mas contextualizado no medo que sente em relação á água, este medo pode estar relacionado ao problema psicossomático, (enurese nocturna esporádica) que a criança tem apresentado. A mãe aparece como prestadora de cuidados, mas não num contexto superegoico de interdição, mas sim de contenção e ajuda., “ *Era um menino que vai tomar banho, mas ele tem medo da água, mas a mãe está a tentar que ele não tenha medo e a mãe já está quase a conseguir, mas ele ainda tem um bocadinho de medo, já está*”.

Anexo -CASO 1 de Organização Psicótica

Análise do Desenho:

Desenho da Figura Humana:

O menino em questão faz uma figura do mesmo sexo e diz que é um rapaz, este começa primeiramente por desenhar a cabeça, esta para alguns autores como Campos (2003) e Machover (1949) é o centro do poder intelectual social e do controlo dos impulsos corporais, mas também é onde se localiza o self. Neste caso, o menino faz uma cabeça exagerada que poderá significar, segundo Campos (2003), que a fantasia se sobrepõe a capacidade de realização, tendo como possível consequência a dificuldade em contactar com a realidade, pode ser também sinónimo de sentimentos de menos-valia e de ideias narcísicas.

Posteriormente, desenha a cabelo, este tem um formato em escova, em pé tipo punk o que poderá ser sinal de uma reacção agressiva contra o meio exterior, de seguida desenha de forma visível as orelhas, segundo alguns autores com o Machover (1949) e Wallon (1990) quando estas surgem marcadamente pelo tamanho e pelo uso de transparências poderá ser sinónimo de alucinações auditivas, o uso do percing neste caso pode expressar uma agressividade social, porque neste caso concreto o menino bate nas outras crianças e corre atrás dos primos com facas, existe também provavelmente uma resistência a autoridade e normas sociais. Posteriormente, passe para o rosto, desenha primeiro os olhos, estes são grandes e expressam uma grande agressividade e revolta na interacção com os outros.

O nariz é o elemento desenhado a seguir este, segundo Campos (2003) tem um simbolismo sexual, o menino representa-o através de um formato em triângulo com as narinas bem salientes, por um lado o formato do nariz é um indicativo dessa agressividade patente na criança, mas também de fantasias no campo sexual. O uso do geometrismo neste caso apresentado pela forma gráfica do nariz poderá também remeter segundo Wallon (1990), para um aspecto psicótico. De seguida, desenha a boca esta considerada como a fonte de nutrição ligada as experiencias de gratificação ou frustração, neste caso, os dentes na boca poderão reflectir, segundo Campos (2003) uma grande agressividade a nível da oralidade com a relação materna e sinais evidentes de

regressão. Depois desenha umas marcas visíveis nas bochechas que podem sinal de agressividade.

Em seguida, o menino desenha o pescoço este é bem saliente, além disso, é curto e grosso o que, segundo Campos (2003) indica uma falta de coordenação entre os seus impulsos corporais e forças instintivas e o controle intelectual, podendo ser sinónimo de passagem ao acto. O tronco é uma caixa rectangular o que indica maior agressividade, os elementos de ligação parecem quase inexistentes, as mãos em flor, segundo o autor Wallon (1990) é um sintoma psicótico, o contacto com os outros é superficial e não afectivo, o que remete para um contacto distante com o seu meio social envolvente.

Existe uma fusão entre os membros superiores e inferiores no desenho segundo Wallon (1990) também é uma característica marcada das crianças psicóticas, pois não há uma identidade corporal sólida. O facto de não ter pernas e pés de tamanho muito reduzido demonstra por um lado um contacto distante com a realidade, assim como uma insegurança em caminhar no seu espaço social marcado por uma ambivalência a nível dos comportamentos.

Segundo Aubin (1967), o desenho da figura humana, destacado pelo seu tamanho exagerado, com um ar agressivo, violento caricatural, está inserida na fase da manifestação psicótica associada a problemas de humor na fase da excitação

A dimensão do desenho, segundo Campos (2003) poderá neste caso, remeter para a prevalência da fantasia sobre a realidade, mas também para uma acção super compensatória, assim como, para uma forte agressividade. O traço utilizado pela criança é forte o que segundo Campos (2003), aponta para características como o medo, insegurança e agressividade sádica.

No conjunto, o afastamento nítido da realidade e a predominância da fantasia, a agressividade, o embotamento afectivo, a perturbação da imagem corporal distorcida, a identidade corporal, pouco coesa e a agressividade oral ligada a relação com a figura materna num contexto regressivo, remetem para uma organização psicótica.

Desenho da Família:

No desenho da família, todas as personagens estão desenhadas na parte de cima da folha o que reflecte, segundo Campos (2003), um desajuste e o descontrolo e a procura de satisfação na fantasia e não na realidade por parte deste menino. Segundo o autor Hulse (cit.por Campos, 2003) a primeira figura desenhada pela criança é a que

tem maior valência positiva ou negativa para a criança. Neste caso, é a figura da irmã que ele desenha em primeiro lugar, esta destaca-se em relação as outras figuras, pois é aquela que apresenta um traço mais forte e encontra-se um pouco mais afastada das restantes, mas também por ser a figura que demonstra um descontrole total entre os impulsos corporais e a parte racional a seguir desenha-se a ele próprio, o menino representa-se como uma figura com uma marcada agressividade oral e social a seguir o bebê, este parece ser a figura que o menino desenha mais organizada, pois é o único que tem pernas, os olhos, são oblíquos e para baixo o que na opinião de Campos, significa depressão e fraco controle diante do meio em que vive e a boca não expressa uma agressividade oral, mas sim, um sinal de dependência.

Os pais são desenhados em último lugar, o que poderá significar que inconscientemente este menino deseja afastar-se ou até mesmo rejeitar as figuras significativas. Este menino omite as figuras dos avós maternos, desculpabilizando-se dizendo que a família é muito grande, esta omissão pode significar um conflito do menino com ao avós, visto que o avô é alcoólico. Não atribui nenhuma característica específica a nenhuma personagem. Para além disso, o contacto afectivo no seio familiar parece quase ausente, em todas as personagens desenhadas existe uma agressividade oral forte e uma dificuldade no controle dos impulsos corporais, todas as personagens tem as mãos em flor, segundo o autor Wallon (1990) este é um dos aspectos marcadamente psicótico, existe uma fusão dos membros superiores com os inferiores em quase todas as personagens menos na figura que representa o bebê.

As mulheres tem o cabelo grudado em caracol o que poderá remeter segundo Campos (2003) para uma repressão sexual e conceitos morais errados, os homens tem o cabelo com um formato em escova em pé tipo punk, que remete para uma reacção agressiva, o percing em certas personagens poderá remeter para uma agressividade social, mas neste caso concreto para uma agressividade dentro do seio familiar, que também é visível a partir do formato do tronco. O bebê é o único que tem um ar passivo e o cabelo é representado com uma cabeleira rala o que poderá significar neste caso concreto sentimento de perda e menos valia dentro do contexto familiar. A representação das narinas poderão demonstrar segundo Campos (2003), fantasia no campo sexual. Os olhos de algumas personagens têm um quadrado dentro do olho o que remete não só para a agressividade, mas também para uma recusa em olhar a realidade na sua totalidade, mas sim, parcelada, como se existisse uma clivagem. Os pés são de

tamanho reduzido e com um formato impreciso o que poderá remeter para um contacto com o seu meio familiar muito superficial.

As figuras são estereotipadas o que remete para a rigidez do pensamento próprio das crianças psicóticas.

No conjunto, estamos perante uma representação de uma família disfuncional, com características marcadamente agressivas e regressivas, onde não existe sinais de afectividade, coesão e contenção emocional. Podemos dizer que por todos os factores acima descritos este menino pertence a uma organização psicótica.

Desenho Livre:

No desenho livre o menino desenha um menino a andar de scatte e conta a seguinte história: “ *Era uma vez, um menino que estava a praticar scatte e depois viu as nuvens pretas e depois choveu muito. O menino foi para casa e quando ia a chegar a casa viu o sol desaparecer. Acabou, depois ficou em casa a brincar aos legos.*”.

Neste desenho é nítido, um contacto com a realidade distante, pois segundo Campos (2003), todo o desenho que paire acima da linha que representa o solo indica maior grau de patologia associada a psicose, nomeadamente a esquizofrenia, neste caso em questão, a figura apoia-se fragilmente sobre uma linha irregular, com um aspecto de nuvem que remete para uma fuga na fantasia e um afastamento da realidade e para uma instabilidade interna desorganizante para a criança. É ainda evidente tal como nos outros desenhos uma agressividade nítida, principalmente a nível da oralidade, o quadrado dentro do olho também é uma manifestação da recusa de olhar a realidade como uma unidade, mas sim clivada e percepcionada sem o factor de coesão tal como a sua imagem corporal, onde prevalece a fusão dos membros, assim como, as mãos em flor. A presença das orelhas poderá tal como nos outros desenhos ser sinal de alucinações auditivas. O pescoço denuncia a falta de coordenação dos seus impulsos corporais. Quanto á história, as nuvens pretas poderá remeter para a completa escuridão interior da criança, o seu mundo sombrio onde predomina o medo associado a agressividade, o desaparecimento do sol ao chegar a casa poderá remeter, para um meio familiar onde não existe afecto nem calor, onde a criança permaneça sozinha na sua completa desorganização psíquica. A ausência de cor poderá revelar um imaginário pobre e sem expressão emocional.

Por todos estes factores podemos dizer que estamos perante uma organização psicótica.

Respostas ao C.A.T. H.:

Prancha 1: “Três meninos e um senhor. Estavam a comer sopa e o Sr. não estavam com as colheres em pé, com uma camisola preta todos, o cabelo espalhado liso para baixo. Os meninos ainda tinham um pano aqui e este não.”

Inquérito:

P: “*como termina a história?*”

R: “*O Sr. ia levantar a mesa*”

Prancha 2: “ Eram dois meninos na areia a puxarem uma corda para cada um. Um a puxar de um lado e os outros a puxar de outro e estavam a ver quem é que ganhava. A corda era amarela, as camisolas eram vermelhas e o cabelo castanho. Mais nada.”

Inquérito:

P: “*Quem é que ganhou?*”

R: “*ganhou o que tinha dois.*”

Prancha 3: “ Este é o quê? Era um senhor que estava sentado na cadeira com um menino. Estavam a jogar ao jogo do silêncio ao pé do mar. Depois o Sr. levantou-se e foi passear. Acabou.”

Prancha 4: “Era uma vez, um menino a andar de bicicleta. Estava uma senhora com um bebé ao colo e a agarrar o chapéu. Depois veio o menino de bicicleta, estava a andar muito rápido e ia aleijando a Sr.^a, mas caiu e magoou-se.

A Sr.^a estava a andar e a mala da Sr.^a como veio o vento estava quase a cair do braço. E depois o menino viu que a Sr.^a tinha um bebé com um balão e o menino viu que o balão do menino voou e já está.”

Prancha 5: “ (T.L.P) “ Dois irmãos pequeninos estavam na cama sozinhos e não estava ninguém ao pé deles. Queriam sair da cama, mas não conseguiam porque eram pequeninos. Estavam no quarto sozinhos, mas estavam com o avô em casa, acabou.”

Prancha 6: “ Era uma vez uns meninos que estavam os dois a dormir numa tenda, e um menino estava noutra. O menino saiu da tenda e foi ver os pais, não os meninos e depois os outros meninos acordaram e foram jogar à apanhada. Acabou.”

Prancha 7: “É um vampiro que queria agarrar o menino, só que o menino subiu á arvore. O vampiro não queria fazer mal, isto era carnaval, só queria brincar com o menino, mas o menino pensava que era verdade e não sabia. Depois o vampiro agarrou o menino e foi brincar com ele, mas só depois tirou a máscara. E o menino estava assustado pensava que aquele era um vampiro de verdade. E acabou.”

Prancha 8: “ Era uma vez, um jantar. Quando acabaram de jantar foram para a sala. O menino foi lá ter, mas a mãe não o queria lá, mandou-o para o quarto brincar com os amigos. Era mais tarde a mãe chamou-o e as outras mães chamaram-nos para irem ver um filme e comer pipocas. E depois acabaram de ver o filme e o menino foi para a cama dele dormir e as outras mães foram-se embora e acabou a história.”

Prancha 9: “Era uma vez, um menino que estava sozinho na cama, os pais estavam lá em baixo a ver um filme. O menino estava com medo e os pais a comerem pipocas, estavam-se a divertir muito, depois o bebé, o menino começou a chorara e o pai foi lá buscá-lo e ficaram a ver um filme divertidos, acabou.”

Prancha 10: “A mãe estava na casa de banho. Estava a tirar o xixi ao menino, ao bebé. O bebé estava a chorar, a mãe calou-o, pôs-lhe a chucha e depois mudou-lhe a fralda. Depois a mãe levou-o para a cama e adormeceu-o e dormiram os dois. Acabou.”

Interpretação do C.A.T. H.:

Prancha 1: Esta prancha remete para a relação com a imagem materna no contexto da oralidade e para as experiências de gratificação ou de frustração que a criança vivencia na relação com a imagem materna. Nesta o menino inicia a narrativa através de uma enumeração, “ *três meninos e um senhor.*”. Logo de seguida utiliza o mecanismo de defesa da negação, “ *estavam a comer sopa e o Sr. não estavam com as colheres em pé.*”. O (L.G.) não consegue entrar no conflito pretendido na prancha, não existe referencia a figura materna o que poderá evidenciar uma pobreza de afectos a nível da relação precoce, o que poderá levar a falhas na coesão identitária. Identifica a figura esbatida como a imagem de um senhor, mas não atribui a imagem o significado de figura paterna, desta forma, poderá dizer-se que existe uma vivencia carencial muito intensa, pois as figuras significativas não são referenciadas, a esta imagem representativa do senhor não e conotado como uma figura familiar de suporte, o que poderá significar neste caso ausência de suporte e de contenção emocional.

O menino usa também a descrição baseado em pormenores do conteúdo manifesto, “ *com uma camisola preta todos, o cabelo espalhado, liso, para baixo. Os dois meninos tinham um pano aqui e este não*”. Nesta prancha o menino foge a problemática pretendida, acabando a narrativa dizendo: “ o Sr. ia levantar a mesa.”

Prancha 2: Esta prancha remete para a relação triangular edipiana, num contexto agressivo ou lúdico. No caso deste menino não é reconhecida esta relação na triangulação, pois as personagens não são diferenciadas e exercem todos a mesma actividade, “ *Eram os meninos na areia a puxarem uma corda para cada um*”. O menino foge ao conflito da prancha, mas encara a corda como um instrumento de competição, “ *um a puxar de um lado e os outros a puxar de outro estavam a ver quem ganhava.*”. A criança no final da prancha desorganiza-se e surge um sobre investimento do quadro perceptivo, utilizando aspectos coloridos que não existem nas prancha e que podem remeter também para os seus fantasmas internos, “ *A corda era amarela, as camisolas eram vermelhas e o cabelo castanho.*”. Só depois da pergunta feita pela psicóloga e que o menino se conseguiu organizar e voltar de novo a concentrar-se na prancha e no seu conteúdo.

Prancha 3: Esta prancha remete para a relação com uma imagem de potência fálica, ou seja para a imagem paterna potente e forte e para uma imagem de uma criança que regra geral é conotada como a impotente e a fraca. No princípio o menino entra em choque quando se depara com a prancha dizendo: “ *Este é o quê?*”. O menino não consegue perceber a figura masculina como imagem paterna o que poderá indicar falhas significativas na relação com as figuras de suporte afectivo, nomeadamente com o pai, limitando-se a descrever o conteúdo manifesto, “ *Era um senhor que estava sentado na cadeira com um menino.*”.

O menino começa novamente a desorganizar-se e deixa-se invadir novamente pelo seu mundo fantasmático, introduzindo na sua narrativa elementos que não existem na prancha, e que remetem para a falta de comunicação e de suporte “ *Estavam a jogar ao jogo do silêncio ao pé do mar.*”. Utiliza também o mecanismo de fuga para não ter que enfrentar a problemática apresentada na prancha, “ *Depois o Sr. levantou-se e foi passear. Acabou*”

Prancha 4: Esta prancha remete para a relação com a figura materna num contexto de rivalidade fraterna e para os aspectos de dependência versus autonomia. O menino começa por utilizar a descrição do conteúdo manifesto na sua narrativa, para fugir ao conflito proposto na prancha “ *Era uma vez, um menino a andar de bicicleta. Estava uma senhora com um bebé ao colo e a agarrar o chapéu.*”. Nesta prancha também não é referenciado a figura feminina como a mãe do bebé ou do menino. Logo de seguida o menino projecta as suas pulsões agressivas sobre a figura que representativa da figura materna, mas logo a seguir, anula esta acção e projecta esta agressividade para si próprio “ *Depois veio o menino de bicicleta, estava a andar muito rápido e ia aleijando a Sr.ª, mas caiu e magoou-se.*”.

O menino poderá ter introduzido o vento como um elemento sensorial que remete para a instabilidade afectiva e falta de coesão na relação com as figuras significativas, nomeadamente com a mãe, assim como o balão a voar poderá remeter para a angustia de abandono, o menino continua a utilizar a descrição ao conteúdo manifesto para fugir ao tema proposto pela prancha, “ *A Sr.ª estava a andar e a mala da Sr.ª como veio o vento estava quase a cair do braço. E depois o menino viu que a senhora tinha um bebé com um balão e o menino viu que o balão do bebé voou e já está.*”

Prancha 5: Esta prancha remete para a curiosidade sexual e para os fantasmas da cena primitiva. Este menino foge da temática pretendida, parece existir uma privação na capacidade de fantasiar a vivência do casal parental, pela exclusão na vida parental.

Este menino expressa a angústia de abandono e ausência de afecto, “*Dois irmãos pequeninos estavam na cama sozinho e não estava ninguém ao pé deles*”. Este menino também demonstra poucas capacidades de se autonomizar expresso através do uso da negação que mostra as limitações do menino, pois falta-lhe os conceitos básicos dados pelas figuras de referência para o conseguirem, remetendo para a regressão, “*queriam sair da cama, mas não conseguiam porque eram pequeninos*”. No final remete para o sentimento de solidão, mas logo a seguir anula este sentimento através da figura do avô, “*Estavam no quarto sozinhos, mas estavam com o avô em casa. Acabou*”. Este menino demonstra ter um grande embotamento afectivo.

Prancha 6: Esta prancha remete também para a curiosidade sexual e para os fantasmas da cena primitiva num contexto edipiano. Nesta o menino revela dificuldades em identificar o sexo das personagens, não fazendo a referência as figuras significativas, parecendo estas quase inexistentes na vida da criança, ou seja, parece que para este menino as referências identitárias são tão frágeis e sem consistência que a própria criança tem problemas graves a nível da sua identidade pessoal.

O menino inicia a prancha com a descrição do conteúdo manifesto, mas esta apresenta uma ligeira distorção perceptiva, pois só existe uma tenda e não duas. O menino utiliza esta para fugir a problemática apresentada na prancha, “*Era uma vez uns meninos que estavam os dois a dormir numa tenda, e um menino estava noutra*.” Logo de seguida o menino refere-se as figuras parentais, mas logo utiliza negação como fuga, o que demonstra uma inconsistência e ambivalência interna na construção dos seus objectos internos de referência, “*O menino saiu da tenda e foi ver os pais, não os meninos*.” Para além disso, classifica as outras personagens como figuras do mesmo sexo e da mesma faixa etária, não havendo diferenciação identitária, “*Depois os outros meninos acordaram e foram jogar a apanhada, acabou*.”

Prancha 7: Esta prancha até pelos estímulos apresentados remete para uma relação cujos componentes como a agressividade e a devoração estão presentes. No caso deste menino, o menino deixa-se invadir pelos seus fantasmas agressivos e de perseguição, mas

tendo como base o conteúdo manifesto *E um vampiro que queria agarrar o menino, só que o menino subiu á árvore.*”. De seguida estas pulsões são de tal ordem invasoras para a criança, que esta utiliza o mecanismo da anulação, “ *O vampiro não queria fazer mal.*”. O menino parece ter uma atitude de ambivalência entre o real e a fantasia, acreditando por vezes nos seus próprios pensamentos como se fossem reais, “ *isto era carnaval, só queria brincar com o menino, mas o menino pensava que era verdade e não sabia*”. Ao longo da prancha o menino começa a desorganizar-se de tal modo que sai do conteúdo temático da prancha. No final o menino ainda revela com maior evidencia a confusão entre o real e a fantasia, “ *E o menino estava assustado pensava que aquele era um vampiro de verdade.*”

Prancha 8: Esta prancha remete para a culpabilidade associada á curiosidade e a transgressão na relação pais e filhos. O menino começa a narração da história por um jantar, refere as personagens como figuras femininas, referenciando uma como representante de uma figura materna rejeitante e pouco contentora, “ *Era uma vez, um jantar. Quando acabaram de jantar foram para a sala. O menino foi lá ter , mas a mãe não o queria lá, mandou-o para o quarto brincar com os amigos.*”. Este sentimento de rejeição é de tal modo destrutivo para a criança que ela utiliza a clivagem, para separar o objecto materno não securizante de uma mãe que o suporta afectivamente e que está associado ao objecto bom, “ *Era mais tarde a mãe chamou-o e as outras mães chamaram-nos para irem ver um filme e comer pipocas.*”

Prancha 9: esta prancha remete para a problemática da solidão e do abandono, e os medos associados a solidão e ao escuro. O menino começa a história referindo-se a temática da solidão, contudo não consegue ter a capacidade de estar só, colocando na sua narrativa os pais, “ *Era uma vez, um menino que estava sozinho na cama. Os pais estavam lá em baixo a ver um filme.*”. Também esta presente ambivalência entre acções contraditórias, “ *O menino estava com medo e os pais a comerem pipocas.*” *Através da anulação o menino remete para a regressão, “ Depois o bebé, o menino começou a chorar e o pai foi lá busca-lo e ficaram a ver o filme divertidos*”. Esta manifestação regressiva manifesta uma incapacidade de se autonomizar e de dependência, pois falta-lhe as bases de segurança e confiança que deveria ter adquirido com as figuras significativas, o que não aconteceu devido a ausência de suporte. No final também é visível a clivagem, pois a mãe é omitida e passa só a existir a relação entre o pai e o filho.

Prancha 10: Esta remete para a relação agressiva progenitor filho num contexto de analidade, evidenciando-se uma proximidade corporal. O menino remete para a regressão, através do mecanismo da anulação, no contexto da relação com a figura materna inserido no contexto de relação precoce e não numa fase anal, “ *A mãe estava na casa de banho. Estava a tirara o xixi ao menino, ao bebé. O bebé estava a chorar, a mãe calou-o, pôs-lhe a chucha e depois mudou-lhe a fralda. Depois a mãe levou-o para a cama e adormeceu-o e dormiram os dois. Acabou*”. O menino acaba por não entrar no conflito pretendido proposto pela prancha, verificando-se uma fixação em contexto oral com a figura significativa.

Anexo Caso -2 de Organização Psíquica

Análise do Desenho:

Desenho da Figura Humana:

A menina começa por desenhar o círculo que representa a cabeça, segundo alguns autores como Machover (1949) e Campos (2003), a cabeça é onde se localiza o self e é o centro do poder intelectual, social e do controlo dos impulsos corporais. Neste caso específico, a cabeça tem um tamanho exagerado em relação ao corpo, isto poderá significar, segundo Campos (2003), uma prevalência da fantasia sobre a capacidade de realização, pois a (L.M.) sonha com um monstro e acredita que este existe realmente, o que poderá indicar uma confusão entre o real e a fantasia, mas também pode estar associado aos sentimentos de menos-valia e a elementos narcísicos e egocêntricos. De seguida, a menina desenha só uma parte do cabelo, como este tem um significado simbólico, segundo Machover (1949), de virilidade sexual, neste caso poderá estar presente o medo de castração. De seguida desenha os olhos, um está representado por um ponto o outro por uma bola vazia, isto poderá ser representativo de uma regressão na maturidade afectiva, uma recusa em enfrentar a realidade, como também poderá estar associado a agressividade e também a aspectos egocêntricos.

Existe uma omissão do nariz o que também pode significar a presença do medo de castração, de seguida a menina desenha a boca, este é um elemento importante na relação precoce entre a mãe e a criança, através das experiências de nutrição associadas aos aspectos de satisfação ou frustração em contexto oral. A boca é desenhada para baixo, expressando tristeza, mas também uma relação na oralidade insatisfatória e pouco gratificante, o que poderá ter contribuído para problemas de identitários.

Posteriormente, desenha o tronco com um formato impreciso quase poderá dizer-se que existe uma fusão do corpo com a cabeça, o que indica uma perturbação da imagem corporal, não existe o elemento de separação entre a cabeça e o corpo representado pela pescoço, o que poderá ser indicativo de uma ausência de controle entre os impulsos corporais e os intelectuais, neste caso são os impulsos corporais que estão mais presentes, pois esta menina bate na mãe quando esta não lhe faz as vontades todas. Os elementos de ligação afectiva como os braços e as mãos, segundo Campos (2003) e Di Leo (1985) são os elementos que se relacionam ao desenvolvimento e

adaptação do eu nos contactos sociais, neste caso, estes elementos são frágeis, os braços são representados por uma linha longa muito fina que poderá significar o desejo de alcançar afecto, as mãos tem um formato impreciso o que revela falta de confiança nos contacto com os outros, a mão esquerda a ter um formato em estrela que é uma das características das crianças psicóticas, segundo o autor Wallon (1990). A disposição dos braços é para baixo o que poderá significar falta de segurança e impotência nas relações com os outros, incapacidade e recusa de interagir no seu meio envolvente, devido a ausência de afecto. A menina desenha as pernas e os pés sem separação com um formato em L e com um tamanho reduzido em relação ao resto do corpo, isto poderá significar perturbações no campo sexual, como é visível pelo acentuar do calcanhar. Os pés, segundo Campos (2003), indicam a segurança individual em caminhar no meio ambiente, poderá dizer-se que a menina demonstra uma grande insegurança e dificuldades em se relacionar com os outros.

A menina demonstra também problemas na referência identitária, pois neste desenho utiliza a identificação projectiva, fazendo a identificação com a psicóloga, dizendo que tem cinco anos, que gostava de bincar e que o seu maior desejo era uma boneca. A incapacidade de se identificar a figura representada, significa que internamente não conseguiu realizar a sua própria identidade, como pessoa singular, devido a falhas na relação com a figura materna, o que poderá contribuir para a incapacidade de distinguir os limites internos dos externos, contribuindo para a confusão e fusão nos outros, como procura de uma identidade própria que ela não conseguiu construir. A menina desenha a figura humana na linha vertical acima do ponto médio o que poderá indicar, segundo Campos (2003), um desajuste da criança, mas também uma procura de satisfação na fantasia e não na realidade. O traço manifesta-se normal, mas tremulo o que demonstra, segundo Campos (2003), insegurança, medo e tristeza.

No conjunto, pelos aspectos apresentados esta criança, poderá apresentar uma organização psicótica.

Desenho da Família:

A menina faz o desenho representativo da sua família, este encontra-se enviesado com tendência para o lado esquerdo da folha e encontra-se acima do ponto médio o que poderá ser um indicador de desajuste e da procura da fantasia.

A menina começa por desenhar sem ordem definida as personagens, em primeiro lugar desenha o pai, que diz ter 5 anos, mas logo a seguir desenha o Sebastião colega da escola como um elemento pertencente a família anulando a figura do pai que neste caso deve ter uma valência negativa, talvez pela sua ausência na vida da menina em contexto familiar, pois segundo o autor Hulse (Campos, 2003) a primeira figura desenhada pela criança é sempre atribuída uma valência positiva ou negativa. De seguida, desenha o mano, atribuindo-lhe a idade de 5 anos e como característica principal ser o mais chato, este é o que possui uma cabeça maior, talvez por ter maior autoridade social dentro do contexto familiar.

Depois desenha-se a ela própria em terceiro lugar como sendo a mais contente, com uns braços muito longos como se quisesse obter afecto, dentro do seio familiar. Por último desenha a mãe em quarto lugar atribuindo-lhe a idade de oito anos e caracterizando-a como a mais triste, mas esta é só representada pela cabeça, a menina não desenha o resto do corpo, o que poderá indicar um problema de restrição corporal, ou mais provavelmente um conflito com a figura materna, esta não tem rosto, o que poderá indicar ausência da relação com o meio e ausência de comunicação dentro do seio familiar, nomeadamente com a mãe.

É visível no desenho uma regressão na maturidade afectiva, a perturbação na imagem corporal, o contorno impreciso das mãos, nomeadamente no amigo, no irmão e dela própria poderá denunciar ausência de contactos afectivos e interacção no meio familiar, ausência dos pés em quase todas as figuras, excepto na figura que a representa e no amigo é que existe pés, mas estes reflectem insegurança em caminhar e em interagir com os elementos da família pelo seu formato impreciso. Esta menina também demonstra através do desenho dificuldades de integração do conceito de família, colocando todas as personagens numa faixa etária muito próxima da sua, o que demonstra uma imaturidade psico-afectiva notória.

Existe uma fusão do tronco com a cabeça, e em algumas personagens parece que os braços saem da cabeça, o que demonstra indícios de uma imagem corporal parcelada e não percebida na sua totalidade, na qual a coesão corporal parece muito

fragilizada e superficial, para além disso, existe também a manifestação da ausência do controle psíquico sobre os impulsos corporais, podendo desta forma ter como consequência a agressividade latente em contexto familiar.

No conjunto, poderá dizer-se que existe uma desorganização psíquica evidente nesta criança na ordem da psicose, pois a família tem traços disfuncionais e as relações afectivas são quase inexistentes, toda esta família parece ser o reflexo do medo e do vazio carencial desta criança, que não tem o rosto da mãe para construir a sua própria identidade.

Desenho Livre:

No desenho livre é notória uma pobreza simbólica, a menina começa a desenhar, mas depois anula o que desenhou riscando por cima, como se tivesse receio de projectar os seus afectos e fantasmas internos. Mas os riscos, principalmente estes que tem cor podem ser representativos do seu estado interno, das suas angústias e medos, mas também de uma grande revolta e agressividade.

A forma como desenha os rabiscos também enuncia níveis de ansiedade e angústia, a própria cor utilizada pela menina a cor laranja, segundo Campos (2003), poderá denunciar, o desejo de contacto afectivo, a repressão da agressividade, mas também a sobreposição da fantasia sobre a realidade, assim como uma desorganização e confusão psíquica intensa.

A menina recusa-se a contar a história do desenho o que é mais um indicador do embotamento afectivo pela dificuldade que tem em expressar os seus sentimentos e as suas angústias, permanecendo encarcerada nos seus medos, procurando na fantasia a fuga para o seu bem estar.

Respostas ao C.A.T. A.:

Prancha 1: “ era uma vez um pintainho e depois uma galinha disse falar com os filhos dos pintainhos. Mais nada. Não quero mais.”

Prancha 2: “ Puxamos a corda depois estragou-se.”

Inquérito:

P: “ *E depois?*”

R: “ *Mais nada.*”

P: “ *Quem puxa a corda?*”

R: “ *É ali*” (aponta para o urso que está sozinho.)

Prancha 3: “ Depois ele tava a fazer fumo depois eu vi um rato.”

Inquérito:

P: “ *Onde?*”

R: “*Ali na casa dele, olha.*” (mostra o cartão.)

P: “ *E mais nada?*”

R: “ *mais nada.*”

Prancha 4: “ Como vou a andar de bicicleta, depois não vou de bicicleta e depois vou cair no chão, mais nada.”

Prancha 5: “ E depois estava a dormir na minha cama e depois estava a dormir na cama dos bebés. E depois assustou com esse monstro que está na cama dos bebés”. (Mexe na cadeira do lado e pede se pode levar a cadeira para casa. Movimenta-se constantemente.)

Prancha 6: “ E depois os ursos. Quando o urso estava a dormir depois assusto.”

Inquérito:

P: “ *assusta quem?*”

R: “*ele o urso, mais nada.*”

Prancha 7: “ E depois ele tava... vai comê-lo na boca, depois o macaco vai embora, depois ele vai embora.”. (Utiliza vocalizações, abana o cartão. Põe tampa da caneta na boca, levanta-se.)

Prancha 8: “ Quando os macacos viram. Mamã vamos brincar para o parque, no parque vamos cair no lago e depois os sapos vão comer.”, (responde ao cartão a cantar.)

Prancha 9: “ Monstro vou-te apanhar. Monstro vou-te apanhar.”

Inquérito:

P: “ *Onde vês o monstro?*”

R: “ *na cama.*”

P: “ *Como é que ele se chama?*”

R: “ *(mostra o cartão e aponta para o coelho).*”

P: “ *Que nome é que lhe dás?*”

R: *Ele tava na cama dos bebés, depois ele comeu-os, comeu os peixes, comeu as ervas, a árvore de natal.*”

Prancha 10: “ E depois os cães ele tava com a mãe e com a filha, depois ele tava a fazer xixi aqui.”

Inquérito:

P: “ *onde é que ele estava a fazer xixi?*”

R: “ *Na casa de banho (aponta para a sanita)*

P: “ *E depois?*”

R: “ *Mais nada. Não quero mais, não gosto deste. Não quero, não quero.*”

Interpretação do C.A.T. A.:

Prancha 1: Esta remete para a relação com a imagem materna no contexto da oralidade, ou seja, para as experiências de satisfação ou frustração associadas a nutrição. Neste caso a menina mostra dificuldades de perceber a prancha na sua totalidade, percebendo esta de forma parcelada, ou seja a menina demonstra ter uma distorção perceptiva da prancha, “ *Era uma vez, um pintainho*”, pois na prancha existem três pintainhos, podendo transferir esta para a realidade, seguidamente refere-se a figura materna, ou seja, a galinha, depois verifica-se uma intensa ansiedade, pois a menina apresenta um discurso narrativo desorganizado dizendo: “ *e depois uma galinha disse falar com os filhos dos pintainhos.*”.

Esta menina recusa continuar a narrativa, pois esta prancha tornou-se pela componente apresentada muito angustiante para a menina, desta forma, o conflito proposto na prancha não é compreendido pela menina, talvez pela ausência de experiências satisfatórias na relação com a figura materna, o que poderá levar a falhas no processo de coerência identitária.

Prancha 2: esta prancha remete para a relação triangular num contexto agressivo ou lúdico. Neste caso a menina não consegue compreender o conflito apresentado na prancha, não consegue reconhecer a relação na sua triangulação. O vínculo que liga a relação entre os três ursos, ou seja, a corda é destruída, surge os fantasmas da destruição, pois a menina diz: “ *puxamos a corda depois estragou-se*”, mostrando a ausência de relações afectivas e dificuldade no reconhecimento da diferenciação dos sexos dos protagonistas, contribuído para falhas na identidade da menina.

A menina manifesta uma posição defensiva a nível dos afectos, recusando-se a falar mais sobre a prancha, só através do inquérito é que consegue expressar mais algumas ideias, mas demonstra um grande embotamento afectivo e dificuldade em visualizar a prancha na sua totalidade, visualizando apenas alguns pormenores, o que poderá indicar uma clivagem na forma como compreende a realidade. Para além disso, o conteúdo da prancha é tão angustiante e ansiogénico que a criança levanta-se e vai até a janela.

Prancha 3: A prancha remete para a relação com uma imagem de potência fálica, ou seja, para uma imagem paterna potente. A menina não consegue compreender o conflito proposto na prancha, demonstrando dificuldade novamente em perceber a realidade na sua totalidade, só a conseguindo perceber através de pormenores, clivando os aspectos mais importantes, demonstrando uma incapacidade de perceber no leão uma imagem paterna com atributos fálicos, *“Depois ele tava a fazer fumo depois eu vi um rato.”*

Prancha 4: Esta prancha remete para a relação com a figura materna num contexto de rivalidade fraterna. A menina não consegue compreender a temática pretendida na prancha. Demonstra dificuldade em perceber os três animais e a inclui-los na mesma espécie, o que novamente remete para problemas a nível da coesão identitária, existe uma desorganização intensa manifestada através da sua narrativa.

A menina utiliza a identificação projectiva, pois identifica-se com uma das personagens da prancha, *“ Como vou andar de bicicleta”*, depois anula esta acção através do uso da negação, *“ depois não vou andar de bicicleta.”*. O discurso é muito desorganizado, pois a menina entra em choque perante a prancha, a relação com a mãe parece muito frágil e quase inexistente, pois a menina não consegue perceber a figura materna na prancha nem estabelecer uma relação afectiva com esta, além disso, visualiza a prancha através de alguns pormenores clivando o resto.

Prancha 5: Esta prancha remete para a curiosidade sexual e para a capacidade que a criança tem de fantasiar a cena primitiva. A menina não consegue perceber o conflito proposto na prancha, mostrando uma ausência completa na capacidade de fantasiar a cena primária num contexto edipiano.” É notório a confusão entre a fantasia e a realidade, e a projecção identificativa que a menina faz, projectando-se para dentro da prancha, mostrando uma ausência de limites internos e externos, *“ E depois estava a dormir na minha cama e depois estava a dormir na cama dos bebés.”*, manifesta uma tendência regressiva. De seguida a menina deixa-se invadir pelos seus medos e fantasmas destrutivos, deixando de perceber o que está na prancha passando para o plano da fantasia, *“E depois assustou com esse monstro que está na cama dos bebés.”*. Tendência para a regressão e para a distorção perceptiva, pois são dois ursinhos que estão na caminha e não dois bebés.

Prancha 6: Remete também para a curiosidade sexual e para os fantasmas da cena primitiva num contexto edipiano. A menina não consegue entrar no conflito pretendido, nem perceber a prancha na sua totalidade. A triangulação em contexto edipiano não é reconhecida, levando a falhas no processo identificativo, parece haver também nesta prancha a ausência entre os limites internos e externos e um discurso muito desorganizado, “*E depois os ursos. Quando o urso estava a dormir depois assusto.*”

Prancha 7: Esta prancha remete para uma relação carregada de agressividade, remetendo para o receio de castração. Esta prancha tornou-se intensamente ansiogénica para a menina, desta forma, a menina deixa-se invadir pelos seus fantasmas e medos de devoração, associada a uma agressividade oral primária, desorganizando-se por completo, revelando uma incapacidade de perceber a prancha na sua totalidade, fugindo ao tema proposto na prancha, “*E depois tava... vai comê-lo na boca, depois o macaco vai embora, depois ele vai embora.*”

Prancha 8: Esta prancha remete para as relações familiares e para a culpabilidade associada à curiosidade e transgressão na relação pais e filhos. A menina demonstra uma incapacidade de perceber a prancha na sua totalidade e foge a temática pretendida, deixando-se invadir pelos seus fantasmas de devoração associados a oralidade e aos mecanismos primários, utilizando um discurso desorganizado com fuga de ideias “*Quando os macacos viram. Mamã vamos brincar no parque, no parque vamos cair no lago e depois os sapos vão comer*”

Prancha 9: Esta prancha remete para a problemática da capacidade de gerir a solidão e o abandono. Nesta a menina desorganiza-se por completo deixando-se invadir pela fantasia, e pelos fantasmas de devoração e agressividade oral e regressão, personificado pelo monstro, “*Monstro vou-te apanhar. Monstro vou-te apanhar, ele tava na cama dos bebés, depois ele comeu-os, comeu os peixes, comeu as ervas, a árvore de natal.*”

Prancha 10: Esta prancha remete para a relação progenitor filho num contexto de analidade, evidenciando-se a proximidade corporal. Nesta a menina apresenta um discurso desorganizado, com fuga de ideias, demonstrando uma grande distorção perceptiva, pois vê mais do que dois cães, “*E depois os cães ele tava com a mãe e com a filha, depois ele tava a fazer xixi aqui.*”. É também notório que para esta menina a

prancha tem uma componente muito angustiante e ansiogénica, recusando-se a falar mais sobre a prancha.

ANEXO – Caso 3 de Organização Psicótica:

Análise do Desenho:

Desenho da Figura Humana:

O (A.F.) começa por desenhar um círculo que representa a cabeça, nesta segundo Machover (1949) e Campos (2003), situa-se o centro de poder intelectual e social e do controlo dos impulsos corporais, mas também é onde se localiza o self do indivíduo. No caso deste menino, a cabeça é a parte do corpo que está mais saliente no desenho, o que poderá expressar no caso deste menino fuga na fantasia, esta encontra-se separada do resto do corpo, o que demonstra ausência de um esquema corporal adequado.

Posteriormente, desenha os olhos, estes não manifestam qualquer expressão emocional, pois estão vazios e sem pupila, isto poderá indicar, segundo Campos (2003), uma recusa em enfrentar a realidade, uma percepção da realidade muito vaga e de forma parcelada e agressividade.

A boca é o elemento desenhado de seguida, este é o elemento corporal, segundo Campos (2003) e Machover (1949), associado às experiências de satisfação ou frustração oral na experiência precoce, neste caso, pelo formato côncavo da boca poderá ser um indicador de dependência.

O nariz tem um significado, segundo Campos, (2003) de cariz sexual, o que significa que o menino ao omitir o nariz poderá ter perturbações a nível sexual, relacionado a um temor de castração. De seguida, desenha um chapéu, mas não representa o cabelo, como este, segundo Machover (1949), tem um simbolismo de virilidade sexual, a criança ao omiti-lo pode indicar também dificuldades de ordem sexual. Para além disso, é notório uma perturbação do esquema corporal, pois o menino representa o resto do corpo apenas composto por frágeis linhas, os braços e as pernas, não estão ligados ao resto do corpo, o que poderá significar uma percepção da imagem corporal desconectada, ou seja, o corpo parece não ser visualizado na sua totalidade, mas apenas por partes desconexas entre si.

Os elementos de ligação são os braços e as mãos estes estão relacionados, segundo Campos (2003) e Di Leo (1985) com o desenvolvimento do eu na sua adaptação social e

na interação com os outros, neste caso o relacionamento com os outros parece quase inexistente, ausência de afecto e de contenção, poderá contribuir para que o menino fantasie o desejo de ter o afecto que ainda não conseguiu adquirir, devido a carência afectiva que sente. As pernas são também desenhadas por duas linhas muito sumidas, o que poderá indicar perturbações a nível da sexualidade., mas estas parecem estar em movimento o que poderá significar um desajuste entre a fantasia e a capacidade de realização, podendo ter como consequência um afastamento no contacto com a realidade. Os pés são a base do equilíbrio do corpo, a sua ausência neste caso, remete para a insegurança em geral do menino em caminhar no seu meio envolvente.

O traço do desenho na parte da cabeça manifesta-se forte o que poderá revelar, segundo Campos (2003), medo, insegurança, e agressividade, mas no resto do corpo o traço já tem tendência ser mais apagado, e interrompido, isto poderá significar, segundo Campos (2003), por um lado, dissimulação da agressividade, medo de revelar os seus problemas e angustias e inibição e por outro a aposição e não aceitação do meio ambiente.

A figura, não está centrada, mas sim inclinada para o lado esquerdo da folha, o que poderá indicar maior descontrolo, dependência e desajuste ao meio e a realidade por parte da criança. Além disso, parece haver falhas no processo de identidade, pois o menino desenha um colega da escola, atribuindo-lhe a idade de sete anos e o nome de Rafael em vez de se desenhar a ele próprio.

Por todos estes aspectos poderá dizer-se que esta criança tem uma organização psicótica.

Desenho da Família:

No desenho da família o menino desenha todos os elementos familiares com um tamanho reduzido e cada um dentro de um quadrado incluídos dentro de uma casa, isto poderá significar, segundo Hulse (cit.por Campos, 2003), não só o desajuste em contexto familiar, mas também, o desejo de se libertar da família. Segundo Di Leo (1985), este tipo de representação da família também pode ser designada de encapsulação. As figuras desenhadas são o reflexo da distorção da imagem corporal da criança, onde não existe uma coerência e estrutura corporal unificada, revelando uma perturbação na imagem corporal da criança. O facto de cada figura se encontrar dentro de um quadrado impede o estabelecimento das relações afectivas, dentro da família, o que indica uma carência vivencial afectiva notória dentro do seio familiar. O cão também é desenhado como um elemento pertencente á família, e encontra-se também numa outra casa a parte da sua, isto também parece mostrar a forma clivada como o menino visualiza a família.

Nenhuma das figuras se destaca pelo tamanho nem pela a autoridade social, parecem todas manifestarem o mesmo grau de importância. Todas as figuras tem braços e pernas, mas não têm mãos nem pés, excepto a mãe que não tem braços demonstra um conflito na relação com a figura significativa de suporte, talvez porque a mãe não esteve presente na vida do menino quando este ainda era bebé, contribuindo para falhas no campo afectivo e na relação precoce base da construção da coesão identitária. O pai não tem rosto e as outras figuras têm uns olhos vazios sem pupila nem expressão emocional o que poderá indicar segundo Campos (2003), ausência da relação com o meio familiar, nomeadamente com o pai, assim como uma imaturidade na comunicação com a figura paterna. O facto de se desenhar em primeiro lugar, pode ser um mecanismo de compensação por não se sentir integrado dentro do contexto familiar. Todas as figuras são reduzidas e estereotipadas, mas aquela que se destaca pelo tamanho mais reduzido é a sua irmã mais nova desenhada em segundo lugar.

Em terceiro e em quarto lugar desenha os pais, o que poderá mostrar o desejo de se afastar das figuras parentais. Não apresenta qualquer tipo de características específicas as figuras.

No conjunto, são evidentes as dificuldades em estabelecer relações de afectividade e de interacção com os outros, principalmente com o seu meio familiar. A família

demonstra ser disfuncional e desorganizada, contribuindo para instabilidade e desorganização interna apresentada pelo menino no campo da psicose.

Desenho Livre:

O menino começa o desenho dizendo apenas que são quatro monstros, mas recusa-se a contar uma história sobre estes.

Neste desenho o menino projecta todo o seu mundo fantasmático, medos e angustias, violência e agressividade, onde está presente não só a confusão entre a fantasia e a realidade, como também, uma agressividade oral primária, talvez derivada de uma relação precoce não gratificante com a figura materna.

Os monstros podem ser a representação personificada dos seus fantasmas de devoração, a imaturidade afectiva está presente no desenho pelo o aparecimento de uma flor.

O desenho apresentado é também uma, manifestação de uma instabilidade interna, assim como, de uma ausência de coesão corporal sólida e de uma referência identitária bem estruturada, porque um dos monstros parece ter tronco e braços humanos, sem mãos o que poderá indicar dificuldades na interacção com o meio. A violência é expressa no desenho através de um instrumento que parece uma pistola apontada para outro monstro, a representação das cabeça dos monstro com um formato geométrico também poderá ser um indicativo de um problema psicótico. O traço do desenho é forte o que poderá indicar segundo Campos (2003), medo e insegurança

A ausência de cor pode ser sinal de inibição dos afectos e recusa em expressar os seus problemas emocionais. Segundo Wallon (1990) podemos encontrar no desenho livre a partir dos sete anos, devido a desorganização presente na criança uma representação de formas irreais, que é notória neste caso.

No conjunto, podemos dizer que pelos elementos apresentados no desenho estamos perante uma criança com uma possível organização psicótica.

Respostas ao C.A.T. A.:

Prancha 1: “ Era uma vez, bebés de galinhas a comer papa e disseram: eu queria comer papa todos os dias mais ou menos e depois a nossa mãe também vem comer papa.”

Inquérito:

P: “*Como se sentiam?*”

R: “*sentiam-se bem com a mãe deles.*”

Prancha 2: “ Era uma vez ursos. Estava uma vez, um urso a tirar a corda e um menino e pai (direita) a tirar uma corda a este.”

Inquérito:

P: “*quem é este?*”

R: “*É a mãe.*”

P: “*Estavam zangados.*”

R: “*não estavam a brincar.*”

Prancha 3: “ Era uma vez, um rei leão que vivia no seu castelo e dizia uma coisa ao morcego: diz á águia para ele ir embora e não voltar aqui e tens de ir lá perguntar uma coisa ao rei águia, assim eu tivesse lá contigo zangava-me com ele, com á águia.” (agita o cartão.)

Prancha 4: “ Era uma vez, uma menina e um menino bebé e uma mãe e depois compraram leite e coisas e voltaram para casa e ficaram felizes para sempre. Já está.”

Prancha 5: (Esconde a cara com o cartão, manifestando vergonha.). “ Era uma vez, dois bebés ursinhos e dormiam de noite e o seu pai e a sua mãe, o sol acordou e os bebés e a mãe e o pai estavam a levantar e comiam a comida do bebé e ficaram felizes para sempre, já está.”

Prancha 6: “ Era uma vez, um menino ursinho que estava só a comer a comida das ervas e também o pai e a mãe comeram ervas também e também ficaram felizes para sempre.”

Prancha 7: “ Era uma vez, um leão a comer um macaco e também apareceu outro leão e comeu-o o macaco, o macaco e também já comeu outro macaco e ficou feliz para sempre.”

Questionário:

P: “ *Quem?*”

R: “ *O leão.*”

Prancha 8. “ Era uma vez macacos todos estavam na casa dos macacos onde eles vivem e também foram á escola de macacos e ficaram felizes para sempre.”

Inquérito:

P: “*O que eles são uns aos outros?*”

R: “*Não sei*”

Prancha 9: “ Era uma vez, um coelho, que estava no seu quarto a dormir, acordou-se no quarto e também levantou-se e foi para a escola dele e levou a sua mala e também ficou feliz para sempre.”

Inquérito:

P: “*Quem o ia levar a escola?*”

R: “*Foi sozinho para a escola, não tinha ninguém que o levasse.*”

Prancha 10: “ Era uma vez, dois cães iam á casa de banho e estava na casa de banho e o cão ficou a dormir perto da mãe quando a noite passou e ficaram felizes para sempre, já está.”

Interpretação do C.A.T. A.:

Prancha 1: Esta prancha remete para a relação com a imagem materna no contexto da oralidade. No caso deste menino é visível a regressão, associada a um mecanismo primário visível numa relação de oralidade insatisfatória com a figura materna, que poderá levar a falhas no processo identitário do menino, “*Era uma vez bebês de galinhas a comerem papa.*”, existe também por parte do menino o desejo de ser bebê, talvez pela carência afectiva que teve na relação precoce, fazendo uma identificação projectiva com os pintainhos, “*e disseram: eu queria comer papa todos os dias mais ou menos.*”. É uma notória uma distorção perceptiva da prancha, porque o menino refere “galinhas” e “bebês das galinhas”, sem demonstrar uma referência numérica coesa.

No final inclui a figura materna na relação oral, talvez pelo desejo de ter a mãe presente procurando nesta, experiências de gratificação oral, através da nutrição, “papa” que não conseguiu obter na relação significativa com a imagem materna.

Prancha 2: Esta prancha remete para a relação triangular progenitor filho num contexto agressivo ou lúdico. No caso deste menino inicialmente, a relação não é reconhecida na sua triangulação, pois o menino ao deparar-se com a prancha diz: “*Era uma vez ursos*”, não havendo qualquer tipo de diferenciação entre estes. Parece haver uma confusão no processo de identificação, pois a criança em questão faz uma identificação projectiva ao urso, “*e um menino e o pai.*”, através de uma distorção perceptiva, pois substitui o urso pelo menino. A criança refere as figuras parentais, num contexto agressivo, mas perante a pergunta feita pela psicóloga, “*Estavam zangados?*” faz a negação da agressividade transportando a relação para um contexto lúdico, “*Não estavam a brincar.*”. A corda parece ser o meio por onde circula os aspectos fálicos associados aos aspectos agressivos.

Prancha 3: Esta prancha remete para uma imagem de potência fálica, ou seja para uma imagem paterna potente e com atributos. Neste caso o menino foge completamente ao tema pretendido na prancha e desorganiza-se totalmente deixando-se invadir pelo seu mundo fantasmático, na qual a potencia atribuída a imagem parental e substituída por uma onipotência atribuída ao rei leão, “*Era uma vez, um rei leão que vivia no seu castelo*” para além disso, estabelece um diálogo entre uma figura “*morcego*” e outra personagem a “*águia*” que não estão presentes na prancha, mostra também, um

discurso desorganizado, “ *Era uma vez, um rei leão que vivia no seu castelo e dizia uma coisa ao morcego: diz à águia para ele ir embora e não voltar aqui e tens de perguntar uma coisa ao rei águia, assim eu tivesse aí lá contigo zangava-me com ele, com a águia.* Através da sua narrativa, na qual ele se projecta na prancha como se fizesse parte desta, demonstra uma agressividade direccionada a figura paterna, mas escondida por detrás de fantasmas invasivos.

O rato nem sequer é percepcionado pelo menino, devido ao choque provocado pela prancha. Não existe qualquer pormenor ligado ao conteúdo manifesto que seja referenciado pela criança, o que poderá revelar fraco contacto com a realidade.

Prancha 4: Esta prancha remete para a relação com a imagem materna eventualmente num contexto de rivalidade fraterna. Neste caso, o menino demonstra dificuldade em identificar e a incluir os três animais pertencentes a mesma espécie, o que poderá indicar falhas ao nível da coesão identitária, assim como também ao nível da identidade género, “*Era uma vez, uma menina e um menino bebé e uma mãe.*”. O menino utiliza o mecanismo de fuga, neste caso, um final feliz na sua narrativa para não entrar no conflito proposto, “ *depois compraram leite e coisas e voltaram para casa e ficaram felizes para sempre, já está*”

Prancha 5: Esta prancha remete para a curiosidade sexual e para os fantasmas da cena primitiva num registo edipiano. Nesta prancha, o menino consegue percepcionar o conteúdo manifesto, e entrar inicialmente na temática pretendida, “ *Era uma vez, dois bebês ursinhos e dormiam de noite e o seu pai e a sua mãe*”, mas logo em seguida surge um bloqueio na capacidade de fantasiar a cena primitiva, talvez por ser um processo afectivo demasiado invasivo para a criança, surge então um deslocamento de ideias associados a curiosidade sexual para ideias de natureza mais regressiva, através do elemento sensorial, representado pelo sol, “ *O sol acordou e os bebês e a mãe e o pai estavam a levantar e comiam a comida do bebé e ficaram felizes para sempre.*”. No final também utiliza o mecanismo de fuga, associado ao final feliz, para não entrar no conflito solicitado na prancha.

Prancha 6: Esta prancha tal como a antecedente remete para a curiosidade sexual e para os fantasmas da cena primitiva. Nesta o menino demonstra uma incapacidade de fantasiar a cena primitiva num registo edipiano, permanecendo no contexto da

oralidade associada a nutrição, a criança em questão também faz uma identificação projectiva ao ursinho mais pequeno, no qual ele refere estar só, o que remete para sentimentos de solidão e abandono, “*Era uma vez, um menino ursinho que estava só a comer a comida das ervas e também o pai e a mãe comeram ervas*”. A repetição das palavras também remete para a carga ansiogénica da criança provocado pelo conteúdo da prancha, “*também e também ficaram felizes para sempre.*”. O menino foge da temática pretendida, concluindo a sua narrativa com um final feliz.

Prancha 7: Esta prancha remete para a relação carregada de agressividade, nomeadamente, para as relações de devoração versus castração. Nesta prancha o menino é invadido por fantasmas destrutivos associados a devoração e a uma intensa agressividade oral, associados a mecanismos primários “*Era uma vez, um leão a comer um macaco e também apareceu outro leão e comeu-o o macaco, macaco e também já comeu o outro macaco.*”. O discurso é manifestamente desorganizado, onde surge uma distorção perceptiva, pois não é leão, mas um tigre que é apresentado na prancha, esta narrativa tem aspectos ansiogénicos evidentes, a invasão fantasmática é de tal forma intensa que poderá prejudicar a estabilidade identitária da criança. O “leão” surge caracterizado como uma figura onipotente e devoradora, personificação da agressividade do menino, “*E ficou feliz para sempre.*”; “*Quem?*”; “*o Leão*”.

Prancha 8: Esta prancha remete para a culpabilidade associada á curiosidade e transgressão na relação pais-filhos e convida a criança a situar-se nas relações familiares. O menino parece não ter referência do conceito de família, “*O que é que eles são uns aos outros?*”, “*não sei.*”. Os macacos não são percebidos em diferentes planos e também não existe distinção entre gerações e sexos, “*Era uma vez macacos, todos estavam na casa onde eles viviam e também foram a escola de macacos.*”. Acaba como habitualmente, com um final feliz, “*e ficaram felizes para sempre.*”

Prancha 9: Esta prancha remete para a problemática da capacidade da criança em gerir a solidão e o abandono, assim como para o medo do escuro. Nesta o menino desorganiza-se, confundindo a realidade com a fantasia, projectando aspectos reais na fantasia, “*Era uma vez um coelho que estava no seu quarto e também levantou-se e foi para a escola dele e levou a sua mala e também ficou feliz para sempre.*”. Esta prancha tem também um conteúdo muito ansiogénico para o menino, talvez pela incapacidade em gerir a solidão e

por se sentir abandonado pelas figuras significativas, “*Quem o ia levar a escola?*”; “*foi sozinho para a escola, não tinha ninguém.*”, desta forma, o menino demonstra uma vivência emocional carencial a nível afectivo.

Prancha 10: Esta prancha remete para a relação agressiva entre o progenitor filho num contexto de analidade e de aprendizagem da limpeza. Inicialmente, o menino só referencia os cães sem os diferenciar, a seguir e que apela a figura materna. A relação apresentada demonstra uma inanição em termos emocionais, pois a palavra dormir poderá remeter para a recusa do estabelecimento de uma relação com a figura materna, para além disso, a proximidade corporal, não está presente, o que revela prováveis dificuldades em comunicar com a figura materna, “*Era uma vez, dois cães iam a casa de banho e estava na casa de banho e o cão ficou a dormir perto da mãe, quando a noite passou.*”. A relação não está incluída num contexto de analidade, o menino utiliza como mecanismo de fuga ao conflito proposto na prancha o final feliz, “*e foram felizes para sempre, já está.*”

ANEXO – Caso 4 de Organização Psicótica:

Análise do Desenho:

Desenho da Figura Humana:

O menino começa por desenhar uma figura que representa um rapaz, mas logo em seguida risca esta figura e desenha ao lado uma figura feminina, uma rapariga com 10 anos que quando crescer quer ser bombeira, mostrando o desejo de querer ser salvo.

O que poderá indicar perturbações na identidade género do menino, assim como perturbações ao nível do esquema corporal. O começo da sequência do desenho tanto numa figura como noutra foi através da cabeça, segundo alguns autores, como Campos (2003) e Machover (1949) a cabeça é onde se localiza o self, e é considerada como o centro de poder intelectual e social e do controlo dos impulsos corporais, neste caso o menino desenha a cabeça com um tamanho muito reduzido em relação ao corpo o que poderá indicar, segundo Campos (2003), um sentimento de menos valia, preocupação e crítica. Seguidamente, desenha o cabelo, este segundo Machover (1949) tem um significado simbólico de virilidade sexual, o menino desenha uma figura sem cabelo, o que poderá remeter para um sentimento de debilidade e de impotência, na outra figura desenhada o cabelo surge representado com um formato desordenado o que poderá indicar imoralidade sexual.

Posteriormente, desenha o rosto, este é quase impercebível, os olhos são representados por um ponto que remete que poderá indicar um aspecto regressivo na maturidade afectiva. O nariz, segundo Campos (2003), tem um significado simbólico sexual, neste caso é representado por um ponto o que poderá apontar para perturbações ao nível da sexualidade, associado também a um temor de castração.

A boca, segundo Campos (2003) é a parte do corpo associada as experiências de satisfação ou frustração oral, na relação precoce, neste caso, a boca é representado por um traço côncavo, com tendência a tornar-se recto que poderá remeter não só para a dependência como também introversão e rejeição por parte do ambiente familiar. Não existe pescoço, este é considerado segundo Campos (2003), a zona de conflito entre o controle emocional e os impulsos corporais.

Neste caso o menino evidencia através do desenho dificuldades na coordenação dos impulsos corporais. Logo de seguida o menino desenha o tronco este é quadrado e com vários ângulos o que indica uma manifestação de uma intensa agressividade.

Os braços e as mãos são considerados os elementos de ligação, estes segundo Campos (2003) e Machover (1949) e Di Leo (1985) relacionam-se com o desenvolvimento e adaptação social na interacção com os outros, neste caso estes são representados com um formato impreciso e com uma inclinação para trás, o que poderá indicar falta de confiança e insegurança na interacção com o meio e as mãos são em forma de garfo, segundo Campos (2003), é uma das características psicóticas representativas no desenho.

Desta forma, o menino demonstra nítidas dificuldades na interacção com o meio social envolvente e na interacção com os outros, pois este menino evita o contacto através do olhar e a interacção. Posteriormente, o menino desenha as pernas estas tem simbolismo sexual, estas são representadas com mudanças de linhas, pois umas são mais finas e outras mais grossas o que poderá indicar um conflito sexual, estas são representadas em movimento, principalmente na figura inicial representativa de um rapaz, o que poderá remeter, segundo Campos (2003), para um desajuste entre a fantasia e a capacidade de realização, deixando se invadir frequentemente pelo seu mundo fantasmático perdendo o contacto com a realidade. Os pés indicam, segundo Campos (2003) e Machover (1949), a segurança geral do indivíduo em caminhar no seu meio envolvente, neste caso os pés tem um formato impreciso e irregular o que indica falhas e insegurança na interacção com os outros, e encontram-se desenhados ambos para lado diferentes o que poderá indicar ambivalência no comportamento.

No conjunto, as figuras desenhadas são de tamanho reduzido desvitalizadas, estereotipadas e instáveis, o que poderá indicar, por um lado, problemas emocionais, desajuste ao meio, sentimento de inferioridade e repressão á agressividade, mas por outro uma instabilidade interna expressa por falhas no processo de identidade, manifesta por perturbações da imagem corporal. O traço utilizado no desenho é apagado e mal controlado. As dificuldades na interacção com os outros, a fuga na fantasia, a desvitalização das figuras também poderá indicar uma intensa carência afectiva e bloqueio emocional, o que poderá levar a uma fuga na fantasia e a um contacto distante com a realidade, desta forma, podemos apontar que estamos perante uma organização psicótica.

Desenho da Família:

No desenho da família, o menino começa por desenhar primeiro o pai, segundo o autor Hulse (cit.por Campos, 2003), a primeira figura desenhada tem sempre atribuída uma valência positiva ou negativa, neste caso, a criança não atribui nenhuma característica em especial ao figura representativa do pai, em seguida desenha a mãe, a qual também não é atribuída nenhuma característica, as figuras tem um tamanho reduzido, apesar de desenhar o pai e a mãe graficamente não há uma diferenciação dos sexos, e as figuras tem um tamanho reduzido e são desvitalizadas. Segundo Campos (2003) e Wallon (1990) as figuras estereotipadas e as mãos em forma de garfo remetem para características psicóticas. A interacção parece ser mais superficial do que afectiva, a ambivalência de comportamento parece estar presente na figura representativa paterna e agressividade também pelo formato do tronco. A ausência dos pés nomeadamente na mãe remete para as dificuldades de interacção e de comunicação com a figura materna. O rosto das personagens é quase inexistente, o que significa dificuldades de interacção, assim como, no contacto com o meio e com a realidade.

No desenho o menino não aparece representado, segundo o autor Hulse (cit.por Campos, 2003) quando existe a omissão do próprio no desenho significa que o sujeito sente que não faz parte da família sentindo-se rejeitado, ou seja não recebe o afecto que necessita no seu meio familiar. Segundo o autor Di Leo (1985), esta omissão por parte da criança pode ser deliberada ou inconsciente.

No conjunto, estamos perante um menino que não se ajusta ao seu meio familiar, o que poderá reflectir falhas nas experiências afectivas com as figuras de suporte significativas, o que faz com que o menino não tenha elaborado internamente figuras securizantes e contentoras que lhe permitisse criar uma estrutura identitária coerente e estável.

Desenho Livre:

O menino desenha uma casa, segundo alguns autores, como Campos (2003), a casa poderá ter duas significações: por um lado, poderá ser um auto-retrato, expressando as fantasias, o ego e a realidade, por outro, a percepção da situação do lar onde a criança está inserida. De acordo com o autor Di Leo (1985), o lar deverá ser um símbolo de calor e afecto para a criança na vida familiar. Nesta a casa é

antropomorfizada, reflectindo um auto-retrato do próprio, o menino no desenho apenas escreve o seu nome repetidamente, não conta nenhuma história associada a casa.

No desenho o menino começa por fazer o telhado, este é caracterizado por muitos traços que segundo Campos (2003), poderá estar ligado a uma inteligência baixa ou a perturbações da linguagem. Na casa não existem janelas, mas sim o sol, este elemento remete para o calor, que poderá ser um indicativo de carência afectiva e da necessidade de afecto e contenção dentro do seu seio familiar. Todavia, o facto de colocar o sol dentro de casa e não fora desta, poderá demonstrar a ausência entre os limites internos e externos. A porta, segundo Campos (2003), é o elemento da casa, através do qual é feito o contacto com o ambiente, desta forma o menino desenhó duas portas numa, o que poderá apontar para uma clivagem do self, ou seja, de si próprio, devido a falhas na identidade ou para sentimentos ambivalentes. A porta, está fechada, o que poderá significar, segundo Campos, (2003) uma auto defesa, aspecto regressivo e defesa contra o mundo, encarceramento em si próprio, distanciamento da realidade. Os traços desenhados da casa são leves e superficiais, o que poderá remeter para uma estrutura de personalidade frágil e para um controle do ego fraco e inadequado. O facto de colocar uma trotineta junto a porta de casa, poderá simbolizar, a fuga para um lugar, no qual o menino se sintá seguro e protegido, desta forma, o menino poderá utilizar a fantasia como um suporte para se refugiar da realidade.

Todo o desenho é feito com canetas de cor e não com um lápis, as cores utilizadas como o vermelho e a cor laranja, remetem para a manifestação da agressividade.

No conjunto, remete para uma personalidade frágil e pouco coesa, provavelmente com uma organização psicótica.

Respostas ao C.A.T. H.:

Prancha 1: “ Aqui a mãe e o filho e a filha estão a comer. Os três filhos e a mãe estavam a ir para casa e iam comer. Depois lavam as mãos, comem, vão para a mesa e vão comer. Mais nada.”

Prancha 2: “ Estão a fazer um jogo. Os dois irmãos a puxar a corda, quem a largar é que perde. Quem ganhou foi o que está só, os que perderam dizem: *chiça perdemos.*”

Prancha 3: É o pai e o filho. O pai está sentado no sofá, porque dói-lhe as costas, o filho está no chão, o pai está a fumar um cigarro com as pernas cruzadas, o filho não.”

Inquérito:

P: “*O que estão a fazer?*”

R: “*Estão a ver televisão.*”

P: “*O que dizem um ao outro?*”

R: “*Não dizem nada um ao outro.*”

Prancha 4: “ É uma senhora que está a andar, o filho está nas costas da senhora e iam fazer um piquenique e o outro também foi a andar de bicicleta nos bosques, estava muito vento. Depois acabou.”

Prancha 5: “ Dois filhos a dormir na sua cama no quarto que está escuro. As cortinas estão abertas, as luzes estão apagadas, estava a chover.”

Inquérito:

P: “*O que é que eles diziam um ao outro?*”

R: “*Nada, não diziam nada.*”

Prancha 6: “ O filho e a mãe estão na floresta, (os dois atrás), a mãe está com medo, eles têm uma tenda, estão a dormir na tenda, mas a mãe tem medo de estar ali , por causa do lobo mau.”

Inquérito:

P: *“Quem é o pequeno?”*

R: *“É a filha.”*

Prancha 7: “ Um homem gigante chegou lá e queria apanhar o menino, estava quase a apanhar mas não conseguiu e ele conseguiu fugir. O homem gigantesco conseguiu chegar á árvore, estava quase e depois apanhou o menino. O homem gigante tem as pernas grandes para correr muito, muito.”. Fim da história.

Inquérito:

P: *“ Como é que acaba?”*

R: *“ O menino morreu, o gigante comeu-o”.*

Prancha 8: “ O pai, a avó, a mãe e o filho. A avó e o pai estavam a conversar e a mãe e o filho estão a conversar.”

Inquérito:

P: *“ O que é que eles dizem uns aos outros?”*

R: *“ A avó diz: vamos fazer uma surpresa ao filho e a mãe disse ao filho: não abras a porta a ninguém, a quem bater a porta não abras, e o filho respondeu: está bem mãe.”*

Prancha 9: “ É um menino. A mãe saiu para a rua, o filho ficou em casa sozinho aqui na cama a dormir.”

Inquérito:

P: *“ O que é que está a acontecer?”*

R: *“ Não acontece nada. Ele estava só a pensar a que hora é que a mãe vinha.”*

Prancha 10: “ A mãe deu tau-tau no rabo do menino, porque ele fez uma coisa muito má, por isso é que o puseram de castigo, bateram-lhe no rabo. E foi pô-lo na banheira a tomar banho e ele chorou muito porque não queria ele não queria tomar banho.”

Interpretação do C.A.T. H.:

Prancha 1: Esta prancha remete para as questões de oralidade na relação com a figura materna. Nesta o menino consegue referenciar o conteúdo latente solicitado nos cartões que remete para oralidade, o menino utiliza a enumeração, “*Aqui mãe, o filho e a filha*”, verifica-se também, a ausência de relações entre as personagens, “*Os três filhos e a mãe estavam a ir para casa e iam comer. Depois lavam as mãos, comem vão para a mesa e vão comer, mais nada.*”, o que poderá significar dificuldades no relacionamento com a figura materna no contexto da oralidade, o que contribui para falhas na capacidade de interiorizar o bom objecto e desta forma, para o estabelecimento de uma estrutura identitária sólida.

Prancha 2: Esta prancha remete para a relação triangular progenitor filho num contexto agressivo ou libidinal. Neste caso, o menino remete a relação para um contexto lúdico, “*Estão a fazer um jogo.*”, o menino não faz uma diferenciação entre as figuras, o que demonstra que a relação não é reconhecida na sua triangulação, “*Os dois irmãos a puxar a corda, quem a largar é que perde. Quem ganhou foi o que está só.*”. Quem ganhou foi o menino que ficou com a corda, veicula interesses fálicos, poderá remeter para problemas associados a sexualidade.

Prancha 3: Esta prancha remete para a relação com uma imagem de potência fálica, ou seja para uma imagem paterna com atributos. Neste caso, a criança reconhece na figura sentada na poltrona, a figura do pai e a figura que representa a criança, remete logo para o filho, o que significa que o menino em questão reconhece a relação entre o progenitor e o filho, “*É o pai e o filho.*”.

O (C.C.) utiliza a descrição do conteúdo manifesto para não ter que entrar na temática pretendida na prancha, utilizando uma explicação para o facto do pai estar sentado na poltrona distanciando o contacto com filho *O pai está sentado no sofá, porque lhe doí as costas, o filho está no chão, o pai está a fumar um cigarro com as pernas cruzadas, o filho não.* Surge uma distorção perceptiva pois o menino faz uma troca entre a palavra “*cachimbo*” e o “*cigarro*”, além disso, é notório uma completa ausência de comunicação com a figura parental, este não é percebido como uma figura com atributos potentes, mas sim como uma figura que se mostra indiferente, parece assim existir falhas na relação com a figura paterna o que poderá criar uma instabilidade

interna na criança, as dialécticas entre potente e onnipotente, pequeno e grande não estão presentes na prancha.

Prancha 4: Esta prancha remete para a relação com a imagem materna, num contexto de rivalidade fraterna. Neste caso o menino utiliza na sua narrativa, a descrição do conteúdo manifesto, “*É uma senhora que está a andar, o filho está nas costas da senhora e iam fazer um piquenique e o outro também foi andar de bicicleta nos bosques.*”. A figura materna é percebida como uma “*senhora*”, isto poderá representar o distanciamento emocional existente deste menino com a figura materna, o facto de referenciar o vento, poderá ser uma personificação da instabilidade e da fragilidade do menino, “*Estava muito vento, depois acabou.*”. A figura materna e assim percebida como distante e detentora de uma fraca presença, esta pobreza afectiva, poderá levar a falhas na coesão identitária.

Prancha 5: “ Esta prancha remete para a curiosidade sexual e para os fantasmas da cena primitiva num registo edipiano. Nesta prancha, o menino não consegue aceder ao conteúdo latente solicitado pelo cartão, logo demonstra dificuldades em fantasiar a cena primitiva, pois coloca os meninos a dormir, “*Dois filhos a dormir na sua cama no quarto que está escuro.*”, para além disso, aborda o sentimento de solidão e de falta de comunicação referenciando-se ao conteúdo manifesto do cartão, “*As cortinas estão abertas, as luzes estão apagadas, estava a chover.*”; “*O que é que eles diziam um ao outro?*”; “*Nada, não diziam nada.*”

Prancha 6: Esta prancha remete como a anterior para a curiosidade sexual e para os fantasmas da cena primitiva. Neste caso a triangulação não é reconhecida, pois não há referencia a figura paterna, pois as personagens são identificados como mãe e filho, as figuras que estão atrás e a figura que se encontra num plano a frente como filha, o que poderá remeter para perturbações na identidade género, “*Quem é o pequeno?*”; “*É a filha.*”. Existe também um deslocamento do medo, pois o menino projecta o medo que sente para a figura materna, “*a mãe está com medo, eles têm uma tenda, estão a dormir na tenda, mas a mãe tem medo de estar ali por causa do lobo mau.*”. O aparecimento da personagem do lobo mau remete para a invasão fantasmática, associada aos fantasmas de devoração, próprio de mecanismos regressivos primários ligados a oralidade. Desta

forma, poderemos dizer que existe uma deficiência no continente materno, o qual é caracterizado como um lugar pouco seguro onde existem perigos.

Prancha 7: Esta prancha remete para uma relação carregada de agressividade, onde emergem as referências a castração versus devoração. Nesta o menino, devido a um tempo de resposta longo, demonstrou um choque inicial perante a apresentação da prancha. A situação agressiva é percebida, como uma perseguição em que o gigante é o agressor activo e o menino a vítima que desempenha um papel passivo, “ *Um homem gigante chegou lá e queria apanhar o menino, estava quase a apanhar, mas não conseguiu e ele conseguiu fugir. O homem gigantesco conseguiu chegar á árvore, estava quase e depois apanhou o menino.*” Aparece uma sobrevalorização das pernas do gigante, o que remete para um sentimento de poder e onipotência em relação ao menino que se mostra impotente perante o perigo emergente, “ *O homem gigante tem as pernas grandes para correr muito, muito.*”

O menino consegue aceder ao conteúdo latente solicitado pela prancha, pela invasão fantasmática, ou seja pela emergência dos seus fantasmas de devoração, associados a mecanismos regressivos em contexto oral, “ *O menino morreu, o gigante comeu-o*”.

Prancha 8: Esta prancha remete para a relação de culpabilidade e de transgressão associado á curiosidade e a transgressão na relação pai e filho, convida também a criança a situar-se nas relações familiares. Neste caso o menino consegue contextualizar as relações familiares, acedendo as diferenciações de gerações e de sexos, “ *O pai, a avó, a mãe e o filho*”, mas não consegue aceder a problemática solicitada na prancha. As relações que se estabelecem entre os elementos surgem como independentes, como se houvesse uma divisão entre os diferentes protagonistas, “ *A avó e o pai estavam a conversar e a mãe e o filho estão a conversar*”. Na relação mãe e filho surge a referência as normas e regras, “ *A mãe disse ao filho: não abras a porta a ninguém, a quem bater a porta não abras. E o menino respondeu: esta bem mãe*”.

Prancha 9: Remete para a capacidade da criança gerir a solidão e para a problemática associada ao abandono e para o medo do escuro. O menino demonstra uma incapacidade em gerir a solidão, não acedendo ao conteúdo latente solicitado no cartão, colocando o menino a dormir, “ *É um menino. A mãe saiu para a rua, o filho ficou em*

casa sozinho aqui na cama a dormir.”A expressão da perda do objecto é nítida, através dos sentimentos abandonicos e da solidão manifestada pela criança, “*O que é que está acontecer?*”; “*Não acontece nada. Ele estava só a pensar a que hora é que a mãe vinha.*”.

Prancha 10: Esta prancha remete para a relação agressiva progenitor/ filho num contexto de analidade. O menino consegue aceder a temática latente solicitado no cartão. A proximidade corporal e agressiva evocada pela resposta, parece assinalar as dificuldades na forma como o corpo é objecto de cuidados e agressões. O que aponta para angustias que emergem de uma mãe caracterizada por um temperamento agressivo e pela falha de um suporte materno e de uma presença contentora e acolhedora para a criança, “*A mãe deu tau-tau no rabo do menino, porque ele fez uma coisa muito má, por isso é que o puseram de castigo, bateram-lhe no rabo. E foi pô-lo na banheira a tomar banho, porque ele não queria tomar banho e ele chorou muito.*”

ANEXO – Caso 5 de Organização Psicótica

Análise do Desenho:

Desenho da Figura Humana:

O (D.F.) começa por desenhar a cabeça, segundo alguns autores como Campos (2003) e Machover (1949), é nesta que se localiza o self e onde reside o centro de poder intelectual social e do controlo dos impulsos corporais. Neste caso, o menino desenha a cabeça pequena em relação ao corpo, com um formato em bico, como um “pingo de chuva”, isto pode expressar um sentimento de menos valia. De seguida desenha os olhos, estes são marcados por um minúsculo ponto que poderá ser relacionado, segundo Campos (2003), como um aspecto regressivo na maturidade afectiva, assim como, uma forma imatura de enfrentar a vida, o nariz segundo Campos (2003) tem um significado simbólico sexual, neste caso, o nariz é representado por um ponto o que poderá remeter para um temor de castração. A boca é a parte desenhada logo a seguir, é nesta que segundo os autores Campos (2003) e Machover (1949) que a criança adquire as experiências de gratificação ou frustração oral com a figura materna, como, esta tem um formato côncavo, poderá indicar grande dependência a figura significativa. O menino desenha o cabelo, este segundo Machover (1949), tem um significado simbólico de virilidade sexual, neste caso, o cabelo desordenado pode ser sinal de uma problemática sexual.

Logo de seguida, o menino passa a desenhar os ombros, estes tem um formato em linha recta o que poderá assinalar uma imaturidade psíquica, a omissão do pescoço, ou seja, a sua ausência demonstra, segundo Campos (2003), um descontrolo entre a coordenação do controlo emocional e dos impulsos corporais, o que poderá significar, tendo em conta, aspectos da sua vida que este menino actua mais através dos impulsos, pois quando é contrariado atira-se para o chão, foge de casa, diz asneiras e quando se chateia tentasse atirar da janela abaixo. Este menino desenha de seguida o tronco, este tem um formato de uma caixa quadrada com ângulos, o que revela uma marcada agressividade.

Segundo Campos (2003) e Machover (1949) os braços e as mãos, estão relacionadas com as capacidades adaptativas do sujeito e da interacção deste com o seu meio envolvente, neste caso, os braços tem um formato articulado e para baixo, o que poderá indicar, segundo Campos (2003), uma preocupação hipocondríaca, o facto do

menino não ter mãos, indica, segundo Campos (2003) a mesma coisa que não ter braços, ou seja, a ausência de estabilidade afectiva está presente, o facto do menino desenhar os braços articulados, poderá remeter para o estabelecimento de relações muito superficiais com os outros, o que contribui para dificuldades em estabelecer relações de afectividade e de interacção com o seu meio, podendo estas tornarem-se inexistentes, mostrando uma nítida incapacidade adaptativa no contexto em que está inserido.

Posteriormente, o menino desenha as pernas, estas são caracterizadas por serem longas, ou seja, segundo, Campos (2003), isto poderá ser um problema de compensação, ou de auto afirmação, mas também de desajuste e fuga do meio ambiente. A ausência de pés, tendo em conta que estes, são a base do equilíbrio do corpo, assim como, indicam segundo Campos (2003), a segurança geral do individuo em caminhar no seu meio envolvente, então neste caso, a omissão dos pés poderá reforçar a ideia de uma grande incapacidade em interagir afectivamente e socialmente com os outros no seu ambiente, o que poderá indicar desejo de fuga a realidade que o circunda.

O facto do menino se identificar com um peluche, remete para a desvitalização do self, o que reflecte a petrificação e o bloqueio emocional, caracterizado por um vazio das vivencias afectivas, também é visível perturbações do esquema e da imagem corporal, pois desenha a figura com um formato robotizado, o que contribui para falhas na coesão identitária da criança em questão.

A criança desenha a figura na proximidade dos cantos da folha, nomeadamente do lado esquerdo, o que poderá indicar, segundo Campos (2003), um descontrolo maior e uma fuga ou desajuste ao meio, como também o uso de comportamentos impulsivos e a sua satisfação imediata. O traço é levemente apagado, o que poderá remeter para uma dissimulação da agressividade.

Tendo em conta a pobreza afectiva, as perturbações corporais, a falta uma coesão interna identitária, a incapacidade em estabelecer relações e a fuga a realidade, podemos dizer que estamos perante uma possível organização psicótica.

Desenho da Família:

O menino começa por desenhar a família dentro de uma camioneta referindo que iam todos para o Alentejo, o facto do menino colocar a família dentro de um objecto, neste caso um carro, poderá expressar a necessidade de se querer libertar da família, indicando um desajuste ao meio familiar.

Todas as figuras tem um formato robotizado, com os braços articulados, com pernas em bico e sem pés, o que poderá remeter para uma ausência das relações afectivas, com uma notória inibição emocional e para uma grande superficialidade dos afectos. Muitas das personagens, não tem rosto, o que poderá indicar recusa e ausência de relação com o meio familiar. Nenhuma das figuras se destaca pelo tamanho, a figura que se encontra mais afastada é a do menino. A criança desenha em primeiro lugar o João o seu irmão que tem 19 anos, segundo o autor Hulse (Campos, 2003), a figura desenhada em primeiro lugar é a figura a qual é atribuída maior valência positiva ou negativa, neste caso o menino caracteriza-o como o mais simpático e com rosto, a seguir a mãe sem rosto e o pai em terceiro lugar também sem rosto, o que poderá apontar para a ausência de referências identitárias e de falta de figuras securizantes na vida do menino, depois desenha o tio em quarto lugar, o primo em quinto, a avó em sexto lugar caracterizando-o como o mais triste, mas antes tinha se caracterizado a ele como o mais triste, em sexto o avô e por último a ele próprio. É importante referir que o menino desenha-se em último lugar, o que demonstra um desajustamento no seio familiar, mas também o sentimento de se sentir rejeitado e de não fazer realmente parte da família, porque inicialmente diz que pensava que só era preciso desenhar as pessoas mais importantes da família não se incluindo nesta. O facto de desenhar o camionista como um “sol” poderá indicar, necessidade de afecto e contenção por parte da família.

As figuras são todas reduzidas e desvitalizadas, reflectindo a privação e o vazio emocional nas relações afectivas, contribuindo para o sentimento de inferioridade e de menos valia no contexto familiar. Esta família parece desajustada orientada para um campo funcional e não emocional, podendo surgir falhas nas referências identitárias do menino.

Desenho Livre:

Neste desenho o menino faz a alusão ao futebol, desenhando uma figura a gritar, “ Golo!”. Esta figura desenhada tem um formato robotizado, o menino começa por desenhar a cabeça com um traço que o autor, Campos (2003) designa de “ traço peludo”, segundo o autor este tipo de traço pertence a uma personalidade primitiva que age de forma instintiva, ou seja mais pelos impulsos do que pela razão. A ausência de rosto, poderá remeter para a ausência da relação com o meio, ou seja afastamento do contacto com a realidade, ausência de comunicação e fuga na fantasia.

O formato articulado do corpo como se tratasse de um robot, com braços e sem mãos indica ausência de capacidade em estabelecer relações com os outros, marcado por uma grande agressividade, pois o tronco é um quadrado, existe uma mudança de linhas nas pernas como se a parte de cima representasse uns calções, o que poderá indicar um conflito sexual. O facto de não ter pés pode remeter para uma insegurança incapacidade em interagir com os outros no seu meio envolvente.

O menino utiliza o preto no desenho, pintando uma parte do corpo de negro com um risco muito forte, o que é representativo de indivíduos extremamente tensos, o preto, segundo Campos (2003), poderá indicar sentimentos de morte, pela desvitalização corporal, negativismo, medo e tristeza.

O facto do menino desenhar a figura com um tamanho exageradamente grande, poderá remeter, segundo Campos (2003) para uma acção super compensatória, ou fantasia.

Por todos os aspectos presentes no desenho, podemos dizer que estamos perante uma possível organização psicótica.

Respostas ao C.A.T. A.:

Prancha 1: “ Era uma vez, uns pintainhos que estavam a comer salada de tomate e a mãe galinha estava a ver se eles não estavam a fazer muita javardice, porque os pintainhos eram muito porcalhões, “ Ah lindos pintainhos já não estão a sujar a mesa toda para a mãe não lavar a toalha todos os dias.”

Prancha 2: “ Era uma vez, uns ursinhos que dois queriam a corda e um queria a corda. Havia um ursinho que estava a ficar sem força e com muita falta de ar, o que estava acompanhado, era o ursinho pequenino que desmaiou e teve que ir directamente para o veterinário e a corda partiu-se, não sei mais.”

Prancha 3: “ Era uma vez, um leão que já era muito velhinho e que estava sentado numa cadeira e com uma muleta e a fumar um cigarro e ao lado da cadeira havia uma toca de rato, passado uma ou duas horas o leão já estava a dormir. Cocórocó, já é de manhã! O que é isto? O que é isto? Adormeci na cadeira, não sei mais.”

Prancha 4: “ Era uma vez, uma mãe canguru ia a saltar, a saltar, e a saltar e o filho mais velho a andar de bicicleta. No mato havia muito caçadores, muitos lobos, muitas gazelas e os caçadores andavam a caçar os animais e passado um dia eles foram outra vez ao mato e viram um caçador que lhe deu um tiro, “ pum” esta já está.”

Inquérito:

P: “ *A quem é que o caçador deu um tiro?*”

R: “ *a mãe.*”

P: “ *e o filho não ficou triste?*”

R: “ *o filho desatou a chorar.*”

P: “ *E depois o que é que ele fez a seguir?*”

R: “ *depois mais nada.*”

Prancha 5: “ Era uma vez, um quarto que estavam três ursinhos a dormir, a janela aberta e a lua cheia. O filho estava a dormir quentinho na sua cama com o ursinho preferido, veio o ladrão e acendeu o candeeiro e levou tudo o que havia na casa, esta já está.”

Inquérito:

P: “ *E os pais não ouviram o ladrão?*”

R: “ *não, estavam com tampões nos ouvidos.*”

Prancha 6: “ Este é que eu não sei bem, (T.L.P.). Era uma vez três ursos na sua caverna a dormir, a noite estava escura, havia lobos a uivar, Mas o ursinho bebé ainda estava acordado, como estava acordado, estava a ouvir os lobos. Cocórococó, já é de manhã, ele tinha um bocadinho de soninho, os pais estavam a dormir.”

Prancha 7: “ Eh fixe! Era uma vez, um leopardo a tentar comer um macaquinho. O macaquinho estava a subir, trepar as lienas e o leopardo não o conseguiu apanhar, o leopardo escorregou e caiu, o macaquinho disse: uf estou salvo, agora vou tomar banho, com esta aventura não o que vou fazer agora.”

Inquérito:

P: “ *Como se sentiu o macaquinho?*”

R: “ *O macaquinho ficou aliviado*”

Prancha 8: “ Era uma vez, quatro chimpanzés, uma família, dois estavam estavam sentados no sofá e outro no banco com o filho, a mãe estava a ver se o filho estava a cuidar bem dos dentes.”

Inquérito:

P:”*Como é que eles se sentiam?*”

R: “ *eles estavam felizes.*”

Prancha 9: “ Era uma vez, um quarto de um coelhinho que tinha tudo e mais alguma coisa e o coelhinho estava doente e estava na cama, depois a mamã foi lá e deu o xarope ao coelhinho, passado dois dias o coelhinho já estava melhor e no outro dia já estava bom e já foi para a escola.”

Prancha 10: “ Era uma vez, dois cães, que a mãe cadela estava a dar banho ao cãozinho e depois o cãozinho foi fazer xixi e limpar-se a toalha, mais nada.”

Interpretação do C.A.T. A.:

Prancha 1: Esta prancha remete para a relação com a imagem materna no contexto da oralidade e para as experiências de gratificação ou de frustração associados a relação com a figura materna. Neste caso o menino evoca a comida referindo-se a “*salada de tomate*” e coloca a figura materna representada pela galinha como uma mãe controladora e com regras relacionadas a limpeza, “ *Era uma vez, uns pintainhos que estavam a comer salada de tomate e a mãe galinha estava a ver se eles não estavam a fazer muita javardice, porque os pintainhos eram muito porcalhões.*”.

No final da sua narrativa utiliza a formação reactiva, na qual a mãe manifesta contentamento pelo comportamento dos pintainhos, “ *Ah lindos pintainhos já não estão a sujar a mesa toda para a mãe não lavar a toalha todos os dias.*”. Parece evidente que a relação com a figura materna, no contexto da oralidade é regida pela imposição de

regras e pela sua obediência, pois esta mãe parece ser muito funcional e pouco afectiva, o que poderá contribuir para falhas na capacidade de interiorizar o bom objecto, assim como na construção de uma identidade sólida.

Prancha 2: Esta prancha remete para a relação triangular progenitor – filho num contexto agressivo ou libidinal, a corda veicula interesses fálicos e masturbatórios. Neste caso, a relação não é reconhecida na sua triangulação, pois os protagonistas não são diferenciados a nível sexual e exercem a mesma actividade, “*Era uma vez, uns ursinhos que dois queriam a corda e um queria a corda.*”. O menino não consegue aceder a problemática proposta na prancha, nem contextualizar a relação em termos agressivos ou lúdicos, pois, o menino refere-se ao sentimento doentio de impotência, desvitalização e inércia perante a relação, “*Havia um ursinho que estava a ficar sem força e com muita falta de ar, o que estava acompanhado, era o ursinho pequenino desmaiou e teve que ir directamente para o veterinário.*”.

O elo e ligação desta relação, ou seja a corda, parece também ser frágil e superficial o que poderá remeter para uma fragilidade na relação e para uma problemática sexual *e a corda partiu-se, não sei mais.*”. Pode-se dizer que no contexto edipiano a criança não tem interiorizado a relação de triangulação o que poderá levar a falhas no processo identificativo do menino.

Prancha 3: Esta prancha remete para uma relação com uma imagem de potência fálica, ou seja para uma paterna com atributos. Neste caso o menino refere-se a figura do leão, representativo da figura paterna, como um ser desvitalizado e envelhecido, durante a descrição do conteúdo manifesto surge a distorção perceptiva, pois troca o objecto “*cachimbo*” pelo “*cigarro*”, mas também, “*poltrona*” por “*cadeira*” e “*bengala*” por “*muleta*” “*Era uma vez, um leão que já era muito velho e que estava sentado numa cadeira e com uma muleta e a fumar um cigarro.*” O menino percebe o rato, “*havia uma toca de rato.*”, mas não dá muito importância a este elemento, nem sequer existe uma identificação a este. O menino coloca o leão a dormir, ou seja, bloqueia qualquer tipo de proximidade e comunicação entre as personagens, “*passado uma ou duas horas o leão já está a dormir.*”

Deixa-se invadir pelas suas moções pulsionais e desorganizando-se “*Cocórocó! Já é de manhã! O que é que foi isto? O que é que foi isto?*”. O menino projecta-se e identifica-se na figura do leão, “*Adormeci na cadeira, não sei mais, esta já está,* ou seja

como uma figura caracterizada por um vazio emocional tão intenso que o desvitaliza, ou seja a ausência da elaboração do objecto interno, não permite a criança realizar as distinções identitárias sugeridas pela desproporção relativa dos dois animais.

Prancha 4: Esta prancha remete para a relação com a imagem materna num contexto de rivalidade fraterna, o menino demonstra falhas na coesão identitária, pois não consegue perceber o canguru bebé, sendo este um sinal de repressão “ *Era uma vez, a mãe canguru e ia a saltar, a saltar e a saltar e o filho mais velho a andar de bicicleta.*”. É notório o aparecimento de fantasmáticos destrutivos e desorganizantes, com a introdução de elementos que não estão presentes na prancha “ *No mato havia muitos caçadores, muitos lobos, muitas gazelas, e os caçadores andavam a caçar os animais e passado um dia eles foram outra vez ao mato e viram um caçador que lhe deu um tiro*”; “ *A quem?*” “ *a mãe*”. O menino parece dirigir a sua agressividade á mãe, mostrando tendência a passar ao acto.

A relação com a figura materna parece ser figurada por perigos e ameaças, talvez pela ausência da relação com o bom objecto interno.

Prancha 5: Esta prancha remete para a curiosidade sexual e para os fantasmas da cena primitiva, neste caso o menino não acede a problemática latente solicitada pelo cartão, associada a capacidade de fantasiar a cena primária, mas sim para a problemática da solidão. O menino, utiliza a distorção cognitiva, pois percebe “ *três ursos em vez de dois ursos* “ *Era uma vez, um quarto, que estavam três ursinhos a dormir*”.

O menino demonstra sentimentos de abandono e desprotecção, “ *O filho estava a dormir quentinho na sua cama com o seu ursinho preferido. Veio o ladrão e acendeu o candeeiro e levou tudo o que havia na casa.*”. A narrativa do menino reflecte a ausência das figuras parentais, como figuras securizantes e contentoras e protectoras, retratando um vazio e carência emocional que evocam a perda do objecto, “ *E os pais não ouviram o ladrão?*”; “ *não estavam com tampões nos ouvidos*”

Prancha 6: Esta prancha remete para a curiosidade sexual e para os fantasmas da cena primitiva num registo edipiano. Nesta a criança, manifesta um choque inicial quando se depara com a prancha, “ *Este é que eu não sei bem!*”. O menino mostra novamente uma incapacidade de fantasiar a cena primitiva, não acedendo ao conteúdo latente solicitado na prancha. A triangulação não é reconhecida, esta relação parece percebida como

uma relação pouco contentora e onde existe perigos eminentes, “ *Era uma vez, três ursos na sua caverna a dormir, a noite estava escura, havia lobos a uivar.*” O menino coloca os ursos a dormir que remete para a ausência de comunicação e para o distanciamento da relação. Depois, anula acção do dormir e coloca o ursinho sozinho acordado, exposto aos perigos, o que assinala um sentimento de desprotecção em relações as figuras significativas, “ *Mas o ursinho bebé ainda estava acordado, como estava acordado estava a ouvir os lobos.*”. Aparece também um deslocamento de ideias, “ *cocórococó, já é de manhã, ele tinha um bocadinho de sono, os pais estavam a dormir.* Esta prancha reactiva a temática de perda de objecto e de abandono.

Prancha 7: Esta prancha remete para uma relação carregada de agressividade e para as temáticas associadas a castração e devoração. O menino não consegue aceder ao conteúdo latente solicitado no cartão. Inicialmente faz uma distorção perceptiva, pois confunde um tigre com um leopardo. A temática da agressividade aparece dissimulada, no principio o tigre parece ser o dominador e o agressor activo e o macaco o dominado e a vitima, mas falhando no sua acção agressiva, mas depois surge uma inversão dos papeis passando o tigre a ser a vitima e o macaco o vencedor, mas com um papel passivo “ *Era uma vez, um leopardo a tentar comer um macaquinho. O macaquinho este estava a subir as, trepar as lienas e o leopardo não o conseguiu apanhar, o leopardo escorregou e caiu.*”. No final introduz um monólogo, que remete para a limpeza e para movimentos regressivos. “ *O macaquinho disse: uf estou salvo, agora vou tomar banho, com esta aventura não sei o que vou fazer agora!*”

Prancha 8: Esta prancha remete para a culpabilidade associada a curiosidade e a transgressão na relação pai-filho e convida a criança a situar-se nas relações familiares.

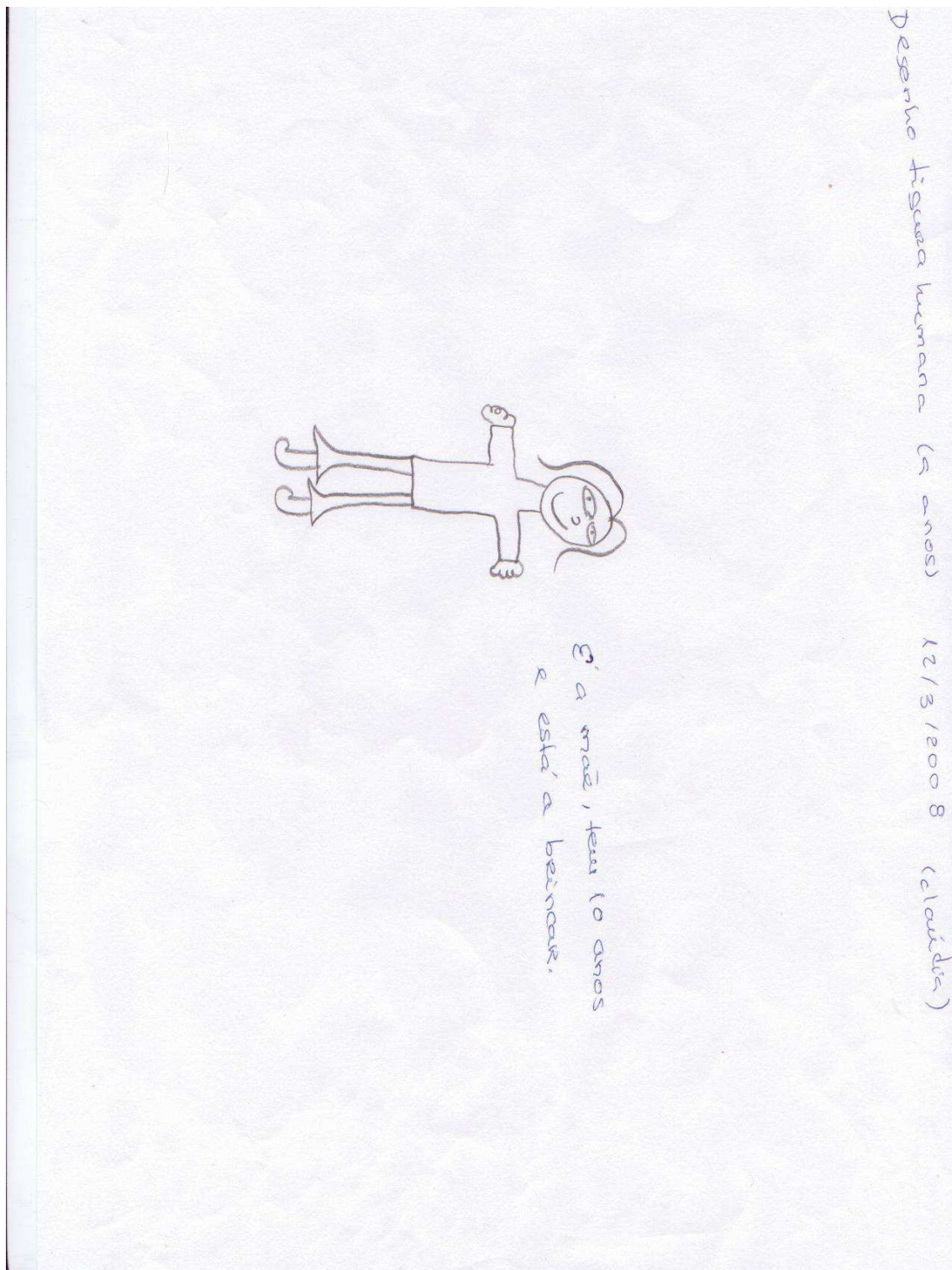
Nesta prancha o menino faz a família, no entanto não consegue aceder as diferenciações de gerações e sexos, o menino faz uma distorção perceptiva dos elementos da prancha, porque percepção estes como “*chimpanzés*” em vez de se referir a estes como “*macacos*”, o menino faz a descrição do conteúdo manifesto, a relação entre os diferentes personagens parece distanciada, e a relação com a figura materna marcada pela presença de controlo e de regras direccionadas a limpeza e higiene, “ *dois estavam sentados no sofá e outro no banco com o filho, a mãe estava a ver se o filho estava a cuidar bem dos dentes*”

Prancha 9: Esta prancha remete para a capacidade de gerir a solidão e para os conteúdos do medo do escuro e do abandono. O menino mostra grandes dificuldades em gerir a solidão, e remete para a necessidade de cuidados e protecção marcados por uma dependência a figura materna, “ *o coelhinho estava doente e estava na cama, depois a mamã foi lá e deu o xarope ao coelhinho.*”. O menino refere também a fatura material em detrimento da carência emocional, “ *Era uma vez, um quarto de um coelhinho que tinha tudo e mais alguma coisa e o coelhinho estava doente.*”. Para além disso surge a confusão da fantasia com a realidade, colocando na prancha aspectos reais do seu dia a dia, “ *passado dois dias o coelhinho já estava melhor e no outro dia já estava bom e já foi para a escola.*”

Prancha 10: Esta prancha remete para a relação agressiva progenitor – filho num contexto da analidade, evidenciando-se a proximidade corporal. Neste caso, a relação é estabelecida num contexto de aprendizagem de limpeza, com submissão ao desejo do progenitor, “ *Era uma vez, dois cães, que a mãe cadela estava a dar banho ao cãozinho e depois o cãozinho foi fazer xixi e foi limpar-se a toalha.* Não aparece a agressividade solicitada no cartão nem a proximidade corporal, relação marcada por normas e muito pouco afectiva.

ANEXOS DOS DESENHOS

Anexos dos desenhos – 1º Caso de Organização Depressiva

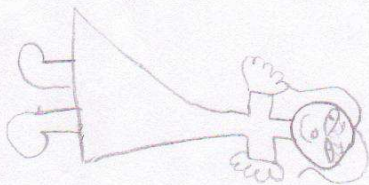


Desenho da família

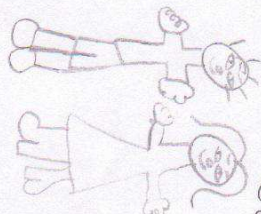
12/3/2008

Gosta mais da avó
Gosta menos do pai
Gostava de ser a mãe

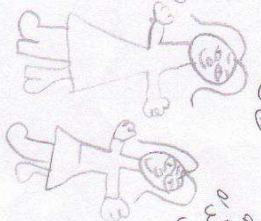
Não desenhava a irmã, porque é mal para fazer papão. Ela faz a coisa mal e depois a culpa é minha.



(1) Avó simpática



(2) Papão simpático



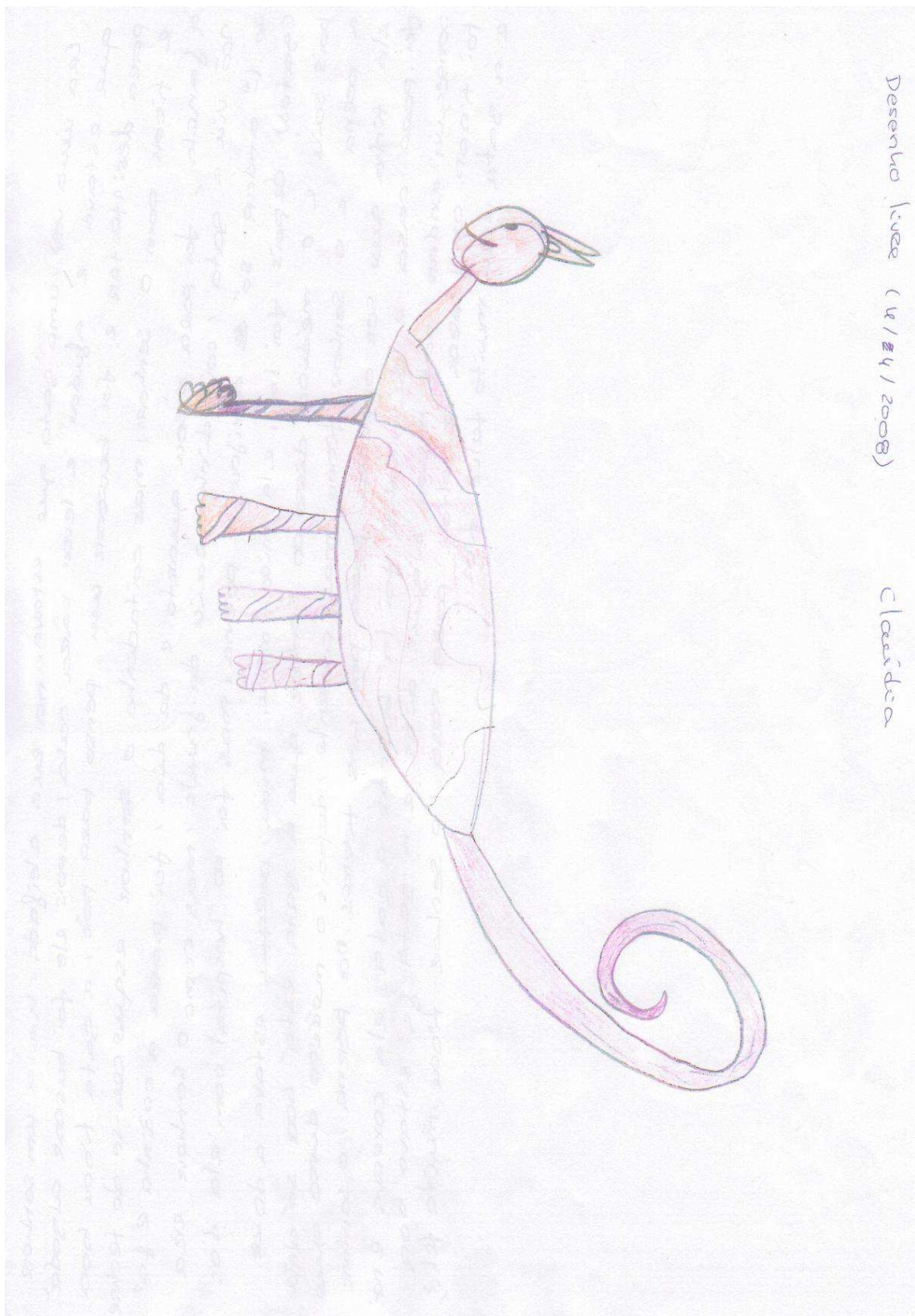
(3) Mãe simpática



(4) Mãe que gosta de fazer papão

Desenho livre (4/24/2008)

Cláudia



ANEXOS DOS DESENHOS – 2 Caso Organização Depressivo

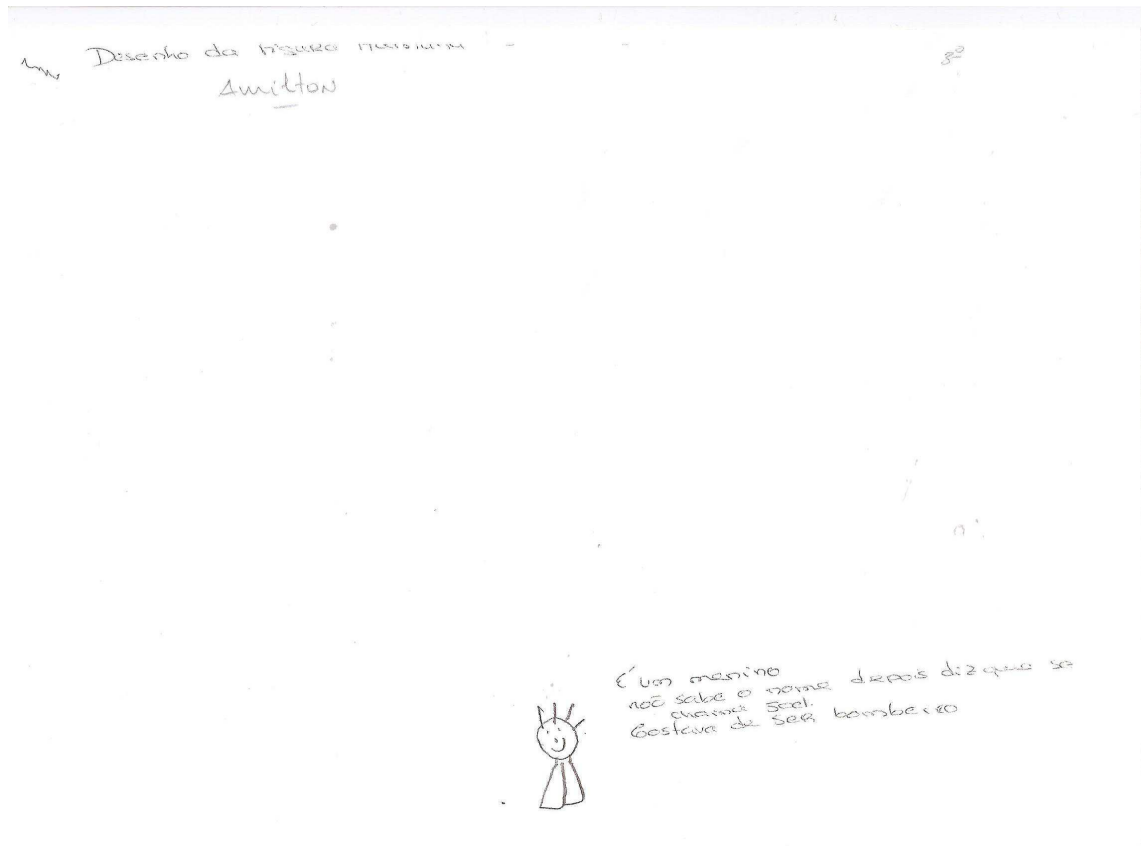


desenho da família 5/5/2008 (Paula/9 anos)

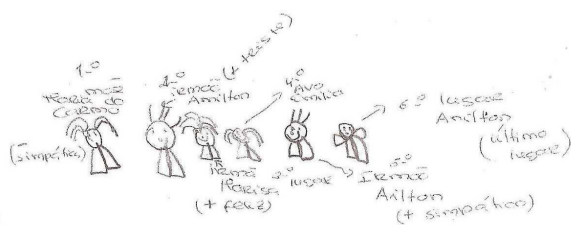
zixava em casa a Bruna, se não houvesse espaço no carro.

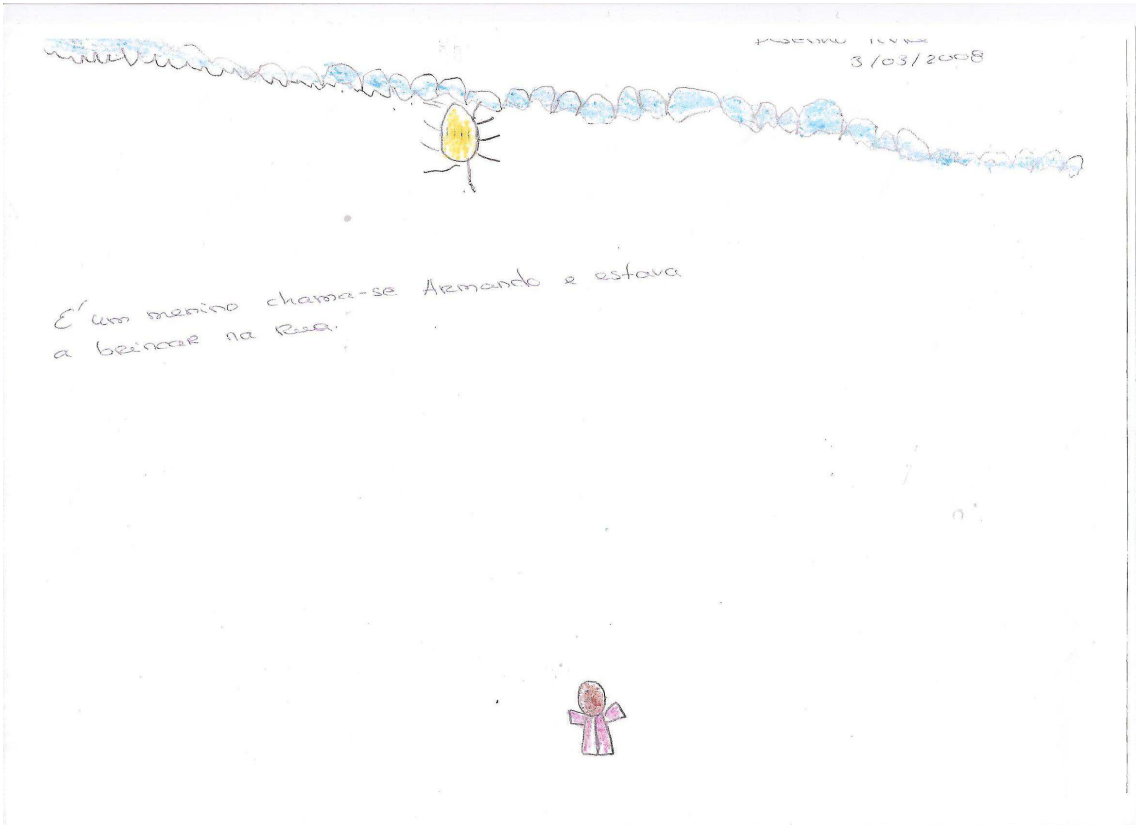




Anexos dos desenhos – 3º Caso de Organização Depressiva

Desenho da Favela 3/03/2008



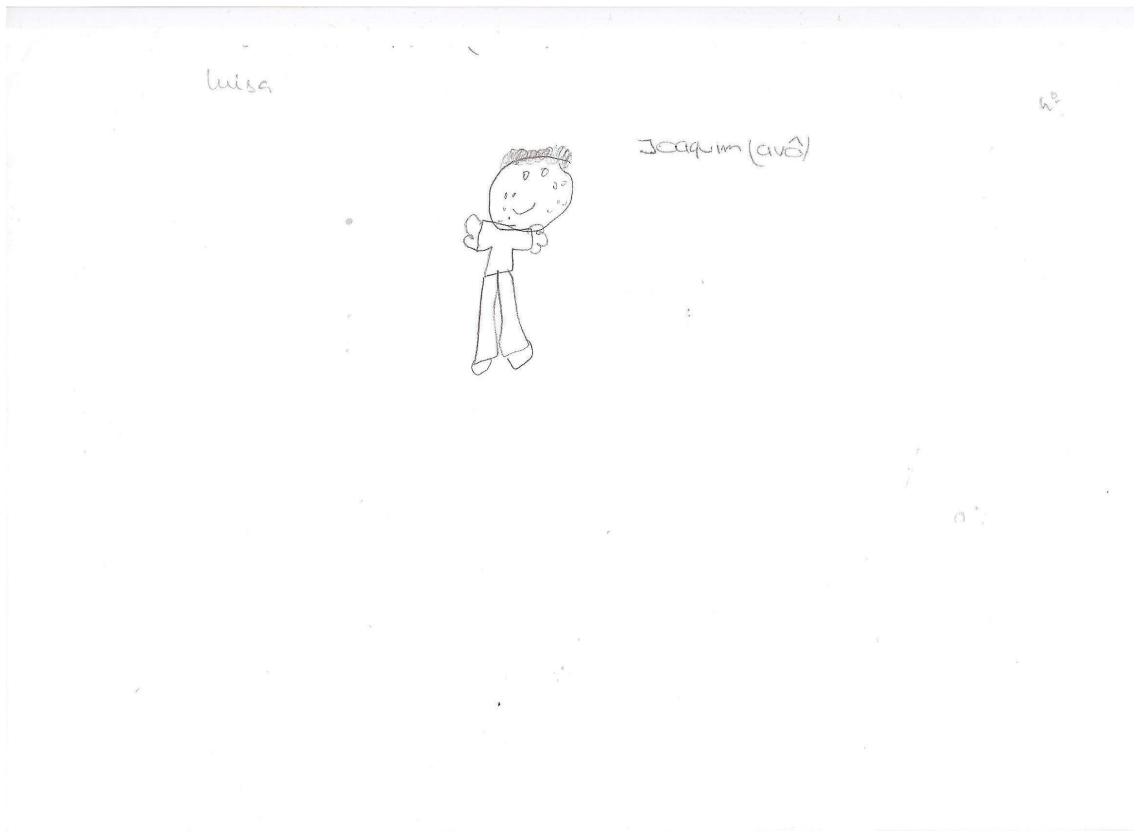


3/03/2008

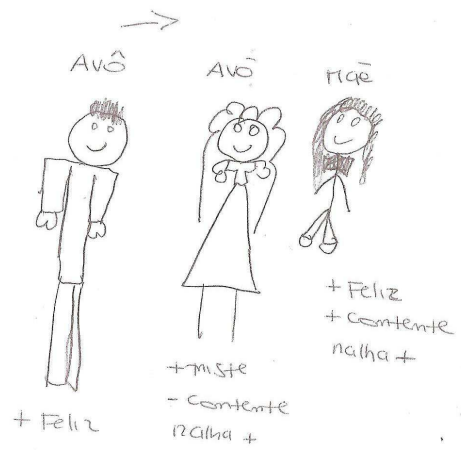
É um menino chama-se Armando e estava
a brincar na praia.



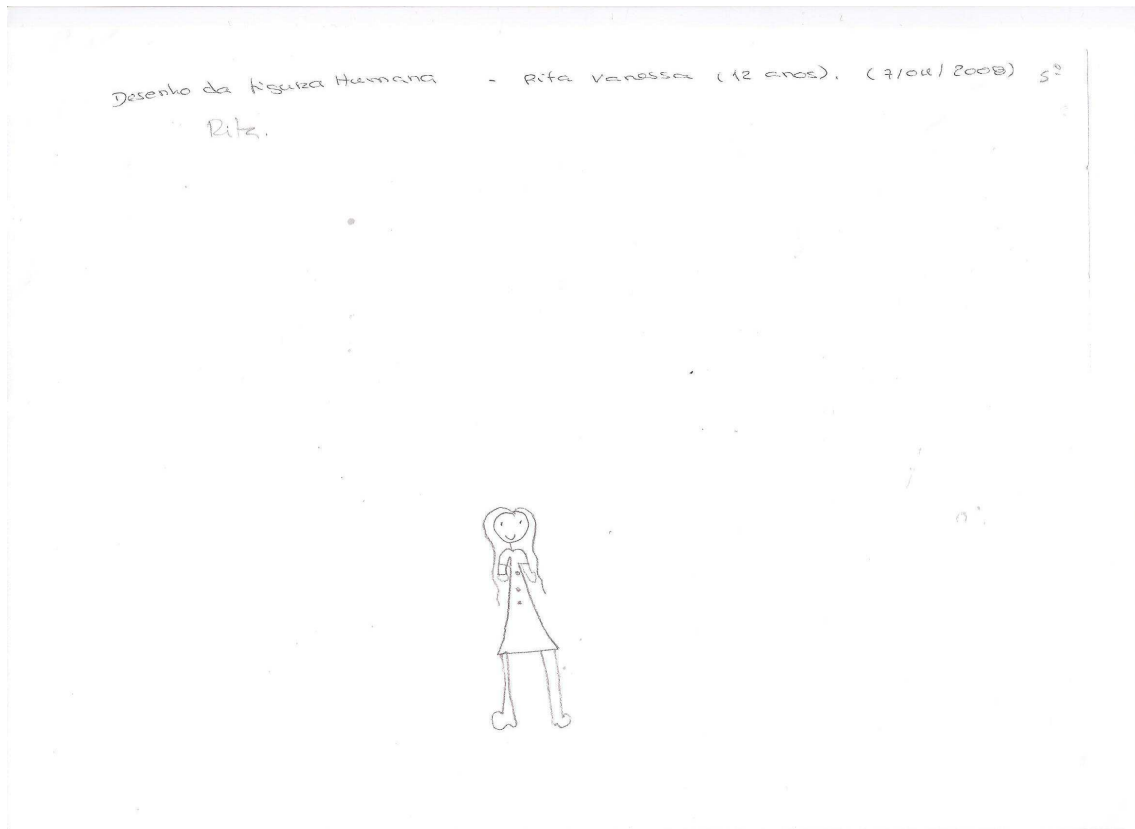
Anexos dos desenhos – 4º Caso de Organização Depressiva



Família - avô avó - Luísa segunda (8 anos)

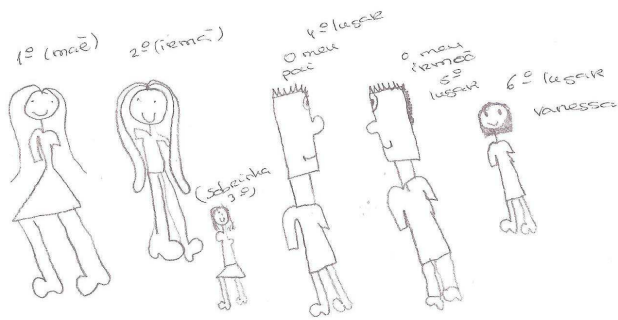




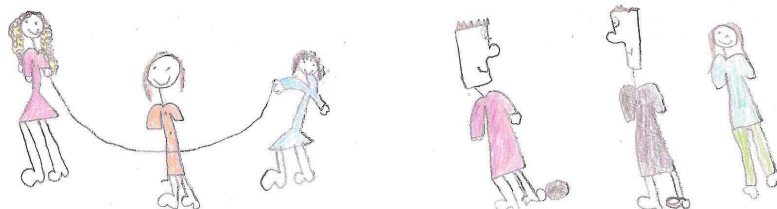
Anexos dos desenhos – 5º Caso de Organização Depressiva

Desenho da família

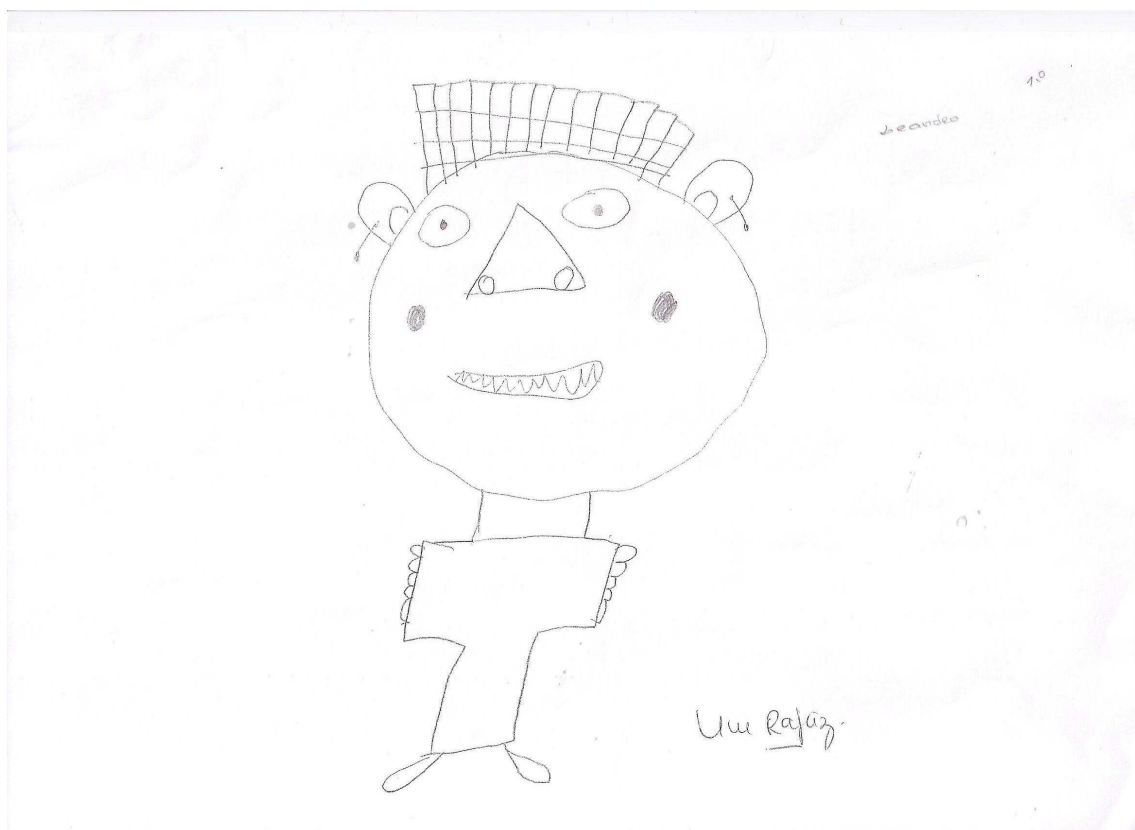
(7/4/2008)

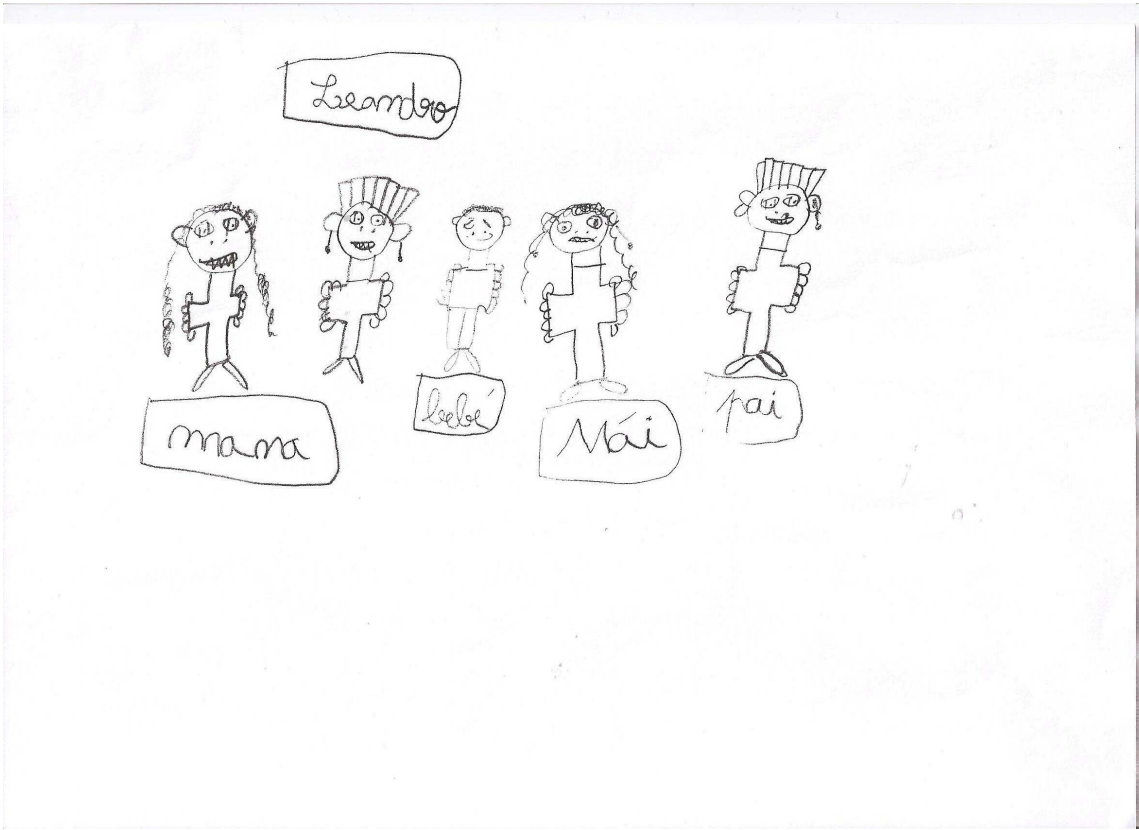


Desenho livre (7/04/2008)

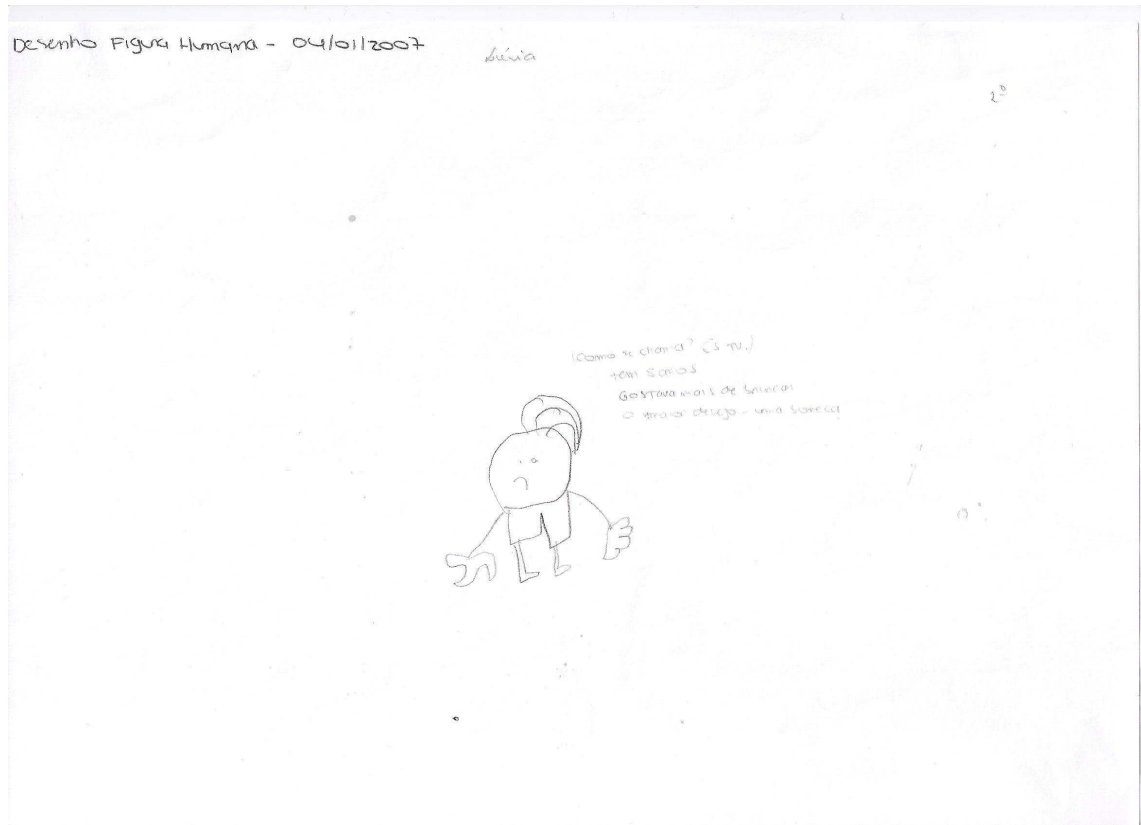


Anexos – 1º Caso de Organização Psicótica

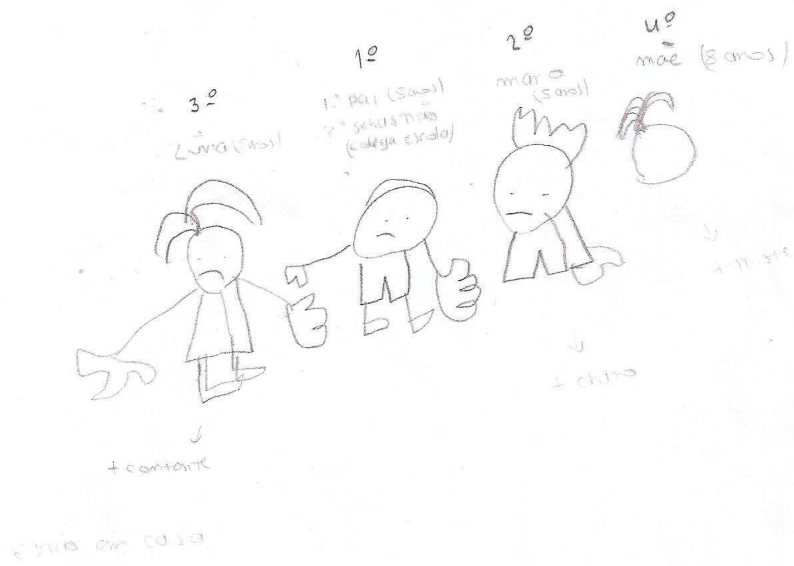






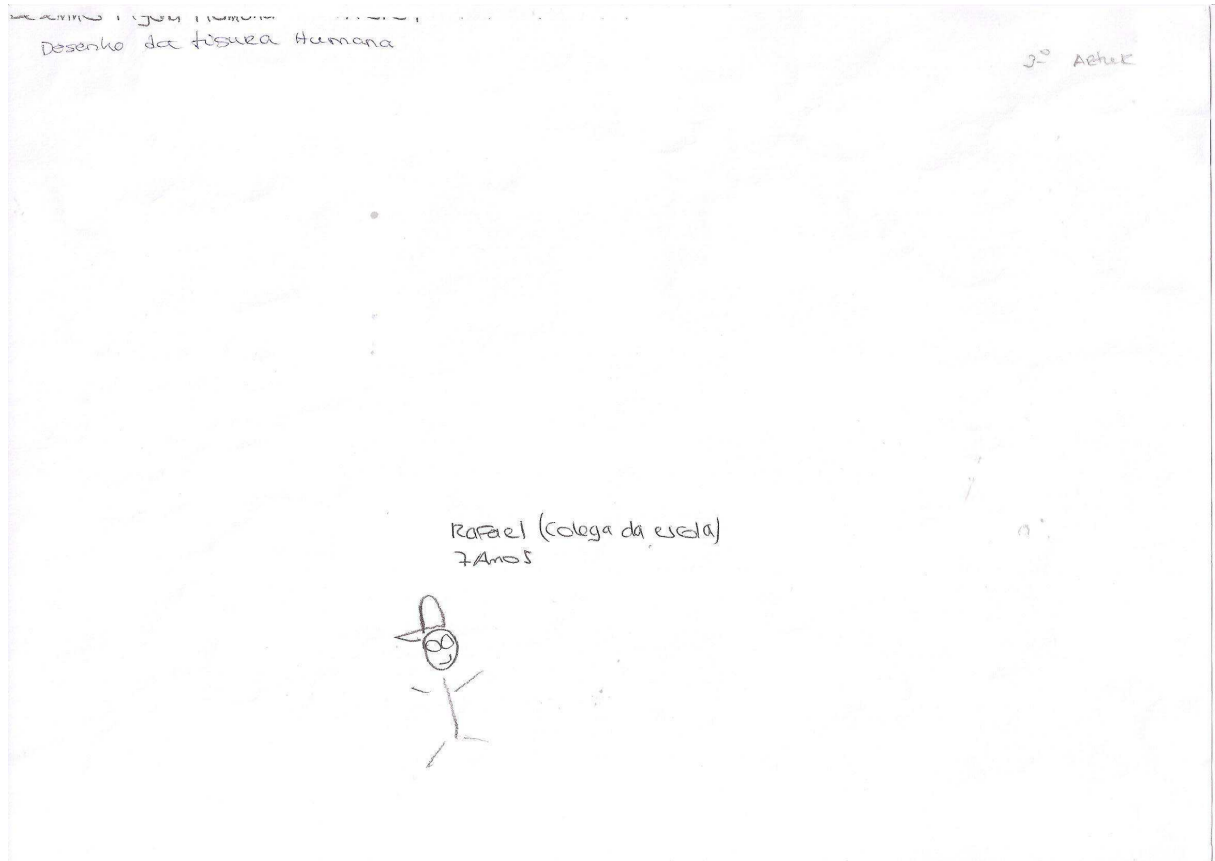
Anexo dos Desenhos – 2º Caso de Organização Psíquica

Desenho familiar - 04/01/2007

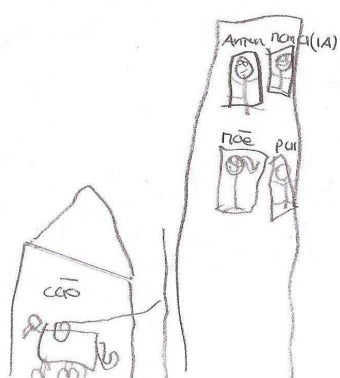




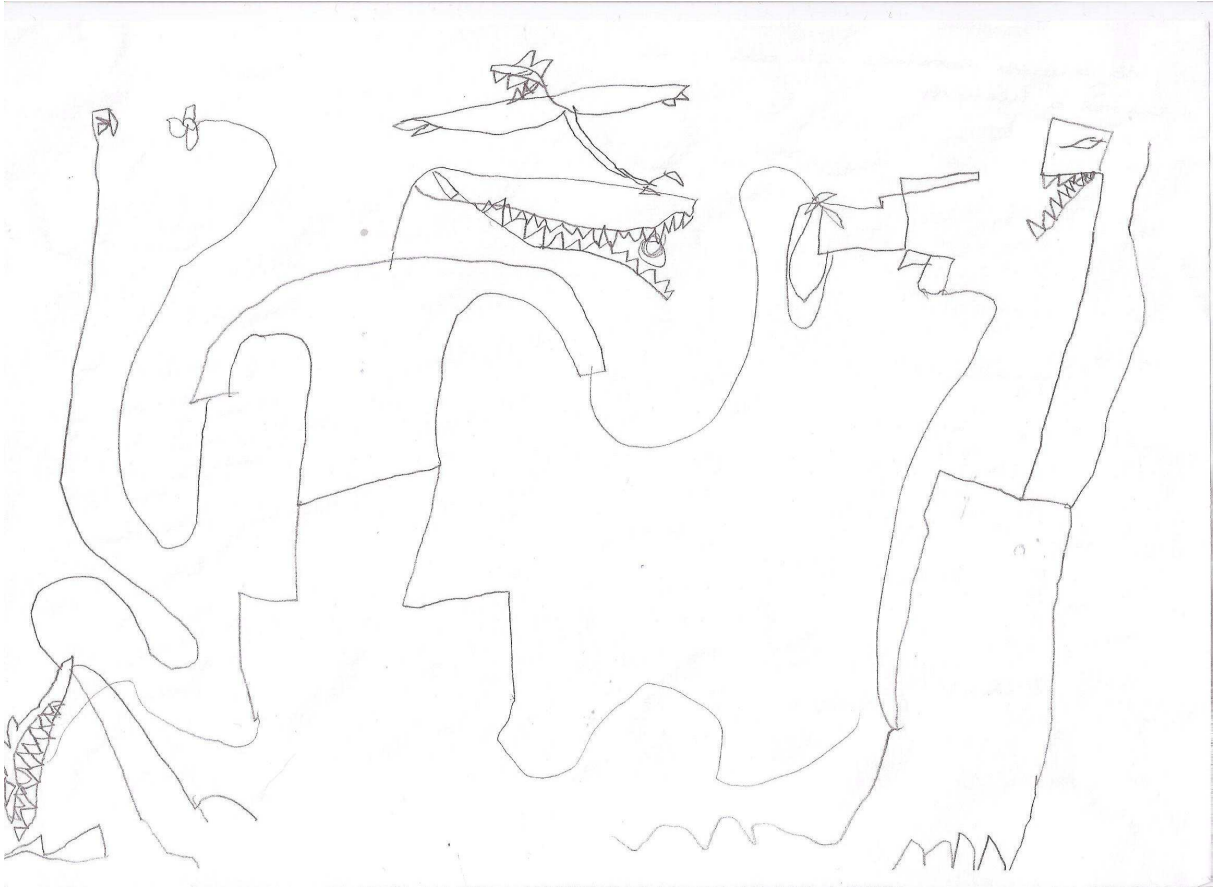
Anexos – 3º Caso de Organização Psíquica

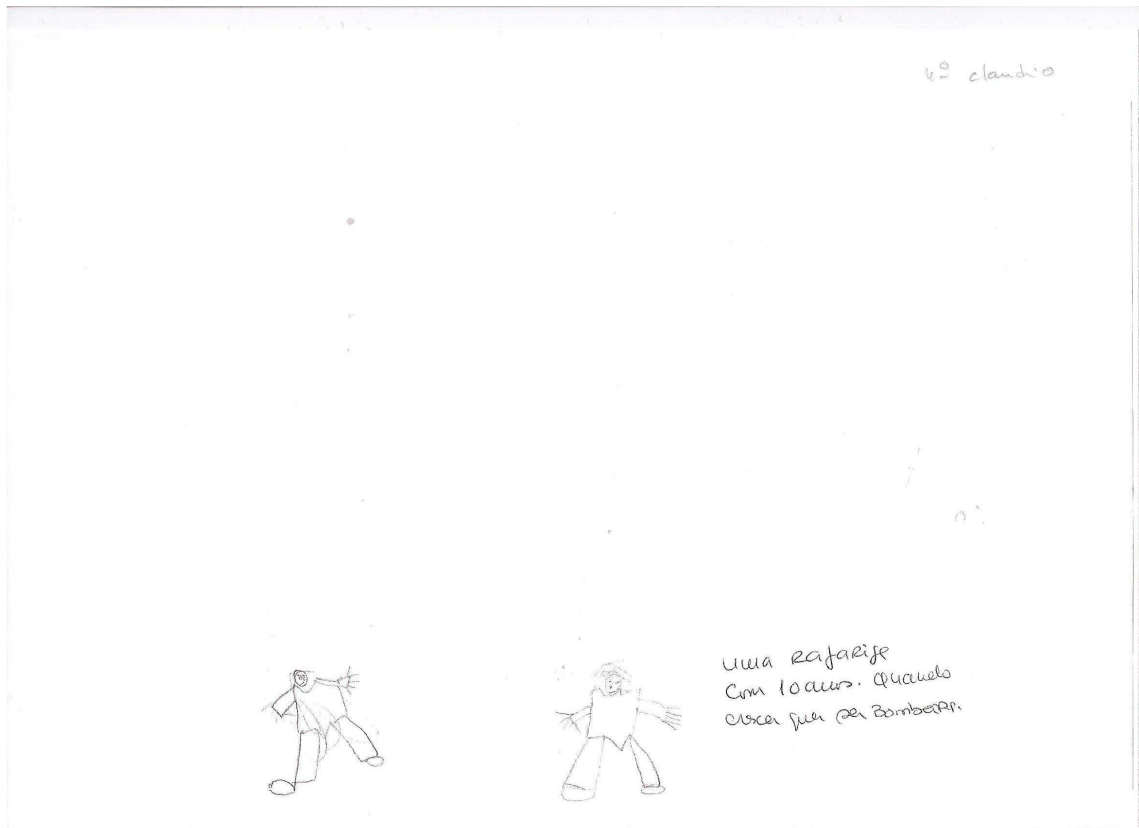


Desenho da Família

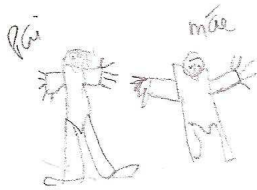


ESTÃO em casa.



Anexos dos desenhos – 4º Caso de Organização Psicótica

D. Família.



~~Cl~~ Cláudio /

Caio /

Cláudio

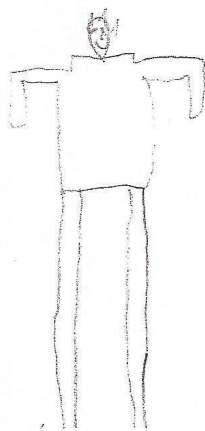
Caio



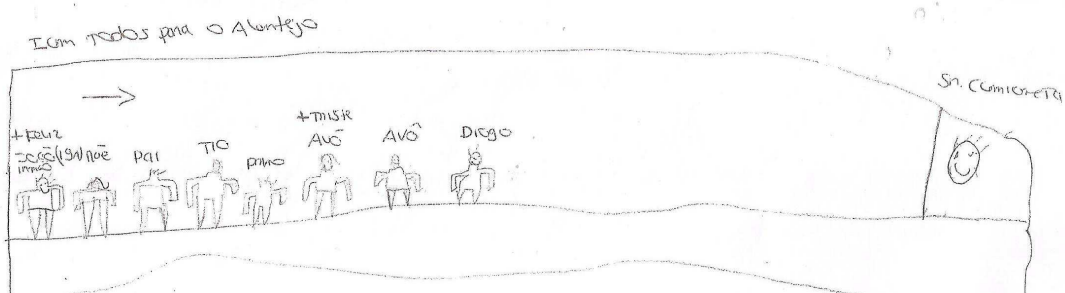
Anexos dos desenhos – 5º Caso de Organização Psicótica

Desenho Figura Humana - Diogo Figueiredo (6 anos) - CH104105

Chama-se teddy - nome do unso de peluche que tem desde os 2 anos
É o unso de peluche



tem mais paciência
 se desenha a si na família, dizendo que pensava
 tinha de desenhar apenas as pessoas mais importantes,
 depois é que desenha.
 quando pergunto qual é o mais triste, 1º diz que é ele, depois
 2º de estava a simon, e que o mais triste é a avs.
 estavam todos na camioneta e iam para o Alentejo.
 tipo de história de família proibido ler de manhã.
 simon quando foi pequeno era ele o mais feliz da família



resenho Livro - Diogo Figueiredo - 04104108

50

